

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 446 - Ano XIV - 16/06/2014

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (online)



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS

Karl Rahner

A busca de Deus a partir da contemporaneidade

Albert Raffelt:

Uma teologia em estreita união com a espiritualidade

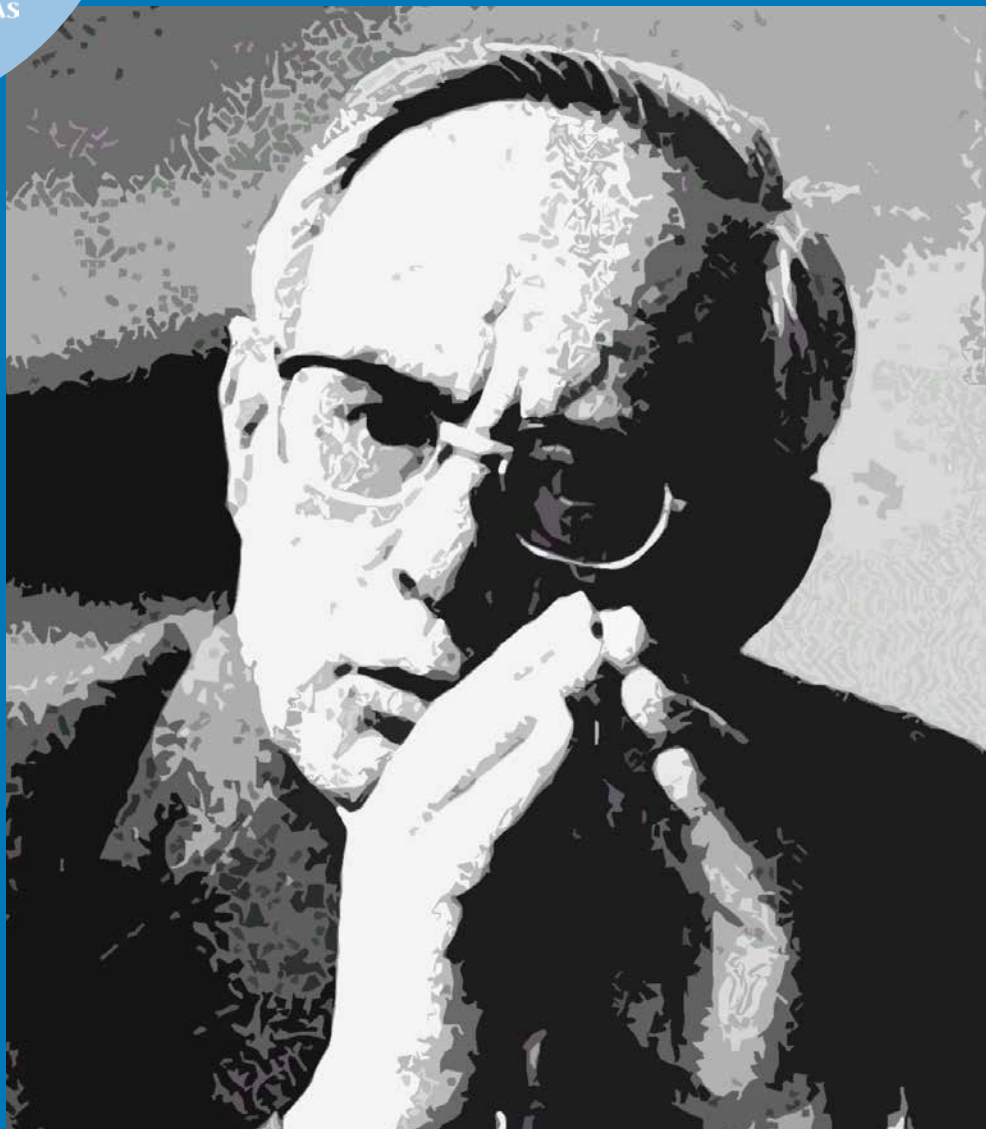
Herbert Vorgrimler:

Karl Rahner, a vida em busca de Deus

Mário de França

Miranda:

Os desafios do cristianismo na época moderna



EMAI

Rodrigo Nunes:

Como o mal-estar se exprimirá depois da Copa?

Adam Kotsko:

A monstruosidade de Cristo. Paradoxo ou dialética

Castor Bartolomé Ruiz:

O poder pastoral, a economia política e a genealogia do Estado moderno

Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade

No ano em que se completam os 110 anos de nascimento do teólogo jesuíta Karl Rahner e 30 anos da sua morte, a **IHU On-Line** celebra sua memória revisitando sua obra no contexto dos 50 anos da realização do Concílio Vaticano II e de um pontificado que se pauta programaticamente neste evento eclesial - onde o teólogo alemão, entre outros, teve bastante papel relevante.

Autor de clássicos como *Hörer des Wortes* (O ouvinte da palavra), de 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), com 16 volumes escritos entre 1954-1984 e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), de 1976, Rahner participou como assessor do Concílio Vaticano II e foi um dos grandes teólogos cristãos do século XX.

Mario de França Miranda, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, constata que experiência da graça forma o núcleo da teologia rahneriana. E, além de ser um cristão “inquieto” ao se sentir “atingido em sua fé pelas transformações socioculturais de seu tempo”, o jesuíta “previu claramente o advento de uma sociedade secularizada e fechada à Transcendência”.

O teólogo alemão **Albert Raffelt**, da Universidade de Freiburg, Alemanha, acentua que a autocomunicação de Deus está no centro da teologia

de Karl Rahner. Coube a ele superar “estreitamentos ecumênicos” e chamar a “atenção da teologia católica para a problemática dos outros caminhos religiosos”. Para **Herbert Vorgrimler**, teólogo docente na Universidade de Münster, Alemanha, “o tema da busca de Deus e dos problemas de Deus é o tema que permeia e move a vida e o pensamento de Rahner, desde sua juventude teológica até sua morte”.

O teólogo italiano **Rosino Gibellini**, diretor literário da editora italiana *Queriniana*, reflete que Rahner talvez possa ser considerado “o primeiro teólogo católico moderno, porque ele se deparou, ao longo de seu extenso trabalho, com os desafios da modernidade”. **Juan Carlos Scannone**, SJ, o maior teólogo argentino vivo, recorda os anos de convivência e estudo com Karl Rahner, descrevendo a sua importância na América Latina através de discípulos como ele próprio e Ignacio Ellacuría para uma compreensão *aggiornata* e conciliar da teologia.

A questão da liberdade, ou seja, da “autonomia”, está no cerne da compreensão de ser humano em Rahner, pondera **Manfredo Araújo de Oliveira**, da Universidade Federal do Ceará - UFC. **Karl Neufeld**, SJ, analisa a presença de noções fundamentais de Rahner e consequências práticas nos documentos

do Concílio Vaticano II, como a “revelação como autocomunicação de Deus”. Para Rahner, observa, a modalidade da salvação é a oferta.

Segundo o mestrando em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, **Edisley Batista**, o cristianismo, a partir do pensamento de Rahner, é entendido como um aperfeiçoamento da religiosidade dos sujeitos.

Duas outras entrevistas e um artigo completam a edição. **Adam Kotsko**, teólogo e professor assistente de Ciências Humanas no Shimer College, em Chicago, Estados Unidos, comentando o livro *A monstruosidade de Cristo. Paradoxo ou dialética*, de Slavoj Žižek e John Milbank, recentemente traduzido para o português.

Rodrigo Guimarães Nunes, doutor em Filosofia pelo *Goldsmiths College*, Universidade de Londres e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, aborda o mal-estar no Brasil para além do evento da Copa. Finaliza a edição o artigo *O poder pastoral, a economia política e a genealogia do Estado moderno*, do professor e pesquisador do PPG em Filosofia da Unisinos, **Castor Ruiz**, em que articula os pensamentos de Foucault e Agamben.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



UNISINOS

Instituto Humanitas
Unisinos

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollicb@unisinos.br),
Luciano Gallas MTB 9660
(lucgallas@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).
Revisão: Carla Bigliardi

Colaboração: César Sanson,
André Langer e Darli Sampaio,
do Centro de Pesquisa e Apoio
aos Trabalhadores – CEPAT, de
Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência
Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio
Fornack

Atualização diária do sítio:
Inácio Neutzling, Patrícia Fachin,
Fernando Dupont, Suélen
Farias, Julian Kober, Nahiene
Machado e Larissa Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Mário de França Miranda** – Karl Rahner e os desafios do cristianismo na época moderna
- 10 **Albert Raffelt** – Karl Rahner. Uma teologia em estreita união com a espiritualidade
- 16 **Herbert Vorgrimler** – Karl Rahner, a vida em busca de Deus
- 20 **Manfredo Araújo de Oliveira** – Filosofia, teologia e autonomia a partir de Rahner
- 23 **Rosino Gibellini** – Rahner. O primeiro teólogo católico moderno
- 26 **Juan Carlos Scannone** – Uma teologia atenta à contemporaneidade
- 28 **Karl Neufeld** – O trabalho intelectual de Karl Rahner e a redescoberta de Deus
- 29 **Baú da IHU On-Line**
- 30 **Edisley Batista** – A implícita presença de Deus no pluralismo religioso

DESTAQUES DA SEMANA

- 35 **Destaques On-Line**
- 36 **Teologia Pública.** A monstruosidade de Cristo. Paradoxo ou dialética
- 39 **Entrevista da Semana.** Como o mal-estar se exprimirá depois da Copa?

IHU EM REVISTA

- 45 **Artigo da Semana.** O poder pastoral, a economia política e a genealogia do Estado moderno
- 54 **Publicação em Destaque.** Territórios da Paz: Territórios Produtivos?
- 55 **Retrovisor**



twitter.com/_ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Karl Rahner e os desafios do cristianismo na época moderna

Mário de França Miranda reflete sobre a produção teórica de Rahner e sua importância no contexto eclesial da segunda metade do século XX

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

A síntese do homem, jesuíta e teólogo Karl Rahner está em sua extensa obra e em seu decisivo papel com relação ao contexto eclesial do pós-guerra na Europa. “A Igreja se encontrava ainda distanciada da sociedade, desconfiada e hostil à irrupção da modernidade, incentivando o neotomismo na formação de seus quadros, mas incapaz de um diálogo frutífero com os novos tempos”, explica o professor doutor Mário de França Miranda, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Karl Rahner anteviu como ninguém os desafios futuros para o cristianismo e lutou para a construção de um catolicismo menos monolítico e mais participativo, de maior liberdade de expressão, de mais diálogo com a realidade”, avalia.

De acordo com o entrevistado, o teólogo alemão previu claramente o advento de uma sociedade secularizada e fechada à transcendência, de onde se origina sua preocupação em propor um fundamento antropológico às verdades cristãs. “Ele mesmo dizia que a teologia fundamental deveria estar presente em todos os tratados teológicos. Ele sabia que o tempo da cristandade estava terminando, que as pessoas não aceitavam sem mais os pronunciamentos doutrinários da Igreja e que se fazia necessária esta mediação antropológica”, aponta Mário de França Miranda. Nesse sentido, é possível estabelecer rela-

ções entre o pensamento de Rahner, o Concílio Vaticano II e algumas posturas levadas a cabo pelo Papa Francisco. “As conquistas do Concílio Vaticano II, saudadas entusiasticamente por Rahner e posteriormente (algumas delas) propositalmente esquecidas, marcam as opções eclesiais do atual bispo de Roma. Fim da centralização romana, maior espaço para as Conferências Episcopais, maior respeito aos bispos como sucessores dos apóstolos, participação do laicato dotado com o sentido da fé, valorização do existencial, do vivido, do testemunho, abertura à sociedade, preocupação com os pobres, são alguns pontos que demonstram quão feliz estaria hoje o nosso teólogo com este papa”, complementa.

Mário de França Miranda possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck e doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana. É professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. É autor de várias obras, entre elas *A existência cristã hoje* (São Paulo: Edições Loyola, 2005), *A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos eclesiológicos* (São Paulo: Edições Loyola, 2006) e *Aparecida: a hora da América Latina* (São Paulo: Edições Paulinas, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi Karl Rahner?

Mário de França Miranda – Aí está uma pergunta de difícil resposta. Primeiramente porque qualquer relato sobre alguém implica também a pessoa que o expressa. Daí alguns traços do biografado receberem maior ênfase, enquanto outros podem ser transcurados ou não devidamente tratados. Reconhecemos de antemão esta insuficiência, embora defendamos também a consistência das afir-

mações do texto. Pergunta difícil também porque nela podemos distinguir o homem, o jesuíta e o teólogo que, entretanto, só podem ser encontrados unidos na pessoa de Karl Rahner. Começemos por sua pessoa de tipo introvertido, pensador, resmungão como ele mesmo se considerava, de uma inteligência que buscava sempre aprofundar as questões, jamais se contentando com o que recebia de terceiros, questionando práticas tradicionais ou formulações consagra-

das. Avesso ao compromisso fácil ou à superficialidade, este seu jeito de ser vai marcar fortemente sua reflexão teológica.

IHU On-Line – E como jesuíta, como caracterizar Karl Rahner?

Mário de França Miranda – Bem, a formação da Companhia de Jesus irá ajudá-lo a desenvolver seus dotes naturais. Primeiramente contribuindo para que se torne um trabalhador incansável, disciplinado, vivendo

com simplicidade e austeridade sua vocação religiosa. No final de sua vida dizia, brincando, que era naturalmente preguiçoso e que aceitava os compromissos para ser estimulado ao trabalho, o que certamente reflete sua humildade, mas de modo algum a verdade. Porém, bem mais importante e decisiva em sua vida foi a experiência profunda que teve por ocasião dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. De fato, a experiência da graça, segundo Karl Lehmann¹, talvez o melhor conhecedor do pensamento de Karl Rahner, constitui o núcleo de toda a sua teologia. Esta afirmação foi comprovada pelo próprio teólogo ao expressar terem sido os Exercícios Espirituais o fator mais decisivo de seu labor teológico, bem mais que seus conhecimentos filosóficos e teológicos posteriores. Não é de admirar que seus primeiros escritos fossem dedicados à questão dos “sentidos espirituais” em Orígenes², Evágrio Ponticus³ e especialmente São Boa-

ventura⁴. De fato, a ação salvífica de Deus no ser humano experimentada pelo jovem Karl o estimulará a ulteriores questionamentos e escritos, como nos comprovam seus textos sobre a ética existencial, a experiência transcendental do Espírito Santo, a consolação sem causa, a decisão existencial, a experiência de Deus no amor fraterno, entre outros.

IHU On-Line – E o que dizer do teólogo Karl Rahner?

Mário de França Miranda – Naturalmente a sua entrada na Companhia de Jesus lhe proporcionará nos anos seguintes não só uma sólida espiritualidade, mas também uma profunda e séria formação filosófica e teológica. Papel decisivo desempenhou o contexto eclesial desta época do pós-guerra. A Igreja se encontrava ainda distanciada da sociedade, desconfiada e hostil à irrupção da modernidade, incentivando o neotomismo na formação de seus quadros, mas incapaz de um diálogo frutífero com os novos tempos. As recentes pesquisas na área bíblica e no setor da liturgia, os estudos patrísticos, os esforços inovadores da Ação Católica, não eram muito bem vistos pela hierarquia eclesiástica. Mas o jovem Rahner, também inconformado com a teologia dos manuais, é informado da “nova teologia” que Henri de Lubac⁵

e outros ensinavam na França (Fourvière). E se dedica à leitura dos Santos Padres e se familiariza cada vez mais com a história dos dogmas, conhecimentos que vão se juntar a uma sólida formação na filosofia e teologia escolástica, como nos comprovam sobejamente seus textos posteriores.

IHU On-Line – Então desde jovem já demonstrava uma vocação teológica?

Mário de França Miranda – De fato não foi bem assim. Pois foi enviado a Friburgo para se especializar em Filosofia, quando então teve Martin Heidegger⁶ como professor. Entretanto sua tese doutoral sobre a metafísica do conhecimento finito em Tomás de Aquino⁷, publicada depois como

à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

6Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou, na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o n° 12 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulada *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* - pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da IHU On-Line)

7 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com

1 **Karl Lehmann (1936):** importante teólogo alemão, atualmente bispo de Mogúncia e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a IHU On-Line traduziu e publicou na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O Cristianismo - Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso - na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em *Multitextos*, n° 1, de outubro de 2003. Em 2011, publicamos o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou nas *Notícias do Dia* a entrevista *Nova et vetera*, sobre a crise de confiança da Igreja católica, disponível em <http://bit.ly/SN9U89>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Orígenes (aproximadamente 185-254):** mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

3 **Evágrio Pôntico (345-397):** monge nascido na Capadócia, em Ibora, no Ponto, por isso chamado de Pôntico. Passou dezesesseis anos de sua vida no deserto do Egito, como anacoreta. Foi discípulo e amigo de São Gregório de Nazianzo, sendo ordenado diácono por ele. Conduziu uma das grandes correntes da espiritualidade bizantina. Para Evágrio, a ascensão espiritual consiste em contemplar a Deus em si mesmo, de modo que se vê a Deus como num espelho. O caminho consiste em despojar-se dos pensamentos apaixonados, depois, mesmo dos pensamentos simples, até a completa nudez de imagens e conceitos. Escreveu diversas obras sobre oração, a vida monástica e a vida ascética. (Nota da IHU On-Line)

4 **São Boaventura (1221-1274):** bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambos carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa, que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da IHU On-Line)

5 **Henri de Lubac (1896-1991):** teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor

“O Espírito no mundo”, não foi aceita por seu orientador, e Rahner viu se fechar as portas da filosofia para ele. Observo que sua tese ficou famosa, recebendo várias traduções, enquanto poucos conhecem o nome deste seu orientador. Mas como os caminhos de Deus não são os nossos, a faculdade teológica de Innsbruck onde lecionava seu irmão Hugo Rahner, também jesuíta, necessitava de um professor para a Teologia dogmática. Rahner apresenta então seu doutorado sobre “a Igreja que nasce do lado de Cristo”, sendo aprovado e podendo iniciar sua carreira como professor de Teologia em 1937. Naturalmente seu vigor especulativo e sua estadia em Friburgo irão marcar fortemente sua teologia.

IHU On-Line – Voltando à história: a atividade docente de Rahner se deu então em Innsbruck?

Mário de França Miranda – Não foi só nesta faculdade, pois em 1964 Rahner deixa Innsbruck para ensinar na cátedra de Romano Guardini o tema da cosmovisão cristã e da filosofia da religião, por convite da Universidade de Munique. Mas como aí não lhe permitiram ensinar na faculdade de Teologia, Rahner vai para Münster em 1967, onde desenvolve sua última atividade docente até 1971, quando então se torna professor emérito. Este fato não significou o fim de suas pesquisas e reflexões. Basta examinar seus inúmeros trabalhos e conferências depois desta data, coroando assim uma vida de dedicação total ao labor teológico e espiritual.

IHU On-Line – Rahner é considerado um dos maiores teólogos do século XX. Como se tornou assim famoso?

Mário de França Miranda – Bem, Rahner sempre foi alguém que não se satisfazia com explicações superficiais ou formulações tradicionais. Daí seu afã em buscar compreender profundamente, de fundamentar solidamente, de expressar diversamente o

que outros recebiam sem questionar. Seus primeiros textos, sejam de espiritualidade, sejam de teologia, deixam já transparecer esta sua preocupação básica. Textos de espiritualidade que tratam da oração, da mística, da ascese, da ação de Deus nas pessoas, das visões, da experiência da graça. Textos de pastoral que englobam temas diversos como princípio paroquial ou missa na televisão, ou ainda textos teológicos como o indivíduo na Igreja, a Igreja pecadora, a concupiscência, a relação entre natureza e graça, Deus no Novo Testamento, as muitas missas e o único sacrifício, o dogma da assunção de Maria. Embora refletissem originalidade e profundidade só se tornaram realmente conhecidos quando a editora Benzinger, da Suíça, resolveu publicá-los sob o título “Escritos de Teologia”, que não só alcançaram um enorme sucesso, mas atraíram também o olhar dos teólogos para este colega ainda pouco conhecido. Sabemos que os 16 volumes dos *Escritos de Teologia* experimentaram muitas edições, sendo traduzidos em diversas línguas. Graças ao empenho de missionários, Rahner foi o autor alemão traduzido no maior número de línguas, ultrapassando nomes como Kant⁸ e Goethe⁹.

8 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista *IHU On-Line*, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

9 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filó-

IHU On-Line – E como pôde ele conseguir esta façanha já que dizem ser seu estilo difícil e rebuscado, de frases longas com abundância de adjetivos e advérbios?

Mário de França Miranda – Naturalmente a língua alemã é de enorme riqueza, oferecendo matizes e expressões que nem sempre se encontram nas línguas neolatinas. A luta de Rahner para ser fiel ao seu pensamento o levou a longas frases para abrigarem em si todas as matizes e riquezas do que ele queria expressar. Mas desde que o leitor se acostume com seu modo de escrever e que se familiarize com as constantes fundamentais de sua teologia, então ele se torna mais claro e direto. Em seus escritos espirituais, não tendo que “lutar com o conceito”, Rahner pode ser compreendido por qualquer um, como comprova seu livrinho “Palavras ao silêncio” que foi um sucesso mundial para um público não especializado. Aliás, tenho a impressão de que este teólogo escreveu muito mais textos espirituais do que se pensa. Para citar alguns: sobre a necessidade da oração, sobre a Hora Santa, sobre os votos religiosos, sobre as realidades cotidianas, sobre a devoção ao Coração de Jesus, sobre as visitas ao Santíssimo, sobre a fé do sacerdote, e muitos outros.

IHU On-Line – E como se explica este fato?

Mário de França Miranda – Na minha opinião, ele brota da própria pessoa de Rahner. As questões relacionadas com a fé cristã não eram para ele questões teóricas, acadêmicas, doutrinárias. Como um cristão de profunda fé, tais questões o atingiam existencialmente e seus escritos refletem bem o envolvimento de sua pessoa nos temas doutrinários. Por exemplo, sua cristologia não se resume a uma sistematização de cunho teológico, mas indaga realmente pelo acesso e pelo relacionamento pessoal

sofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sutrm und Drang. De suas obras, merecem destaque Fausto e Os sofrimentos do jovem Werther. (Nota da IHU On-Line)

com Jesus Cristo. Sua pneumatologia não se limita a uma reflexão sobre o Espírito Santo, mas busca como realmente sua ação é experimentada, captada e expressa pelo ser humano. Sua eclesiologia se ocupa também do nosso relacionamento com a Igreja concreta, com suas falhas e imperfeições. Talvez o segredo da repercussão enorme de sua teologia esteja aqui: ela reflete a postura existencial de seu autor e por isso toca profundamente as pessoas.

IHU On-Line – Poderíamos caracterizá-lo como um cristão inquieto?

Mário de França Miranda – Sem dúvida, se entendemos nesta expressão alguém que se sente também atingido em sua fé pelas transformações socioculturais de seu tempo. Karl Rahner anteviu como ninguém os desafios futuros para o cristianismo e lutou para a construção de um catolicismo menos monolítico e mais participativo, de maior liberdade de expressão, de mais diálogo com a realidade. Ele previu claramente o advento de uma sociedade secularizada e fechada à Transcendência. Daí sua preocupação em oferecer um fundamento antropológico às verdades cristãs como a revelação, a graça de Deus, os sacramentos, a pessoa de Jesus Cristo, a própria Igreja, até o dogma da Santíssima Trindade. Ele mesmo dizia que a teologia fundamental deveria estar presente em todos os tratados teológicos. Ele sabia que o tempo da cristandade estava terminando, que as pessoas não aceitavam sem mais os pronunciamentos doutrinários da Igreja e que se fazia necessária esta mediação antropológica.

IHU On-Line – Reside neste ponto certa dificuldade que experimentam seus leitores em compreendê-lo?

Mário de França Miranda – Certamente, mas lembro que todo grande teólogo reflete sempre a partir de uma base filosófica, mesmo que não explicitamente mencionada. Penso em Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar¹⁰,

¹⁰ Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde se doutorou em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia

Bernard Lonergan¹¹, ou Juan Luis Segundo¹². Ter conhecimento da matriz filosófica destes teólogos é imprescindível para se compreender suas sistematizações. No caso de Rahner, mesmo temas avulsos como a noção de concupiscência, da unidade de espírito e matéria, da evolução humana, dos símbolos cristãos, para citar alguns. Sabemos que a matriz filosófica rahneriana, como toda produção humana, não escapou de certas críticas. J.B. Metz¹³, seu discípulo e amigo, cri-

e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patristico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. *A virtude da ironia na sala de espera do mistério*, publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Bernard Lonergan (1904-1984): teólogo jesuíta canadense, provavelmente o pensador mais significativo do século XX, pela ampliação dos domínios investigados, pelos resultados obtidos no campo da teologia, filosofia (teoria do conhecimento e metodologias de vários domínios do conhecimento) e da teoria geral da economia. Entrou para a Companhia de Jesus em 9 julho de 1922. Estudou filosofia escolástica no Colégio de Heythrop, na Inglaterra, e teologia na Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve o doutoramento em 1940. Na mesma Universidade, lecionou Teologia Dogmática. A partir de 1965, por causa de uma grave operação cirúrgica, deixou de ensinar em Roma e permaneceu no Boston College, em Massachusetts, até 1983, publicando, além de outros escritos, o Método na Teologia, em 1972, e dando cursos curtos nos Estados Unidos e no Canadá. (Nota da IHU On-Line)

¹² Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa ideia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa). (Nota da IHU On-Line)

¹³ Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós-

teu enfoque que apenas se limitava ao ser humano diante de Deus, sendo que todo homem é sempre homem com outros homens e este fato não pode ser ignorado na reflexão teológica. Rahner procurou corrigir esta lacuna com um texto famoso sobre a unidade do amor a Deus e o amor ao próximo. Para mim, pessoalmente, a relação transcendência e história permanece sempre um ponto ainda pouco equilibrado, com repercussões em sua teologia.

IHU On-Line – Embora abrindo novas trilhas no pensamento teológico, este teólogo conseguiu se tornar um dos grandes colaboradores do Concílio Vaticano II. Como se explica este fato?

Mário de França Miranda – De fato não foi assim tão fácil. Rahner esteve sob suspeita das autoridades que exigiam serem seus escritos submetidos a uma censura prévia, em parte devido a sua tese sobre a Igreja pecadora, que seria mais tarde tranquilamente acolhida. Entretanto os bispos da Alemanha, reconhecendo seu valor, conseguiram levá-lo como perito para Roma, onde trabalhou intensamente na preparação dos textos conciliares. Textos sobre a colegialidade, as Conferências episcopais, o próprio Concílio, a Igreja no mundo de hoje, a maioria do cristão, a vocação do laicato nasceram neste contexto eclesial.

IHU On-Line – É incrível a quantidade de artigos e livros deste teólogo. Como conseguia ele encontrar tempo para tão rica produção?

Mário de França Miranda – Realmente Rahner foi um trabalhador infatigável, disciplinado, movido por um enorme zelo sacerdotal. Tudo fazia para transmitir suas convicções íntimas, sua fé cristã, a salvação de Jesus Cristo, a seus contemporâneos. Sempre que era solicitado enviava suas colaborações ou pronunciava suas conferências. Graças ao seu empe-

-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia são memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon13>. (Nota da IHU On-Line)

nho (juntamente com outros), temos obras como o *Lexikon für Theologie und Kirche*, o *Sacramentum Mundi*, o *Handbuch der Pastoraltheologie*, a coleção *Quaestiones Disputatae*, a revista *Concilium*. Quando estive com ele em 1974 ainda trabalhava a cristologia do seu *Curso Fundamental da Fé*, embora me confessasse estar “demasiado velho, doente e burro” (palavras suas) para ainda escrever algo. Mas, como sabemos, publicou esta obra e ainda outros textos.

IHU On-Line – Embora tenha vivido na Europa, condicionado por este contexto sociocultural, teve Karl Rahner alguma influência na teologia latino-americana, mais concretamente nas teologias da libertação?

Mário de França Miranda – Eu diria que uma enorme influência. Em sua obra programática *Teologia da Libertação*, Gustavo Gutierrez reconhece num capítulo a importância da concepção unitária de natureza e graça para a teologia latino-americana. Só foi possível uma teologia do social, da história, das realidades terrestres, depois de vencido certo supranaturalismo da graça de Deus, fortemente criticada por nosso teólogo juntamente com Lubac e Balthasar, entre outros. Também sua preocupação em confrontar a fé cristã com as diversas realidades da vida, da cultura e da sociedade, introduzindo-as na reflexão teológica, foi fundamental para uma teologia que leva a sério a situação dos marginalizados latino-americanos. Sabemos que ele tomou a defesa da teologia da libertação numa colaboração parcial a uma obra sobre a mesma, reconhecendo-a legítima e mesmo necessária para a dolorosa situação social de tantos na América Latina. Ele lamentava mesmo, em seus últimos anos, não ter conhecido este subcontinente, que certamente teria ampliado seu horizonte teológico. Por outro lado, os expoentes das teologias da libertação estudaram bem a teologia rahneriana e demonstram sobejamente esta verdade em seus escritos.

IHU On-Line – Você defendeu uma tese doutoral sobre a teologia trinitária de Karl Rahner e, portanto, teve que dedicar anos ao estudo des-

te teólogo. Que influência teve ele em seu labor teológico?

Mário de França Miranda – Primeiramente eu diria que fui impactado por seu modo mais existencial de pensar a teologia, no qual o teólogo e o cristão estão intimamente unidos, de tal modo que nossa realidade humana, com suas luzes e sombras, não fica de fora dos enunciados doutrinários. Desde meus primeiros estudos filosóficos senti grande empatia por Rahner ao ler seus textos espirituais, nos quais a profundidade temática caminha ao lado da vivência pessoal. Devo também a este teólogo ter me ensinado a pensar. Confesso que segui-lo em suas incursões intelectuais nem sempre me foi muito fácil, exigindo de mim, às vezes, várias leituras para uma adequada compreensão do texto. Mas deste modo, guiado por este estilo de pensar em profundidade, de questionar o demasiado óbvio, de não se contentar com a literalidade das formulações tradicionais, muito aprendi deste mestre. Sempre me impressionou também a liberdade demonstrada por este jesuíta em sua reflexão teológica. Formado por uma pedagogia da liberdade, própria dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, Rahner sempre lhe foi fiel, mantendo-se imune aos diversos grupos na Igreja que buscavam atraí-lo, e sabendo denunciar os abusos das autoridades quando se fazia necessário. Não se importava, como se expressava, se o colocassem à esquerda ou à direita, ou se recebesse aplausos ou apupos. Outro ponto que muito me ajudou foi a amplitude dos temas por ele estudados, que proporciona a seu conhecedor um rico horizonte teológico capaz de situar qualquer tema na totalidade da teologia e relacioná-lo com os demais. Também sua insistência na dimensão analógica, simbólica dos enunciados da fé, que apontam para o Mistério de Deus, sem poder aprisioná-lo no conceito, sempre me impressionou muito.

IHU On-Line – Você vê alguma relação entre o pensamento de Karl Rahner e a renovação eclesial empreendida pelo papa Francisco?

Mário de França Miranda – Certamente! Pois as conquistas do Concílio Vaticano II, saudadas entusiasticamente

por Rahner e posteriormente (algumas delas) propositalmente esquecidas, marcam as opções eclesiais do atual bispo de Roma. Fim da centralização romana, maior espaço para as Conferências Episcopais, maior respeito aos bispos como sucessores dos apóstolos, participação do laicato dotado com o sentido da fé, valorização do existencial, do vivido, do testemunho, abertura à sociedade, preocupação com os pobres, são alguns pontos que demonstram quão feliz estaria hoje o nosso teólogo com este papa. É bastante improvável que Jorge Mario Bergoglio¹⁴ não tenha lido os textos de espiritualidade de seu irmão jesuíta. Basta retomar sua programática Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho* para constatar a afinidade de várias de suas páginas não só com a teologia rahneriana, mas, sobretudo, com a postura existencial, autêntica, transparente, de se viver a fé e de ser cristão. Daí o esforço de renovação e de verdade levado a cabo por ambos.

Leia mais...

- “A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres”. Entrevista com Mário de França Miranda na edição 219 da **IHU On-Line**, de 14-05-2007, disponível em <http://bit.ly/StmuCn>.
- *Um teólogo da modernidade*. Entrevista com Mário de França Miranda na edição 297 da **IHU On-Line**, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/QTutLM>.
- “A Igreja muda para poder continuar sendo Igreja”. Entrevista com Mário de França Miranda na edição 403 da **IHU On-Line**, de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/TTedQx>.
- Leia também o artigo “Rumo a uma nova configuração eclesial”, de Mário de França Miranda, publicado em **Cadernos Teologia Pública** nº 71, disponível em <http://bit.ly/1kXH5BA>.

¹⁴ **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

Karl Rahner. Uma teologia em estreita união com a espiritualidade

Pesquisador Albert Raffelt traça um perfil do pensamento de Karl Rahner

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: WALTER SCHLUPP

“Ele [Karl Rahner] estudou a espiritualidade dos primórdios da Ordem dos Jesuítas e de seu fundador a partir das fontes. Superou estreitamentos ecumênicos, chamou a atenção da teologia católica para a problemática dos outros caminhos religiosos e, ainda em sua última década de vida, percebeu e refletiu sobre a crescente importância das outras religiões universais”, explica Albert Raffelt, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Não demonizou novos movimentos como a teologia da libertação, mas aprendeu deles. Além disso, enfrentou questões sociais e pastorais bem concretas, incluindo questões caritativas específicas como a missão feita nas estações ferroviárias e a assistência a jovens mulheres”, complementa.

Para Albert Raffelt, a teologia de Rahner parte do ser humano e diz respeito às condições de possibilidade da compreensão da revelação. “No centro da teologia de Rahner, porém, está a autocomunicação de Deus. Nada é reduzido às meras necessidades humanas!”, pondera.

Com relação a uma mudança na postura teológica do Papa, que desde Bergoglio tornou-se uma pauta mais popular, o entrevistado lembra que Rahner, juntamente com Johann Baptist Metz, já propunha uma perspectiva mais aberta no texto *Por um papa dos pobres e oprimidos deste mundo: carta aberta aos cardeais alemães*. “O futuro papa de nossa igreja precisa ser – não apenas simbolicamente – um papa dos pobres e

oprimidos do mundo: não um papa burguês cosmopolita, iluminista; não um papa focado em assegurar a subsistência interna da igreja; e tampouco um papa focado em promover remédios sociais. O partidarismo dele pelos pobres e oprimidos seria expressão do seguimento de Jesus, para o qual os aflitos eram os privilegiados. Um papa assim colocaria de novo num contexto prático o programa da santidade cristã e do amor resolutivo pelos ‘mais pequeninos dos irmãos’, o programa da oração e da luta, e poderia tornar visível algo da relevância política de uma solidariedade isenta de ódio – chegando até a tolice da cruz”, lembra Albert ao reproduzir o texto da carta.

Albert Raffelt cursou Teologia em Münster, em München e em Mainz, e foi assistente científico junto a Karl Lehmann em Freiburg na Alemanha. É doutor em Teologia com a tese *Espiritualidade e Filosofia: sobre o problema da mediação da experiência religioso-espiritual em L’Action de Maurice Blondel*. Desde 2000, é professor honorário de Teologia dogmática em Freiburg. Entre suas diversas publicações, citamos *Theologie studieren: Wissenschaftliches Arbeiten und Medienkunde* (Freiburg: Herder, 2003). Raffelt organizou, ao lado do cardeal Karl Lehmann, a obra *Rechenschaft des Glaubens: Karl Rahner-Lesebuch* (Zürich: Benziger; Freiburg: Herder, 1979). Juntamente com Hansjürgen Verweyen publicou o livro *Leggere Karl Rahner* (Ler Karl Rahner), (Brescia: Queriniana, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a novidade da hermenêutica de Rahner¹?

Albert Raffelt – Eu admiro cada vez mais a amplitude da teologia de Rahner: como jovem estudante, ele estudou Orígenes² e Clemente de Alexandria³, grandes padres da igreja que pensavam contra todo e qualquer estreitamento. Absorveu e refletiu sobre

1 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principiais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano.

A **IHU On-Line** nº 90, de 01-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://bit.ly/17tdY00>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://bit.ly/18bsx5S>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na **IHU On-Line** nº 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://bit.ly/19P9wcZ>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no **IHU On-Line** nº 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://bit.ly/1626wqC>. A edição número 102 da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://bit.ly/maOB5H>.

Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://bit.ly/18XbPcU>. A edição 297 da **IHU On-Line**, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://bit.ly/o2e8cX>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Orígenes** (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa Clemente I, São Clemente ou Clemente Romano**: quarto papa da Igreja Católica, entre 88 e 97. Foi um dos primeiros a receber o batismo de São Pedro. É autor da Epístola de Clemente aos Coríntios, o primeiro documento de literatura cristã, endereçada à Igreja de Corinto. (Nota da **IHU On-Line**)

a tradição ocidental desde Agostinho⁴ até Boaventura⁵ e Tomás de Aquino, e até a muito criticada neoescolástica. Outros teólogos importantes, como Hans Urs von Balthasar, falaram do deserto da neoescolástica! Ele estudou a espiritualidade dos primórdios da Ordem dos Jesuítas e de seu fundador a partir das fontes. Superou estreitamentos ecumênicos, chamou a atenção da teologia católica para a problemática dos outros caminhos religiosos e, ainda em sua última década de vida, percebeu e refletiu sobre a crescente importância das outras religiões universais. Não demonizou novos movimentos como a teologia da libertação⁶, mas aprendeu deles. Além disso, enfrentou questões sociais e pastorais bem concretas, incluindo questões caritativas específicas como a missão feita nas estações ferroviárias e a assistência a jovens mulheres. A lista poderia ser continuada.

Vejo a genuína realização hermenêutica de Karl Rahner na fusão de

4 **Santo Agostinho** [Aurélio Agostinho] (354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da **IHU On-Line**, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **São Boaventura** (1221-1274): bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambos carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Teologia da libertação: para saber mais leia a edição nº 401, *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon401>.

tantos enfoques históricos e atuais, que, ainda assim, foram mediados com os temas tradicionais (da chamada “teologia de escola” neoescolástica). Rahner não elaborou uma teologia de escriturinha, mas sempre pensou a partir do centro da vida cristã.

O lado metodológico tem a ver com aquilo que se chamou “virada antropológica”: a teologia de Rahner é uma teologia que parte do ser humano e de suas perguntas; daí o questionamento “transcendental” a respeito das condições de possibilidade da compreensão da revelação. No centro da teologia de Rahner, porém, está a autocomunicação de Deus. Nada é reduzido às meras necessidades humanas! Ainda falarei sobre isso.

IHU On-Line – Como se deu seu diálogo com a escolástica e a filosofia moderna?

Albert Raffelt – O próprio Rahner formulou a tarefa da seguinte maneira: “Deve ser possível, numa investigação histórica, apresentar um grande escolástico de tal maneira que o leitor familiarizado com a filosofia moderna perceba imediatamente que nesse caso um filósofo pensa, em sua linguagem, os mesmos problemas com os quais um Hegel⁷ ou um Kant também se ocuparam. Para quem não considera a filosofia uma série desconexa de opiniões mutuamente contraditórias, não pode, em princípio, haver dúvida de que esse resultado deve poder ser alcançado. Mas é preciso admitir que não há muitas tentativas de demonstração aposteriorística desse fato” (SW, v. 2, p. 435). Rahner empreendeu uma tentativa dessas. Ele não repete os enunciados de Tomás de Aquino,

7 **Friedrich Hegel** [Georg Wilhelm Friedrich Hegel] (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261> e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

mas procura reconstitui-los *pensando*. Aliás, uma de suas publicações iniciais sobre esse assunto saiu primeiro em português, e só em 1972 em alemão (A verdade em S. Tomás de Aquino. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 7, p. 353-370, 1951; em alemão agora SW, v. 2, p. 301-316).

IHU On-Line – Qual era a fundamentação filosófica da teologia de Rahner?

Albert Raffelt – Rahner estudou a filosofia neoescolástica a fundo e não a menosprezou. Mas ele tentou realizar a intenção, acima mencionada, de realmente *pensar* junto com a tradição, e não apenas *conservá-la* repetindo-a. Segundo sua autocompreensão, ele foi marcado especialmente pelos trabalhos de Joseph Maréchal SJ⁸. Para ele, Maréchal – que, por sua vez, foi influenciado por pensadores como Maurice Blondel⁹ ou Pierre Rousselot SJ¹⁰ – seguramente empreendeu o programa esboçado na resposta anterior. As palavras-chave para isso são a dinâmica do processo cognitivo, a abertura do espírito humano para a transcendência, que implica uma relacionalidade imediata com Deus, e metodologicamente a abordagem filosófico-transcendental que parte do sujeito.

O fato de ter estudado com Martin Heidegger certamente influenciou a natureza de seu filosofar. Alguns temas

heideggerianos também influenciaram os trabalhos de Rahner; no *Kleines theologisches Wörterbuch*, por exemplo, ele interpreta o conceito heideggeriano de *Befindlichkeit* [disposição] com o termo básico cristão “coração” como expressão da decisão fundamental tomada de maneira pré-reflexa (SW, v. 17/1, p. 499) – que se chama, na tradição francesa, de *option fondamentale*. O cardeal Karl Lehmann apontou para o fato de que a teologia do mistério de Rahner tem uma proximidade com o Heidegger tardio, mas não uma dependência dele. Certamente não há dependências genuínas na teologia em termos de conteúdo, como Rahner acentuou repetidamente.

Após suas obras iniciais, Rahner não fez mais uma filosofia autônoma, e sim enunciados teológicos sobre muitos temas filosoficamente importantes (liberdade, responsabilidade, culpa e outras, e naturalmente também sobre a questão do conhecimento de Deus e as outras questões metafísicas fundamentais), que certamente contêm um trabalho em termos do pensamento filosófico – como Tomás de Aquino e muitos outros teólogos, cuja “filosofia” só pode ser depreendida de seu trabalho teológico.

IHU On-Line – Quais foram os frutos do debate de Rahner com os teólogos franceses (os dominicanos Congar¹¹ e Chenu¹², e os jesuítas

8 **Joseph Maréchal** (1878-1944): padre jesuíta belga, filósofo e psicólogo no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Leuven. A sua obra fundamental é *Le point de départ de la métaphysique: leçons sur le développement historique et théorique du problème de la connaissance*, (O ponto de partida da metafísica: lições sobre o desenvolvimento histórico e teórico do problema do conhecimento, em tradução livre) 5 vols, (Bruges-Louvain, 1922-47). (Nota da IHU On-Line)

9 **Maurice Blondel** (1861-1949): filósofo francês. Mestre de conferências na Universidade de Lille, 1895-1896. Professor em 1897 na Universidade de Aix-en-Provence, permanecendo no posto até sua enfermidade em 1927. Conhecido por sua filosofia da ação, que partia de um intuicionismo inicial, irrompendo para um espiritualismo metafísico antipositivista, com aparência neoplatônica e tomista, eclética e misticista, com algumas moderações, e que o aproximam ao existencialismo cristão. (Nota da IHU On-Line)

10 **Pierre Rousselot** (1878-1915): autor jesuíta do polêmico *Les yeux de la foi* e teve uma grande influência sobre Henri de Lubac, importante teólogo jesuíta do século XX. (Nota da IHU On-Line)

11 **Yves Marie-Joseph Congar** (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a IHU On-Line publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 08-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da IHU On-Line, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da IHU On-Line)

12 **Marie-Dominique Chenu** (1895-1990): teólogo dominicano francês, foi professor de teologia medieval (1920-1942) e diretor (1932-1942) da Universidade de Le Saulchoir (Bélgica), cargo do qual foi destituído por decisão do Santo Ofício, que incluiu no Índice sua obra *Le Saulchoir*, uma escola de teologia (1937). Em suas obras, *A fé na inteligência* e *O Evangelho na história* (1964), defende a liberdade na investigação teológica e na ação missionária da Igreja. Aplicou o método sociológico à análise eclesial (A doutrina social da Igreja como ideologia, 1979). Seu pensamento influenciou no movimento de reforma que culminou no Concílio Vaticano II, em cujas sessões participou como perito. (Nota da IHU On-Line)

Danielou¹³ e De Lubac¹⁴) e alemães (Vorgrimler¹⁵, Küng¹⁶, Von Balthasar e Metz)?

ria da Igreja. Aplicou o método sociológico à análise eclesial (A doutrina social da Igreja como ideologia, 1979). Seu pensamento influenciou no movimento de reforma que culminou no Concílio Vaticano II, em cujas sessões participou como perito. (Nota da IHU On-Line)

13 **Jean Danielou**: jesuíta francês, que, com os dominicanos Chenu e Congar e os jesuítas Henri De Lubac e Karl Rahner, entre outros, foi um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II. (Nota da IHU On-Line)

14 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito, e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

15 **Herbert Vorgrimler** (1929): foi um dos colaboradores mais íntimos de Rahner, a quem sucedeu como catedrático de Dogmática e História dos Dogmas na Universidade de Münster. Publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler na IHU On-Line nº 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. Disponível em <http://bit.ly/1lljLn>. (Nota da IHU On-Line)

16 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFGF. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confirma no site do IHU, em <http://migre.me/R0s7>, a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada “Projeto de Ética Mundial. Um debate”. (Nota da IHU On-Line)

Albert Raffelt – Neste caso é preciso fazer várias distinções. Rahner tomou conhecimento bastante cedo da teologia dos jesuítas franceses. Ele leu, por exemplo, os trabalhos de Lubac e também os resenhou e louvou (SW, v. 4, p. 484-485). Através de seu amigo Hans Urs von Balthasar havia mais uma ligação com essa teologia. Na discussão em torno da *nouvelle théologie*, ele tentou produzir uma mediação com a “teologia de escola” neoescolástica (“existencial sobrenatural”). Penso que ao menos para a eclesiologia e a doutrina da graça se pode verificar uma grande proximidade nesse caso.

Vejo menos ligações diretas com os dominicanos. Naturalmente as publicações dos teólogos mencionados influenciaram Rahner. Mas ele buscou o contato direto com iniciativas dos dominicanos franceses na pastoral (no esboço do *Handbuch der Pastoraltheologie*). Naquela época, entretanto, isso era difícil, pois as medidas tomadas por Roma contra os sacerdotes operários tornavam suspeitas algumas iniciativas pastorais, de modo que provavelmente isso não pode ser comprovado no projeto posterior do livro *Handbuch der Pastoraltheologie*.

Já a relação com os teólogos alemães mencionados deve ser definida de modo bem diferente. Havia uma grande proximidade com Hans Urs von Balthasar, e um paralelismo no caso dos estudos dos primeiros padres da igreja (por exemplo, ambos se ocuparam ao mesmo tempo com a teologia monacal de Evágrio Pôntico¹⁷). A intenção comum de elaborar uma grande dogmática científica levou até ao fechamento de um contrato com uma editora. Entretanto, neste caso só se chegou até o esboço comum intitu-

lado *Über den Versuch eines Aufrisses einer Dogmatik*, que Rahner publicou sozinho mais tarde (SW, v. 4, p. 404-448), pois a trajetória de vida de von Balthasar seguiu outros rumos depois de ele sair da Companhia de Jesus. A obra *Mysterium salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica* (2. ed., Petrópolis, 1978) se baseia nesse esboço. Por isso, Rahner ficou profundamente surpreendido com a crítica incisiva de von Balthasar em seu livro *Cordula oder der Ernstfall* (1966), que levou a um alheamento que nunca mais foi superado, embora também mais tarde tenha havido colaboração em diversas publicações.

Johann Baptist Metz sempre foi considerado o mais especulativo discípulo de Rahner. Por um lado, sua crítica à teologia transcendental de Rahner o surpreendeu. Assim, quando Metz escreve: “A doutrina da fé transcendental [...] não carrega por demais os traços de uma gnosiologia elitista e idealista?” (Metz, *Glaube in Kirche und Gesellschaft*, Mainz, 1977, p. 141). Por outro lado, Rahner levou a crítica a sério e refletiu sobre ela. Contudo, também se podem fazer algumas objeções à crítica de Metz. Basta mencionar o seguinte: Rahner fez uma teologia relacionada com a sociedade muito antes do surgimento da chamada “teologia política” e, em minha opinião, fez isso de maneira muito mais concreta, como já foi dito no início. É só comparar o volume SW 10, intitulado *Kirche in den Herausforderungen der Zeit* [Igreja nos desafios do tempo].

Herbert Vorgrimler foi, durante muito tempo, um dos mais próximos colaboradores de Rahner e decerto tinha um relacionamento particularmente estreito com ele. Ambos também cooperaram como autores (*Kleines theologisches Wörterbuch* [SW, v. 17/1, p. 461-873]); eles se empenharam pela introdução do diaconato permanente na Igreja Católica (SW, v. 16, 534-536); Vorgrimler foi o editor das *Pregações bíblicas* (São Paulo, 1968; em alemão: SW, v. 14, p. 221-326), que destroem a lenda de um Rahner que estaria distante da Bíblia (em SW, v. 1, haverá outros testemunhos disso). As cartas francas que Rahner escreveu a Vorgrimler durante o Concílio mostram toda a familiaridade que havia entre eles.

IHU On-Line – Em que consistiram as principais divergências que Karl Rahner teve com Hans Küng?

Albert Raffelt – Rahner incentivou Küng, apoiou sua tese de doutorado por meio de um grande ensaio, aceitou seu livro *Strukturen der Kirche* em sua série *Quaestiones disputatae*, fundou junto com ele e outras pessoas a revista *Concilium*, entre outras coisas. Rahner não pôde aceitar o livro *Unfehlbar?* [Infalível?] de Küng, porque, em sua opinião, neste caso se abandonou o terreno da interpretação católica dos dogmas. A confrontação com Küng acabou levando a um desfecho conciliatório. Mas em termos de conteúdo as divergências permaneceram. A análise mais exata tem de mostrar até que ponto essas divergências podem ser superadas. O próprio Rahner levou muito longe a relativização de uma teologia da infalibilidade extrema – Küng pressupõe uma teologia dessas como pano de fundo de sua crítica ao dogma da infalibilidade – em seu ensaio *Zum Begriff der Unfehlbarkeit in der katholischen Theologie* [O conceito de infalibilidade na teologia católica] (SW, v. 22/2, p. 689-703). No engajamento ecumênico ambos estão muito próximos.

IHU On-Line – E quais foram os pontos fundamentais do rompimento teológico entre Rahner e Ratzinger¹⁸?

Albert Raffelt – Não é fácil identificar uma ruptura *teológica* entre Rahner e Ratzinger. Existem, em minha opinião, várias divergências em termos de *política eclesial*. Elas se devem, em parte, a razões pessoais. Isso tem a ver com o fato de que o cardeal Ratzinger e o então secretário da Educação da Baviera Hans Maier impediram a convocação de Johann Baptist Metz,

18 **Joseph Ratzinger** (1927): teólogo alemão, de 2005 a 2013 assumiu o trono de Pedro sob o nome de Papa Bento XVI e hoje é chamado de Papa Emérito. Autor de uma vasta e importante obra teológica, tem como um dos seus livros fundamentais *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). Renunciou em fevereiro de 2013 ao pontificado. Sobre esse fato confira o seguinte material publicado pelas Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 03-03-2013: *Conjuntura da Semana. Bento XVI. As primeiras avaliações de um pontificado*, disponível em <http://bit.ly/XkPinw>. (Nota da IHU On-Line)

17 **Evágrio Pôntico** (345-397): monge nascido na Capadócia, em Içora, no Ponto, por isso chamado de Pôntico. Passou 16 anos de sua vida no deserto do Egito, como anacoreta. Foi discípulo e amigo de São Gregório de Nazianzo, sendo ordenado diácono por ele. Conduziu uma das grandes correntes da espiritualidade bizantina. Para Evágrio, a ascensão espiritual consiste em contemplar a Deus em si mesmo, de modo que se vê a Deus como num espelho. O caminho consiste em despojar-se dos pensamentos apaixonados, depois, mesmo dos pensamentos simples, até a completa nudez de imagens e conceitos. Escreveu diversas obras sobre oração, a vida monástica e a vida ascética. (Nota da IHU On-Line)

discípulo e amigo de Rahner, para a Universidade de Munique (quanto a isso, SW, v. 31, p. 464-475). Isso tem a ver, ainda, com uma visão diferente de questões sociais; também com questões do engajamento político dentro do espaço eclesialístico entre as comunidades de estudantes universitários (quanto a isso, SW, v. 24/2, p. 820-832). Disso provinha também a avaliação diferente da teologia da libertação latino-americana, que Rahner – bem ao contrário de Ratzinger – defendeu diversas vezes. A crítica incisiva de Ratzinger ao plano de uma possível unificação das igrejas apresentado por Karl Rahner e Heinrich Fries¹⁹ (SW, v. 27, p. 286-396; contra isso, Ratzinger, *Internationale katholische Zeitschrift*, v. 12, p. 568-582, 1983) também foi formulada publicamente. Por trás disso se podem, naturalmente, identificar divergências eclesiológicas; ainda assim, elas se encontram num terreno comum. Na área propriamente teológica há, finalmente, estilos muito diversos. Rahner opera no marco da “teologia de escola” neoescolástica e procura levá-la adiante, situando-se na tradução escolástica jesuítica. Ratzinger se formou na teologia alemã em sua versão corrente em Munique, menos comprometida com a neoescolástica. Mas não se deveriam exacerbar demais as divergências. Rahner também iniciou com um amplo estudo dos padres da igreja, ocupando-se com Orígenes, Clemente de Alexandria, Agostinho e outros, não sendo, portanto, simplesmente um neoescolástico. Além disso, ele tem muito mais abertura para a modernidade do que Ratzinger. Mas, como mostra a resenha que Ratzinger escreveu (*Theologische Revue*, v. 74, p. 177-186, 1978) sobre o *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo* de Karl Rahner, um respeita o labor teológico do outro e não se constata – ao contrário do que ocorre no caso das afirmações sobre política eclesialística – a existência de antagonismo.

IHU On-Line – Especialistas dizem que, assim que houver uma “vi-

¹⁹ Heinrich Fries (1911-1998): foi um dos mais comprometidos teólogos católicos do movimento ecumênico na segunda metade do século XX. Foi professor de teologia fundamental e teologia ecumênica na Universidade de Munique. (Nota da IHU On-Line)

rada” na igreja, Rahner será a base dela e voltará a ser um autor de referência. A ascensão do Papa Francisco poderia ser esse momento? Por quê?

Albert Raffelt – Existe um belo texto de Johann Baptist Metz e Karl Rahner escrito antes da eleição papal de 1978 e intitulado *Por um papa dos pobres e oprimidos deste mundo: carta aberta aos cardeais alemães* (SW, v. 28, p. 74s.). Nela eles afirmam o seguinte: “O futuro papa de nossa igreja precisa ser – não apenas simbolicamente – um papa dos pobres e oprimidos do mundo: não um papa burguês cosmopolita, iluminista; não um papa focado em assegurar a subsistência interna da igreja; e tampouco um papa focado em promover remédios sociais. O partidismo dele pelos pobres e oprimidos seria expressão do seguimento de Jesus, para o qual os aflitos eram os privilegiados. Um papa assim colocaria de novo num contexto prático o programa da santidade cristã e do amor resolutivo pelos ‘mais pequeninos dos irmãos’, o programa da oração e da luta, e poderia tornar visível algo da relevância política de uma solidariedade isenta de ódio – chegando até a tolice da cruz”. O programa do papa Francisco em *Evangeli gaudium*²⁰ é muito semelhante a esta conclamação daquela época.

IHU On-Line – Em que medida o “coração” da teologia de Rahner é a experiência da graça?

Albert Raffelt – É possível abordar essa pergunta a partir de dois lados. No primeiro texto sobre a oração que Rahner publicou quando tinha 20 anos (SW, v. 1, p. 3-4), ele afirma, fazendo referência à Epístola de Tiago, que Deus se aproxima da pessoa que ora, comunica-se à sua criatura e a envolve em seu amor e louvor. E em sua última grande palestra, 60 anos depois, Rahner afirma que a autocomunicação de Deus se encontra no centro de sua teologia (SW, v. 25, p. 47-57). A partir de ambos os lados dessa realidade última e una – do polo subjetivo da experiên-

cia da graça e do objetivo da autocomunicação de Deus – podem-se desenvolver todos os temas da teologia de Rahner, desde a antropologia até a doutrina da trindade. Por isso também há, em Karl Rahner, uma unidade tão estreita entre espiritualidade e teologia científica – e entre publicações espirituais e acadêmicas!

Seria possível mencionar exemplos. Assim, no texto intitulado *Alltägliche Dinge* [Coisas do cotidiano] (SW, v. 23, p. 475-487), Rahner procura evidenciar vestígios da transcendência em atos humanos básicos como andar, sentar, ver, rir, etc. O que impressionou a mim foi – por assim dizer, na outra extremidade da reflexão em comparação com os fenômenos do cotidiano, em meio à “alta teologia” – a pequena doutrina da trindade que se encontra no *Curso fundamental da fé* (4, nº 4), com sua explicação da proposição de que a trindade histórico-salvífica (econômica) e a imanente são uma só trindade; o que ele diz sobre a proximidade do Espírito Santo “no mais íntimo centro da existência”, a presença do *Logos* na história concreta e, além disso, as afirmações sobre Deus Pai como “o fundamento e origem inapreensível de sua chegada no Filho e no Espírito” (SW, v. 26, p. 135). Isso parece complicado ao ser resumido mais uma vez assim, mas essa é uma teologia que se pode orar quando se medita sobre o que ela diz. Também se poderia mencionar aqui o pequeno escrito intitulado *Erfahrung des Geistes* [Experiência do Espírito] (SW, v. 29, p. 38-57). Mas também haveria abordagens bem diferentes para deixar clara a centralidade da experiência da graça. Penso, por exemplo, em algumas contribuições cristológicas.

IHU On-Line – Como o evento do Holocausto repercute na Teologia de Rahner?

Albert Raffelt – Os traços básicos da teologia de Karl Rahner foram elaborados antes que ele pudesse se confrontar com o Holocausto. No fim da 2ª Guerra Mundial ele já tinha 41 anos. O horror desse acontecimento também só se tornou paulatinamente claro em toda a sua extensão. Os processos de Auschwitz – lembro-me dos noticiários sobre eles na época da minha juventude – só tiveram lu-

²⁰ *Evangeli Gaudium*: (A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual), é a exortação apostólica do Papa Francisco, publicada no dia 24 de novembro de 2013. Ela constitui-se no documento programático do pontificado do Papa atual. A íntegra do documento foi publicada pelas Edições Loyola e Paulus, 2013. (Nota da IHU On-Line)

gar a partir de 1963, quando Rahner já tinha quase 60 anos. Foi só nessa época que teólogos começaram a refletir sobre a relevância teológica do acontecimento – no caso de Johann B. Metz a confrontação intensiva com ele ocorreu na década de 1980.

Rahner se posicionou sobre questões concretas, como na discussão sobre a prescrição desses crimes (SW, v. 24, p. 873). Posicionou-se também em sua Introdução ao texto *Dein verkannter Bruder* [Teu irmão não reconhecido], de André Neher²¹ (SW, v. 27, p. 31-35). Trocou ideias com Friedrich Georg Friedmann²² sobre o diálogo judaico-cristão (SW, v. 27, p. 43-48). Um de seus últimos livros, *Heil von den Juden?* [A salvação vem dos judeus?], é um diálogo com o filósofo e teólogo judeu Pinchas Lapide²³ (SW, v. 27, p. 397-453). Outros vestígios são apenas indiretos quando ele se ocupou com o tema da teodiceia.

Não se deve limitar o tema a referências diretas ao Holocausto, mesmo que neste caso certamente haja lacunas e oportunidades não aproveitadas. Felizmente os últimos papas trataram intensivamente do diálogo entre judeus e cristãos e o papa Francisco retomou esse tema de forma ainda mais intensiva (cf. o *Osservatore Romano* de 17 jan. 2014).

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Albert Raffelt – As perguntas eram de caráter muito fundamental. Por isso, não gostaria de acrescentar

21 **André Neher** (1914-1988): foi um erudito e filósofo judeu. Professor no Collège Erckmann-Chatrian em Phalsbourg, e no Liceu Kléber, em Estrasburgo. Durante a Segunda Guerra Mundial, viveu em Brive-la-Gaillarde, onde ele era um membro da comunidade do Rabino David Feuerwerker. Após a guerra, tornou-se professor na Universidade de Estrasburgo, antes de se mudar com sua esposa, Renée Neher-Bernheim, para Jerusalém, Israel. (Nota da IHU On-Line)

22 **Georg Friedrich Friedmann** (1912-2008): foi um historiador cultural alemão e um grande representante do diálogo entre judeus e cristãos na Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

23 **Pinchas Lapide** (1922-1997): foi um teólogo e escritor judeu e historiador. Foi diplomata israelense de 1951 a 1969 e, neste período, cônsul em Milão. Teve relevante papel no reconhecimento internacional do Estado de Israel. Publicou cerca de 35 obras. (Nota da IHU On-Line)

nada mais sobre a teologia de Rahner em termos de conteúdo. Mas talvez seja bom fazer ainda uma breve referência ao tema “Rahner e o Concílio Vaticano II”, pois nos volumes SW 21/1 e 21/2 foram publicados agora, pela primeira vez, todos os textos de Rahner sobre o assunto, desde as primeiras reações e os pareceres da época da preparação do concílio para o cardeal König (Viena), passando pelos esboços elaborados para os bispos alemães – em parte, em conjunto com Ratzinger, mas principalmente com os teólogos jesuitas alemães A. Grillmeier²⁴, O. Semmelroth²⁵, o bispo e depois cardeal H. Volk²⁶ e outros –, até os textos interpretativos sobre o evento do Concílio. Como quase ao mesmo tempo foram apresentados, nos *Gesammelte Schriften* [Escritos completos], os trabalhos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio, agora é possível avaliar, contra as lendas de que teria havido uma manipulação do Concílio (R. M. Wiltgen, *The Rhine flows in the Tiber*, New York, 1967), o grande trabalho real desses teólogos para o concílio. Para quem busca uma interpretação do trabalho de Rahner para e sobre o Concílio, remeto à palestra sobre Rahner de Günther Wassilowsky, *Als die Kirche Weltkirche wurde* (disponível em: www.freidok.uni-freiburg.de/volltexte/8551/). A carta nela citada de Karl Rahner a seu irmão Hugo sobre o trabalho do Concílio (“Es ist merkwürdig bei einem Konzil”: Bericht und Ermutigung für den älteren Bruder Hugo Rahner SJ, *Stimmen der Zeit*, n. 230, p. 590-596, 2012) contém, aliás, também uma referência à colaboração com os bispos brasileiros.

Além disso, gostaria apenas de expressar minha esperança de que também no futuro Karl Rahner seja lido in-

24 **Aloys Grillmeier** (1910-1998): foi um padre jesuíta alemão, teólogo e foi feito cardeal-diácono da Igreja Católica, em 1994, pelo Papa João Paulo II. (Nota da IHU On-Line)

25 **Otto Semmelroth**: professor de teologia dogmática na Faculdade Filosófico-Teológico de St. Georgen. O estudo “A Igreja como sacramento primordial” (Frankfurt am Main 1953) foi considerado inovador para a recuperação da compreensão sacramental da Igreja. Ele foi um teólogo influente no Concílio Vaticano II. (Nota da IHU On-Line)

26 **Hermann Volk** (1903-1988): teólogo alemão, foi bispo Mainz de 1962-1982, e elevado ao cardinalato em 1973. (Nota da IHU On-Line)

tensivamente como mestre espiritual – afinal, os livros dele sobre o assunto, como *Trevas e luz na oração* (São Paulo, 1961) e *Apelos ao Deus do silêncio* (Lisboa, 1968), estão entre suas obras mais disseminadas em nível internacional; belos são também os pequenos escritos, há pouco reeditados, *Por que razão nos deixa Deus sofrer?* (Braga, 2011) e, muito atual face ao jubileu do Concílio, *O Concílio – começar de novo* (Braga, 2013). Naturalmente, a obra teológica em seu conjunto continua sendo uma tarefa para o pensamento de todo teólogo também hoje em dia. Olhando-se a lista da bibliografia secundária, com mais de 4.500 títulos (disponível em: <http://dSPACE.ub.uni-freiburg.de/handle/25/2>), vê-se que ele continua sendo o mais discutido teólogo católico do passado mais recente. Quando a edição de suas obras completas, *Sämtliche Werke*, com quase 40 volumes, estiver concluída – o que deve acontecer em breve –, o conjunto de sua obra também estará disponível para leitura. A primeira edição em língua estrangeira está sendo publicada atualmente na França (*Œuvres*, Paris: Éd. du Cerf, 2011ss). É de se esperar que outras áreas linguísticas se sigam a ela.

Referência

SW = Karl Rahner, *Sämtliche Werke*, Freiburg i. Br.: Herder, 1995ss; a conclusão está prevista para 2015 – até agora foram publicados 29 volumes em 35 tomos, e um outro volume está no prelo (SW, v. 1). Faltam ainda o volume 5 (*De gratia Christi*) e o volume com os índices, SW, v. 32). Um panorama se encontra em www.ub.uni-freiburg.de/fileadmin/ub/referate/04/rahner/rahnerma.htm.

Leia mais...

- “Deus é o homem e o será eternamente”. Entrevista com Albert Raffelt Publicada na edição 102 da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, disponível em <http://bit.ly/1qHtED>;
- *Rahner e a inovação do pensamento teológico*. Entrevista com Albert Raffelt Publicada na edição 297 da **IHU On-Line**, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/1qHHSae>.

Karl Rahner, a vida em busca de Deus

Professor Herbert Vorgrimler apresenta o pensamento e a obra de Rahner em paralelo com a vida do teólogo alemão

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO WALTER SCHLUPP

“O tema da busca de Deus e dos problemas de Deus é o tema que permeia e move a vida e o pensamento de Rahner, desde sua juventude teológica até sua morte”, explica o professor doutor Herbert Vorgrimler em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Uma parte substancial do legado conquistado por Rahner é a liberdade de expressão na igreja. Existem diferenças qualitativas entre a teologia nas universidades estatais e a teologia nas instituições de ensino superior puramente eclesiais. Em muitos lugares existe um diálogo intenso, também institucional, entre as ciências naturais e a teologia que é muito importante para a validade da teologia na esfera pública”, argumenta.

A postura hospitaleira de Karl Rahner com relação ao outro, ao diferente, levou-o a uma postura de diálogo, inclusive com os leigos. “Ele [Rahner] atuou em prol do engajamento dos chamados leigos em pé de igualdade na igreja, pela valorização das mulheres, incluindo

do sua admissão aos ministérios eclesiais, por um ecumenismo verdadeiro, particularmente com os cristãos protestantes, incluindo o reconhecimento de seus ministérios, pelo esforço por um conhecimento aprofundado da Sagrada Escritura”, acentua Herbert Vorgrimler. Despido de vaidades eclesiais, Rahner pensava o papel do sacerdote a partir de dois eixos: ser servo de Jesus Cristo e servidor de sua palavra. O teólogo alemão considerava “repugnantes exaltações ideológicas da condição de sacerdote do tipo “ser um segundo Cristo”, “tornar Jesus Cristo presente como interlocutor da comunidade”, “atuar no lugar de Jesus Cristo”, porque fazem com que a vida se baseie numa mentira”, recorda Vorgrimler.

Herbert Vorgrimler é teólogo docente na Universidade de Münster, Alemanha, autor de dezenas de obras e conhecido por sua colaboração, em 1965, com Karl Rahner na produção do livro *Theological Dictionary* (Crossroad Pub Co; 2 edition, 1985).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os principais entrelaçamentos entre vida, obra e pensamento de Karl Rahner?

Herbert Vorgrimler – O mais importante e duradouro entrelaçamento é o tema do mistério incompreensível, infinito que chamamos de “Deus”. Nas palavras do próprio Rahner: “O mistério eterno me envolve e penetra, o mistério infinito, que é completamente diferente dos resquícios juntados do que por enquanto ainda não se sabe e ainda não se experimentou, o mistério que, em sua infinitude e den-

sidade, é o que, ao mesmo tempo, está no mais exterior e no mais íntimo das mil realidades fragmentadas que chamamos de mundo de nossa experiência. Esse mistério está aí, se manifesta ao silenciar; deixa serenamente falar aqueles que declaram que falar dele só produz palavrório sem sentido. No momento em que não se ama, em atitude de adoração, esse mistério que tudo envolve silenciosamente, ele se torna um escândalo”.

O tema da busca de Deus e dos problemas de Deus é o tema que per-

meia e move a vida e o pensamento de Rahner, desde sua juventude teológica até sua morte. Na citação acima, Rahner fala do amor ‘adorante’ a Deus, o mistério eterno. Esse tema constitui a unidade de sua vida e seu pensamento. Mas e a obra de Karl Rahner? Ele não apresentou uma obra coesa e conexa. Publicações substanciais se ocupam com o tema da oração. O primeiro texto impresso dele, do ano de 1925, tem o título “Por que a oração é necessária para nós”. A uma coletânea de orações de 1937,

que teve uma enorme repercussão, ele deu o título “Palavras para dentro do silêncio”. Uma compilação de homilias foi publicada no ano de 1949 sob o título “A necessidade e a bênção da oração”.

O jovem docente Karl Rahner tinha um plano de publicar, junto com companheiros de jornada, uma exposição do conjunto da fé cristã em novas perspectivas que deveria ter o tradicional título “Dogmática”. Quando Hans Urs von Balthasar (1905-1988), depois de um assentimento inicial, desistiu de participar desse projeto, pois tinha problemas com a Ordem dos Jesuítas, da qual fazia parte na época, e quando o jovem e talentoso jesuíta Alfred Delp¹ (1907-1945) foi executado pelos asseclas de Hitler² porque fizera parte do grupo de conspiradores do 20 de julho de 1944, Rahner suspendeu esse plano. Assim surgiram os 14 volumes de *Schriften zur Theologie* [Escritos de teologia], uma coletânea de escritos ocasionais que tiveram uma história diversificada. Um grupo de discípulos de Rahner (Karl Lehmann, Johann Baptist Metz, Albert Raffelt³, Herbert Vorgrimler,

“A busca de Deus e dos problemas de Deus é o tema que permeia e move a vida e o pensamento de Rahner”

Andreas R. Batlogg⁴ SJ) está editando as *Sämtliche Werke* [Obras completas] dele, que compreenderão 32 volumes (com previsão de conclusão em 2014).

IHU On-Line – Qual é o seu itinerário intelectual até chegar à obra “Escritos de Teologia”?

Herbert Vorgrimler – Esse itinerário está marcado por seu ingresso, aos 18 anos, na “Companhia de Jesus”, a Ordem dos Jesuítas. Rahner entrou deliberadamente nessa ordem – e não na dos beneditinos – e permaneceu jesuíta de modo consciente e fiel até sua morte em 1984.

IHU On-Line – Como era a Teologia à época em que Rahner ingressou na Companhia de Jesus? O que mudou de lá para cá?

Herbert Vorgrimler – Ao passo que as disciplinas históricas tinham grande liberdade na igreja, as sistemáticas, especialmente a dogmática e a teologia moral, encontravam-se sob a mais rigorosa supervisão do magistério do Vaticano. O que estava em vigor era a “teologia escolástica” em forma de teses e distinções, e estava em vigor com a aprovação da igreja oficial. As medidas tomadas pela Cúria romana contra teólogos se torna-

ram muito mais raras desde o Concílio Vaticano II⁵.

IHU On-Line – A partir do legado desse teólogo, qual é o lugar da Teologia em nosso tempo?

Herbert Vorgrimler – Uma parte substancial do legado conquistado por Rahner é a liberdade de expressão na igreja. Existem diferenças qualitativas entre a teologia nas universidades estatais e a teologia nas instituições de ensino superior puramente eclesiais. Em muitos lugares existe um diálogo intensivo, também institucional, entre as ciências naturais e a teologia que é muito importante para a validade da teologia na esfera pública.

IHU On-Line – Qual é a peculiaridade do projeto teológico de Rahner como um todo?

Herbert Vorgrimler – Correspondendo ao interesse dos ouvintes e leitores, Rahner partia das experiências das pessoas, em que buscava vestígios das experiências de Deus. Sempre que

5 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o ciclo de estudos *Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira a edição 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>. Ainda sobre o tema, a **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, esta disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. (Nota da **IHU On-Line**)

1 **Alfred Delp** (1907-1945): padre jesuíta alemão executado por sua resistência ao regime nazista. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (Minha Luta). No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados “indesejados”, como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da **IHU On-Line**, de 13-06-2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda - as últimas horas de Hitler*, disponível em <http://bit.ly/ihuon145>. A edição 265, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em <http://bit.ly/ihuon265>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Mais informações sobre ele, confira a entrevista publicada nesta edição da

IHU On-Line.

4 **Andreas R. Batlogg** (1962): é um teólogo austríaco, jesuíta, editor-chefe da revista *Stimmen der Zeit* e diretor científico do arquivo Karl Rahner. (Nota da **IHU On-Line**)

possível, abria mão do jargão da teologia acadêmica. Ele não queria dizer coisas novas, mas também não dizer coisas antigas de maneira antiga, e sim dizer o antigo de maneira nova. Para ele, os escritos espirituais eram mais importantes do que seus tratados teológicos.

IHU On-Line – Em que medida se apresenta a sua consciência de responsabilidade teológica frente às necessidades religiosas do tempo?

Herbert Vorgrimler – Rahner queria ajudar *toda* pessoa a descobrir o mistério (mistagogia) que vive nela cheio de amor; por isso, encontrava-se com toda pessoa com o máximo de respeito e tolerância, sem condenação. Como teólogo, ensinou a “vontade salvífica universal de Deus”. Ele estava convencido de que Deus não perde nenhuma pessoa. Voltarei a esta questão na penúltima resposta.

IHU On-Line – Por outro lado, como se manifesta a preocupação genuinamente pastoral e querigmática de sua teologia?

Herbert Vorgrimler – Rahner estava sempre disposto a travar “conversas espirituais”, que as pessoas esperam de curas d’alma. Na “Companhia de Jesus”, foi ordenado sacerdote da Igreja Católica. Para ele, ser sacerdote tinha dois focos: ser servo de Jesus Cristo e servidor de sua palavra. Ele achava profundamente repugnantes exaltações ideológicas da condição de sacerdote do tipo “ser um segundo Cristo”, “tornar Jesus Cristo presente como interlocutor da comunidade”, “atuar no lugar de Jesus Cristo”, porque fazem com que a vida se baseie numa mentira. Ele pregou e interpretou o evangelho inúmeras vezes. Particularmente importantes para seu serviço pastoral e querigmático eram, para ele, os exercícios inacianos. Durante sua vida, ele deu esses exercícios para outras pessoas mais de 50 vezes. Via neles uma excelente fonte da teologia. Ele buscava especialmente o diálogo com jovens, e há dois livros que documentam sua

“Uma parte substancial do legado conquistado por Rahner é a liberdade de expressão na igreja”

correspondência com eles. Tinha relações especiais com um lar dos jesuítas para jovens em Viena, em que viviam jovens que tinham se envolvido com a criminalidade em diversos níveis e, por isso, também tinham estado na prisão, bem como jovens dependentes de drogas. Mas ele também se preocupava muito com a “cura do corpo”, com as necessidades materiais das pessoas. Como religioso pobre, ele próprio não tinha dinheiro, mas podia estimular outras pessoas a dar e ajudar. Na última palestra de sua vida, aos 80 anos, pediu aos ouvintes doações para a aquisição de uma motocicleta para um missionário atuante na África.

IHU On-Line – Qual é a contribuição de Rahner para a abertura das ideias surgidas a partir do Concílio Vaticano II?

Herbert Vorgrimler – Para Rahner era decisiva a ideia de que a igreja tinha de voltar a uma amplitude de coração e de espírito que era característica de seus primórdios. Assim, ele atuou em prol do engajamento dos chamados leigos em pé de igualdade na igreja, pela valorização das mulheres, incluindo sua admissão aos ministérios eclesiais, por um ecumenismo verdadeiro, particularmente com os cristãos protestantes, incluindo o reconhecimento de seus ministérios, pelo esforço por um conhecimento aprofundado da Sagrada Escritura. Ele se preocupava especialmente com as

relações do cristianismo com o judaísmo e o islã.

IHU On-Line – Qual é a influência da filosofia de Heidegger⁶ no pensamento de Rahner?

Herbert Vorgrimler – Rahner não se contava entre os discípulos de Heidegger na filosofia e também não queria que se falasse da existência de uma “escola católica de Heidegger”. Por ocasião do 70º aniversário de Heidegger, ele escreveu o seguinte: “Mas ele nos ensinou *uma coisa*: que em tudo podemos e devemos buscar aquele *mistério indizível* que *dispõe* de nós, mesmo que quase não o posamos nomear com palavras.”

IHU On-Line – Por outro lado, como se deu a busca de diálogo entre Rahner e a filosofia moderna como a kantiana, por exemplo?

Herbert Vorgrimler – Nos anos 1930, Rahner se ocupou intensivamente com a filosofia de Kant, por inspiração de Joseph Maréchal SJ (1878-1944), da Bélgica. Desde a década de 1950 até sua morte, ele participou

⁶ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou, na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o nº 12 dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença - pré-estudo do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

ativamente dos diálogos de uma entidade chamada “Paulus-Gesellschaft”, que reunia cientistas naturais, em grande parte agnósticos, e teólogos. Apoiou os esforços feitos por essa entidade junto ao papa para obter a reabilitação do cientista Galileu Galilei⁷ (1564-1641), porque sua condenação pelo Vaticano tinha causado um trauma duradouro entre muitos cientistas naturais. O cardeal König⁸, arcebispo de Viena e amigo de Rahner, apoiou esse projeto. Em 1992, após a morte de Rahner, o papa atendeu esse desejo. No marco da mesma

“Ele [Rahner] atuou em prol do engajamento dos chamados leigos em pé de igualdade na igreja”

entidade ocorreram também diálogos intensivos entre marxistas e teólogos, dos quais Rahner participou intensivamente. Ele publicou livros em conjunto com o – na época – comunista Roger Garaudy⁹ (1913-2012), da Academia Francesa das Ciências em Paris. Pouco antes da morte de Rahner, em 1984, ocorreu um grande evento científico de marxistas – também da Academia das Ciências em Moscou – e teólogos, bem como representantes do Vaticano, em Budapeste, em que Rahner fez a palestra introdutória.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Herbert Vorgrimler – A “abordagem” de Rahner tem, em termos filosóficos, um caráter muito fortemente transcendental. Não obstante, não se deve esquecer que ela também tem uma dimensão histórica. Para Rahner, isso significa que a percepção do mistério infinito como “realização do ser humano” não só é, a partir de Deus, o dom de uma realização radical do ser humano na história de sua liberdade, mas que essa proposta ou oferta divina é um acontecimento histórico que, a partir de Deus, é irreversível e “palpável”. A fé cristã encontra esse acontecimento histórico em Jesus Cristo.

9 Roger Garaudy (1923): intelectual idealista francês, protestante, que tornou-se comunista, depois marxista, depois católico e depois muçulmano. *Do anátema ao diálogo e A grande virada do socialismo* são dois de seus livros publicados em português. (Nota do IHU On-Line)

Muitas vezes, ao mencionar esse nome, Rahner acrescentava: “o crucificado e ressurreto”. Em sua unidade com Deus e em sua solidariedade incondicional com todos os seres humanos, Jesus é o acontecimento da proximidade não mais anulável de Deus para com o mundo. Ele manteve essa proximidade na queda para dentro do vazio e da impotência da morte e foi vivenciado como aquele que, em sua entrega completa ao mistério, chegou com toda a sua existência até Deus. Junto com o pai de sua Ordem, Inácio de Loyola¹⁰, Rahner fala da escuridão, de uma escuridão que se estabelece principalmente no coração humano, na sensação de uma distância de Deus, de uma experiência de Deus na sensação de um silêncio inexorável, de um Deus vivenciado por meio do padecimento, da solidão, da frustração. Certa vez ele perguntou: “Não é verdade que, a rigor, Deus habita e pode ser encontrado antes na terra inóspita, desprovida de contornos e nebulosa da vaidade [no sentido daquilo que é vão]?” Rahner menciona, como exemplos concretos dessa situação de experiência de Deus pelo caminho do padecimento, “o amor que, muito frequentemente, se encontra sob o signo da frustração, fidelidade absoluta à consciência moral, cumprimento do dever com a sensação candente da autonegação, poder perdoar sem retribuição, abrir mão sem agradecimento, sem reconhecimento e sem satisfação interior, experiência do fracasso radical do próprio projeto de vida, o despedaçamento do próprio mundo intelectual, a percepção da própria banalidade e aleatoriedade”. A fé de Rahner não era sempre um “por causa de” (porque Deus é tão bondoso e a vida é tão bela), mas muitas vezes uma fé do “apesar de” (embora ele não dê uma realização maravilhosa).

10 Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota do IHU On-Line)

7 Galileu Galilei (1564-1642): físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e foi o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo, a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota do IHU On-Line)

8 Franz König: austríaco, foi nomeado arcebispo de Viena, em 1956, pelo papa Pio XII e nomeado cardeal por João XXIII, em 1958. Foi, juntamente com os cardeais Alfrink, da Holanda, Suenens, da Bélgica, Lercaro, da Itália e Doepfner, da Alemanha, um dos grandes homens do Concílio Vaticano II. Faleceu em março de 2004, aos 98 anos de idade. Já arcebispo emérito, em 1999, concedeu uma entrevista à revista inglesa *The Tablet*, em que defendia “a descentralização do poder do papa e da cúria romana. Por mais de mil anos os bispos foram eleitos pelos fiéis e confirmados pelo papa. Devemos retomar as formas descentralizadas das estruturas de comando da igreja, como se fazia nos primeiros séculos”. Era um grande estudioso das grandes religiões da humanidade. Ele organizou, em 1951, a obra, em três volumes, *Christus und die Religionen der Erde* (Cristo e as Religiões da Terra). Numa das últimas declarações públicas dada por ele, logo depois do 11 de setembro de 2001, se contrapôs àqueles que defendiam “a superioridade da religião cristã”, apelando ao respeito à diversidade religiosa e distinguindo a fé autêntica do integralismo. (Nota do IHU On-Line)

Filosofia, teologia e autonomia a partir de Rahner

O professor Manfredo Araújo de Oliveira faz uma aproximação dos conceitos teológicos de Karl Rahner no sentido de reconstruir uma metafísica transcendental

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Enquanto na metafísica clássica o ser humano se entende como o lugar onde o sentido se mostra, na modernidade o sujeito aparece como produtor de sentido e é nessa esteira que Karl Rahner desenvolve suas reflexões. “O método transcendental emerge aqui como uma estratégia importante no contexto moderno para justificar a postura ontológica que a tradição sempre teve. Rahner vai partir daqui, mas seu esforço teórico se propõe reconstruir toda a metafísica transcendentalmente, ou seja, a virada transcendental é assumida por ele não apenas como uma estratégia útil no contexto do pensamento moderno, mas como um elemento constitutivo do pensamento metafísico enquanto tal”, explica Manfredo de Oliveira, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“A compreensão originária do ser humano sobre si mesmo que se tematiza na filosofia é o espaço em que se situa a reflexão teológica e isto decorre da própria natureza da teologia enquanto ‘ciência da fé’, isto é, enquanto reflexão metodicamente dirigida sobre a revelação de Deus dada na fé”, destaca Manfredo. “O ser hu-

mano se transformou num ser que em todas as dimensões de sua existência planeja racionalmente e manipula a si mesmo, o que significa que no sentido estrito da palavra ele se tornou capaz de projetar e planejar seu próprio futuro. Isto marca decisivamente sua autocompreensão e sua compreensão do todo”, argumenta.

Manfredo Araújo de Oliveira é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutor em Filosofia pela Universität München Ludwig Maximilian. Atualmente, atua como docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Entre seus livros mais recentes, citamos *O Deus dos filósofos contemporâneos* (Petrópolis: Vozes, 2003) e *Dialética hoje: lógica, metafísica, historicidade* (São Paulo: Loyola, 2004), *Ética, direito e democracia* (São Paulo: Paulus, 2009), *Antropologia filosófica contemporânea – Subjetividade e inversão teórica* (São Paulo: Paulus, 2011) e *A religião na sociedade urbana e pluralista* (São Paulo: Paulus, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são as ideias fundamentais de Rahner que estabelecem o diálogo entre a Teologia e a Filosofia?

Manfredo Araújo de Oliveira – Partindo da concepção usual entre os católicos da diferença radical entre filosofia e teologia, Karl Rahner vai desenvolver uma tese desafiadora: a filosofia é um “momento interno” que ela mesma pressupõe como sua condição de possibilidade. Ele legitima sua tese tanto teológica quanto filosoficamente. Teologicamente: a partir da relação entre natureza e graça (a graça, enquanto comunicação absoluta de Deus, para poder ser tem que pressupor um parceiro, como sua

condição de possibilidade, a quem ela é indevida, mas sem o qual não poderia haver comunicação. O ser espiritual é a condição de possibilidade que a própria revelação pressupõe para si mesma e com isto a põe livremente para que ela possa ser o que é: graça enquanto comunicação pessoal e livre de Deus); da relação entre revelação e teologia (a revelação pressupõe a filosofia enquanto diferente dela e livre enquanto espaço de sua própria possibilidade, porque só ao ser que compreende a si mesmo e dispõe autonomamente sobre si mesmo, o ser espiritual finito, pode dirigir-se à automanifestação de Deus em revelação pessoal enquanto ato de seu

amor livre); da relação entre história universal e história especial da salvação e da revelação (a história da salvação é coextensiva à humanidade enquanto tal. Por isso, em cada filosofia já se faz inevitável e atematicamente teologia, porque não depende do ser humano ser envolvido ou não pela graça de Deus. Nós cristãos é que somos muito cegos, porque não somos capazes de ver este cristianismo oculto na história do ser humano, da religião e da filosofia). Filosoficamente: o ser humano é compreensão de si e do ser em seu todo. A teologia, enquanto atividade humana, está subordinada, como qualquer conhecimento, às condições necessárias de todo

conhecimento humano. Assim, a filosofia enquanto explicitação transcendental das condições de possibilidade do conhecimento teológico constitui um momento interno de seu próprio trabalho.

IHU On-Line – Nesse sentido, qual é a necessidade de se filosofar na teologia a partir dos escritos desse teólogo?

Manfredo Araújo de Oliveira – A compreensão originária do ser humano sobre si mesmo que se tematiza na filosofia é o espaço em que se situa a reflexão teológica e isto decorre da própria natureza da teologia enquanto “ciência da fé”, isto é, enquanto reflexão metódicamente dirigida sobre a revelação de Deus dada na fé. Este empreendimento teórico é possível e necessário porque a própria revelação de Deus já contém em si, enquanto seu momento constitutivo, um saber de caráter conceitual e sentencial que a teologia tem precisamente como tarefa desenvolver, refletir e confrontar com outros conhecimentos. Nesta perspectiva, a teologia é ciência da fé na medida em que a fé cristã é base, norma e fim desta ciência. Numa palavra, a teologia é a reflexão metódica e sistemática da autorrevelação e autodoação gratificante de Deus ao ser humano captada e aceita na fé. Enquanto atividade cognoscitiva humana tem como sua condição de possibilidade as condições necessárias de todo e qualquer conhecimento humano, numa palavra, está subordinada como qualquer conhecimento humano à estrutura apriorística de suas condições de possibilidade: o ser humano que faz teologia possui sempre, enquanto ser humano, “uma compreensão atemática de si e da totalidade do ser”, transcendental e historicamente, que em última análise se explicita como abertura absoluta a Deus. Sendo assim, a teologia que verdadeiramente reflete, pensa e pretende ser algo mais do que um simples relato da história da salvação, tematiza uma filosofia como seu momento interno, isto é, explicita a filosofia, enquanto reflexão transcendental sobre as condições de possibilidade de seu próprio conhecimento, o que enquanto tal já é sempre um momento interno de seu trabalho.

IHU On-Line – Qual é a influência dos filósofos Kant e Maréchal no pensamento de Rahner?

Manfredo Araújo de Oliveira – Rahner teve consciência da transformação da filosofia enquanto tal no pensamento de Kant e é esta virada transcendental que ele vai considerar necessária, embora articulando de uma forma diferente de Kant. O modelo de articulação da teoria filosófica na modernidade, que, em sua elaboração paradigmática em Kant se autodenominou “filosofia transcendental”, se interpretou a si mesmo como uma “reviravolta na arte de pensar” e caracterizou-se pelo estabelecimento do ser humano como “sujeito”, ou seja, como a instância doadora de sentido a tudo, o princípio e a fonte de inteligibilidade de tudo, e isto tem enormes consequências.

Na metafísica clássica, o ser humano se entende como o lugar em que todo e qualquer sentido se mostra. Na modernidade, ao contrário, o sujeito é o espaço em que se constitui sentido. Trata-se de uma inversão radical: ao invés de uma presentificação ocorre uma produção de sentido pelo sujeito. O fundamento é o próprio ser humano: ele é “hypokeimenon” (sujeito) de todo e qualquer sentido em sua vida teórica e prática. Dessa forma, o sujeito se faz a instância decisiva da arquitetônica da razão.

O confronto crítico de Rahner com Kant se vai fazer através da mediação do pensamento de J. Maréchal, cujo objetivo fundamental foi mediar a metafísica clássica através do método transcendental, ou seja, tratava-se de justificar transcendentalmente o ponto de partida da metafísica – a afirmação do ser – que constitui o fundamento da teoria do ser da tradição metafísica. A tese básica de Maréchal vai, então, consistir na afirmação de que a metafísica, enquanto explicação sistemática da ordem ontológica, é possível porque o ser humano, em sua constituição ontológica, é metafísico, isto é, a afirmação do ser é condição de possibilidade de todo e qualquer conhecimento. O método transcendental emerge aqui como uma estratégia importante no contexto moderno para justificar a postura ontológica que a tradição sempre teve. Rahner vai partir daqui, mas seu esforço teó-

rico se propõe reconstruir toda a metafísica transcendentalmente, ou seja, a virada transcendental é assumida por ele não apenas como uma estratégia útil no contexto do pensamento moderno, mas como um elemento constitutivo do pensamento metafísico enquanto tal.

IHU On-Line – Que outros filósofos marcaram o pensamento desse teólogo e o influenciaram?

Manfredo Araújo de Oliveira – Em primeiro lugar, Rahner foi sempre profundamente influenciado pelo pensamento metafísico de Tomás de Aquino. Quando iniciou em Freiburg seu doutorado em filosofia, frequentou os seminários de Heidegger¹, o que foi decisivo na formulação de seu pensamento uma vez que isto tornou possível ir além de Maréchal na direção da ontologia fundamental e sua nova formulação da questão decisiva do ser. Este contato com Heidegger o conduziu também a introduzir em seu pensamento a questão central da historicidade. Estes estímulos que lhe vieram de Heidegger foram aprofundados através da convivência com grandes pensadores católicos que nesta época também foram marcados pelo pensa-

¹ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou, na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o nº 12 dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

mento de Heidegger: G. Siewerth, B. Welte, M. Müller e J. B. Lotz².

IHU On-Line – Quais os pontos fundamentais de diálogo estabelecidos por Rahner com a modernidade?

Manfredo Araújo de Oliveira – O ponto absolutamente central a que se vinculam todos os outros é a compreensão que o homem moderno tem de si mesmo e sua compreensão da realidade em seu todo. O ser humano se transformou num ser que em todas as dimensões de sua existência planeja racionalmente e manipula a si mesmo, o que significa que no sentido estrito da palavra ele se tornou capaz de projetar e planejar seu próprio futuro. Isto marca decisivamente sua autocompreensão e sua compreensão do todo. Rahner denomina a especificidade da compreensão do homem moderno de “antropocêntrica” e fala de uma “reviravolta antropocêntrica” como a característica da humanidade moderna. Ele aceita o desafio do pensamento moderno, porque não o considera apenas uma moda filosófica passageira, mas a conquista de um patamar crítico que não permite mais um retorno às formas de pensar pré-modernas.

IHU On-Line – Para o Cardeal Ratzinger, Rahner concedeu demais à modernidade, acentuando a imanência em demasia. Qual a pertinência dessa crítica e suas implicações para a Igreja e, por outro lado, para a filosofia do nosso tempo?

Manfredo Araújo de Oliveira – Certamente é preciso distinguir aqui entre o relacionamento de Rahner com a modernidade e a questão metafísica da unidade e da diferença do ser em seu todo que se exprimiu como pergunta a respeito da transcendência e da imanência. Para Rahner é impossível pensar aqui dicotomicamente: o ente contingente (imanente) só é enquanto participa de seu fundamento (transcendente), pois não possui seu próprio ser, mas o recebe. Assim, o Absoluto é o fundamento último do ser contingente, de tal modo que o contingente só é enquanto participa do Absoluto que enquanto absoluto

é radicalmente distinto do mundo, portanto, transcendente. Porém, em virtude mesmo de sua transcendência absoluta está presente em tudo, perpassa tudo, é radicalmente imanente a tudo. Daí porque para Rahner o axioma fundamental para pensar a relação entre Deus e o mundo é: distância e proximidade, dependência e poder próprio crescem na mesma medida, isto é, dependência radical e realidade genuína do existente que procede de Deus crescem na mesma proporção e não inversamente.

A pergunta a respeito da modernidade parece pressupor que a modernidade é um pensamento da imanência radical. Normalmente quando se fala assim a referência é pelo menos implicitamente ao pensamento pós-idealismo alemão, pois não foi esta a posição dos grandes metafísicos da modernidade (a respeito: OLIVEIRA M./ALMEIDA C. (org.), *O Deus dos Filósofos Modernos*, 2ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 2002), nem mesmo de Kant com que Rahner se confrontou. Creio que aqui se trata de um grande equívoco. O que certamente se pode dizer é que de certo modo há uma “ambiguidade” de fundo no pensamento de Rahner na medida em que ele não se deu conta suficientemente do caráter restrito do pensamento transcendental enquanto tal por situar tudo no horizonte da autofundamentação do ser humano. Mesmo que em Rahner o centro do pensamento seja o “Ser”, em última análise Deus (e não a subjetividade finita), o Ser (Deus) é pensado a partir da subjetividade (no pensamento transcendental a subjetividade é a instância doadora de sentido a tudo), o que manifesta a limitação fundamental e a ambiguidade desta postura.

IHU On-Line – Em que modo o legado teológico de Rahner oferece subsídios para a construção da autonomia e uma crítica ao individualismo?

Manfredo Araújo de Oliveira – A questão da liberdade, ou seja, da “autonomia”, está no cerne da compreensão de ser humano em Rahner. Para ele a liberdade é a capacidade que a pessoa tem de realizar a si mesma e desta forma ela não é simplesmente uma qualidade própria de um tipo de ação, mas é um distintivo transcendental do ser humano enquanto tal. Como

ele afirma nos Escritos Teológicos VI (Schriften VI, p. 223): “a liberdade deve ser pensada antes de tudo como liberdade de ser. Isto quer dizer que o ser humano é aquele ente que tem a tarefa de seu próprio ser; é aquele que já está sempre em relação consigo mesmo, aquele que é subjetividade e não simplesmente natureza. Portanto, esse eu não é algo que possa ser deduzido de outra coisa, ou seja, que possa ser fundamentado em outra coisa”. Em virtude desta sua concepção do eu, foi acusado de ter articulado um pensamento de base individualista, o que o levou várias vezes a mostrar que esta postura não significa uma defesa de um individualismo possessivo como ele emergiu na modernidade.

IHU On-Line – O senhor conheceu Rahner pessoalmente. Quais são suas lembranças mais marcantes dele como intelectual e, por outro lado, como pessoa?

Manfredo Araújo de Oliveira – Conheci Rahner primeiramente durante o Concílio Vaticano II em conferências que ele deu ao episcopado brasileiro. Nesta oportunidade ele falava em latim e começava sempre pedindo desculpas por seu “latim teutônico”. Deus certamente através destas palestras uma grande contribuição para a atualização teológica do episcopado brasileiro. Depois, quando estudante na Alemanha, segui seus cursos de teologia na Universidade de Munique. O estilo universitário alemão não abria muitas possibilidades para um contato pessoal. Acompanhei-o com enorme interesse como homem do saber que procurava responder ao que ele chamava a enorme “concupiscência cognitiva” que marca o ser humano. Era sempre muito interessante ver seus esforços para tornar compreensível sua “teologia transcendental” através de exemplos tirados da publicidade da televisão alemã.

Leia mais...

- *Contingência e liberdade. A aporia fundamental do sistema hegeliano.* Entrevista com Manfredo Araújo de Oliveira na edição 261 da **IHU On-Line**, 09-06-2008, disponível em <http://bit.ly/1jmDA2Y>.

² João Batista Lotz (1903-1992): jesuíta e filósofo alemão do neotomismo e filosofia católica da existência. (Nota da IHU On-Line)

Rahner. O primeiro teólogo católico moderno

Rosino Gibellini aborda a postura crítica de Rahner com relação aos desafios da Igreja Católica no século XX

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: SANDRA DALL ONDER

“**P**ode-se dizer que Rahner seja o primeiro teólogo católico moderno, porque ele se deparou, ao longo de seu extenso trabalho, com os desafios da modernidade”, argumenta Rosino Gibellini em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “A tentativa de Rahner é mais ousada. E a tarefa do exercício da racionalidade crítica na teologia permanece ainda no período da pós-modernidade, que é interpretada como ‘modernidade tardia’ ou como ‘nova modernidade’: o exercício da racionalidade crítica deverá ser conjugado no período da pós-modernidade, focando em temas que foram esquecidos ou marginalizados pelo projeto moderno”, complementa.

De acordo com Rosino, para a revelação divina o homem responde com um ato de fé “possível, mesmo para não cristãos, ateus e

agnósticos em forma atemática, com o ‘sim’ ao sentido positivo da existência”. “Este *sim ao sentido positivo da existência* torna-se, pela graça (como existência sobrenatural), aceitação atemática e implícita, do mistério fundamental da salvação, que em Cristo encontra a revelação histórica e categorial do cristianismo anônimo (o cristianismo como a graça escondida e vivida)”, argumenta.

Rosino Gibellini é doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Milão. Dirige as coleções *Giornale di Teologia* e *Biblioteca de teologia contemporânea* da Editora Queriniana de Brescia, Itália. O estudioso é autor, entre outros livros, de *A teologia do século XX* (São Paulo: Edições Loyola, 1998).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que a teologia de Rahner estava em plena sintonia com o grande projeto inovador do Concílio?

Rosino Gibellini – O Concílio Vaticano II tinha como tema: a Igreja *ad intra* e *ad extra*. Rahner não era um eclesiólogo, mas tinha dentro de si um forte sentido da missão cristã no mundo. Exatamente em 1959 – ano em que foi anunciado o Concílio – Rahner publicou *Missão e Graça*, que abre com um ensaio intitulado “Significado da teologia do cristão no mundo moderno” (1954). Ali ele discute a transição do regime de cristianismo à situação de diáspora, em que a igreja passa a existir como uma minoria dentro de cada país, e argumenta que esta situação não deve ser sofrida, mas tomada como um “imperativo histórico de salvação”, enfrentada com a renova-

ção dos métodos e práticas eclesiais. Como se pode ver, a teologia de Rahner estava em sintonia com o grande projeto de João XXIII no Concílio.

IHU On-Line – Em que medida Rahner se ocupava em lançar uma ponte entre tradicionalistas e progressistas?

Rosino Gibellini – As palavras “tradicionalistas” e “progressistas” são estranhas ao vocabulário teológico de Rahner. Porém, ele constrói uma ponte entre as duas posições, uma vez que coloca o problema essencial da missão cristã no mundo. A ponte é a lembrança da essência da mensagem cristã, que vai além da polarização rígida.

IHU On-Line – Qual é a contribuição de Rahner para a abertura das

ideias surgidas a partir do Concílio Vaticano II?

Rosino Gibellini – Um estudioso do Concílio escreveu: “Se explorarmos os arquivos em busca de citações escritas durante o Concílio, não encontramos um único texto que tenha sido elaborado ‘somente’ por Rahner”. A colaboração de teólogos e especialistas foi a marca do trabalho em comum. Podemos acrescentar ainda o testemunho de Rahner: “Participei da Comissão Teológica, que redigiu a *Lumen Gentium*¹

¹ *Lumen Gentium* (*Luz dos Povos*): é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja enquanto instituição. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram,

e *Dei Verbum*², e também colaborei um pouco com *Gaudium et Spes*³. A principal contribuição de Rahner, que se expressa em todas as suas páginas, consiste na abertura da sua teologia como “ouvinte da Palavra”.

IHU On-Line – Qual é a importância de Rahner e De Lubac na organização do Concílio Vaticano II?

Rosino Gibellini – Ambos os teólogos citados eram considerados suspeitos pela Inquisição romana, mas foram, como poucos, os artífices da teologia que preparou o Concílio. De Lubac, com sua intensa *Meditação sobre a Igreja* (1953), foi mais eclesiólogo que Rahner. Rahner era mais atento, em seus *Escritos teológicos*, que começaram a aparecer em 1954, aos desafios do mundo moderno, dos quais há um eco na *Gaudium et Spes*. Ambos seguiram o pós-concílio, mas Rahner o fez de forma mais militante, sendo um dos fundadores da revista teológica internacional *Concilium*, que se inicia em 1965, e ainda com o volume programático para a reforma de 1972, intitulado *Transformação estrutural da Igreja*.

IHU On-Line – Por que Rahner pode ser considerado o primeiro teólogo moderno?

Rosino Gibellini – Pode-se dizer que Rahner seja o primeiro teólogo católico moderno porque ele se deparou, ao longo de seu extenso trabalho, com os desafios da modernidade. A modernidade é caracterizada pela racionalidade crítica (Descartes³,

para o texto base, cerca de 4 mil emendas. Sobre o tema, confira os **Cadernos Teologia Pública** número 4, intitulado *No quarentenário da Lumen Gentium*. (Nota da IHU On-Line)

2 **Dei Verbum**: Revelação Divina. É uma constituição dogmática em forma de bula pontifícia e um dos principais documentos do Concílio Vaticano II. É designada “constituição dogmática” por conter e tratar “matéria de fé”. De fato, o seu conteúdo aborda o delicado e complexo problema da relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição. (Nota da IHU On-Line)

3 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e mate-

Iluminismo⁴, Kant), e Rahner introduziu na teologia católica o exercício da racionalidade crítica, que substituiu a racionalidade abstrata metafísica escolástica e os tratados católicos. A grande teologia francesa se destinava, sobretudo, a uma reforma do tomismo na linha de Maritain⁵ e Gilson⁶. A tentativa de Rahner é mais ousada. E a tarefa do exercício da racionalidade crítica na teologia permanece ainda no período da pós-modernidade, que é interpretada como “modernidade

mática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

4 **Iluminismo [Aufklärung]**: em português, Esclarecimento, ou ainda mais apropriado, Iluminismo - movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado “século das luzes”) que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do Homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da IHU On-Line)

5 **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da IHU On-Line)

6 **Étienne Gilson** (1884-1978): filósofo e historiador da filosofia e um dos mais destacados autores da filosofia neoescolástica, especialista no estudo da obra de São Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

tardia” (Habermas⁷) ou como “nova modernidade” (Robert Schreiter⁸): o exercício da racionalidade crítica deverá ser conjugado no período da pós-modernidade, focando em temas que foram esquecidos ou marginalizados pelo projeto moderno (David Tracy⁹).

IHU On-Line – Em que consiste o conceito de cristão anônimo e qual é seu impacto nas discussões do Concílio Vaticano II?

7 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

8 **Robert Schreiter**: teólogo norte-americano, padre dos Missionários do Preciosíssimo Sangue e doutor em Teologia da Universidade de Nijmegen, na Holanda. Leciona teologia na Universidade Católica de Chicago, nos Estados Unidos, e na Universidade de Nijmegen. Seus livros e artigos sobre reconciliação têm sido publicados em vários idiomas. É Conselheiro Geral dos Missionários do Preciosíssimo Sangue. É detentor da cátedra de “interculturalidade” instituída em homenagem a Schillebeeckx na Universidade de Nimega, pela publicação de seu livro *A Nova Catolicidade* (Loyola, 1998). (Nota da IHU On-Line)

9 **David Tracy** (1939): licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros, citamos *The Achievement of Bernard Lonergan* (1970); *Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology* (1975); *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism* (1981); *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope* (1987); e *Dialogue with the Other* (1990). Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo IHU, para fazer a conferência *Entre o apocalíptico e o apofático. O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, acontecido em maio de 2004. Ele concedeu entrevista à *IHU On-Line* nº 103, de 31 de maio de 2004. Confira o artigo “O Deus oculto: o resgate da apocalíptica” de David Tracy em: NEUTZLING, Inácio (org.), *A teologia na universidade contemporânea*. (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p. 85-98). (Nota da IHU On-Line)

Rosino Gibellini – À revelação divina o homem responde com um ato de fé, possível mesmo para os não cristãos, ateus e agnósticos em forma atemática, com o “sim” ao sentido positivo da existência. Este *sim ao sentido positivo da existência* torna-se, pela graça (como existência sobrenatural), aceitação atemática e implícita, do mistério fundamental da salvação, que em Cristo encontra a revelação histórica e categorial do cristianismo anônimo (o cristianismo como a graça escondida e vivida). Tese de grande impacto para a atividade dialógica com o mundo na sua pluralidade de culturas e religiões.

IHU On-Line – Em que medida a ideia do cristão anônimo encontra acolhida na igreja atualmente?

Rosino Gibellini – Em geral, não está mais presente, até mesmo porque não se deve falar propriamente de “cristãos anônimos”, como o faz principalmente Rahner. Hoje se desenvolve mais, de várias maneiras, o grande tema da universalidade da salvação em Cristo, evitando a teorização do cristianismo anônimo, para não atribuir aos outros, uma etiqueta, ignorada e indesejada.

IHU On-Line – A partir de Rahner, como podemos compreender a mudança do cristianismo anônimo para um cristianismo relacional?

Rosino Gibellini – A vontade salvífica universal é feita de diferentes maneiras pela teologia contemporânea. Menciono particularmente o teólogo francês Claude Geffré¹⁰, de

Babel a Pentecostes (2006). Geffré estabelece três critérios a serem aplicados na era do pluralismo: 1) o respeito ao outro e à própria identidade, praticando a imaginação analógica teorizada por David Tracy, como uma atitude hermenêutica: descobrir uma semelhança na diferença; 2) fidelidade à própria identidade; 3) necessidade de um grau de igualdade entre os parceiros, para que exista diálogo. Agora, o cristianismo tem a capacidade de atingir essas condições para o diálogo, mostrando-se como cristianismo relacional.

IHU On-Line – Como o evento do Holocausto repercutiu na Teologia de Rahner?

Rosino Gibellini – O evento do Holocausto não toca, de forma particular, a teologia de Rahner. A primeira elaboração teológica tem lugar nos anos 1960 no pensamento judaico com Rubenstein¹¹ (1966) e Fackenheim¹² (1970). Toca a teologia cristã na obra de Moltmann, na transição da teologia da esperança à teologia da cruz (1972), e na condução da teologia política de Metz (1978). Teologia do Holocausto pressupõe a transição da racionalidade crítica – aqui se situa a contribuição de Rahner – ao primado da razão prática, passagem operada pela teologia política de Metz e Moltmann¹³. Nesta

da IHU On-Line)

¹¹ Richard Lowell Rubenstein (1924): pesquisador e escritor americano de origem judaica, reconhecido por suas colaborações com a teologia do Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

¹² Emil Fackenheim (1916-2003): reconhecido filósofo judeu e ex-rabino. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *Deus crucificado: a cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã* (Petrópolis: Vozes, 1993), entre outros. Do autor, a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). Confira a entrevista de Moltmann na IHU On-Line nº 94, de 29-03-2004 em <http://bit.ly/ihuon94>. Sobre o tema, Frei Luiz Carlos Susin deu uma entrevista na edição 72, de 25-08-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon72>. A edição 23 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 26-09-2006, tem como

linha, a última contribuição é oferecida por Metz, que produziu, em colaboração com a Faculdade Católica de Teologia, um denso volume, *Dem Leiden ein Gedächtnisgeben* (2012) [Dar memória ao sofrimento], em que se desenvolvem as linhas de uma cristologia anamnética.

IHU On-Line – Em que ponto estamos com a edição da *Opera Omnia* de Rahner?

Rosino Gibellini – Quando vivo, Rahner havia organizado a coletânea dos seus escritos teológicos (Schriften zur Theologie) em 16 volumes, 1954-1984. Após a sua morte, iniciou-se a edição da *Opera Omnia*, em 1995, que está prevista para ser concluída, em 32 volumes, em 2015. Será um relançamento da obra de Rahner, que envolverá a nova geração de teólogos e teólogas.

Leia mais...

- *O primeiro teólogo católico moderno*. Entrevista com Rosino Gibellini na edição 297 da IHU On-Line, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/1n7A2Ej>;
- *Von Balthasar e o problema de Deus*. Artigo de Rosino Gibellini publicado no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia** de 05-05-2013, disponível em <http://bit.ly/SNcIIP>;
- *As memórias de Hans Küng*. Artigo de Rosino Gibellini publicado no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia** de 28-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1kXJEDH>;
- *A vida como história de liberdade*. Artigo de Rosino Gibellini publicado no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nas **Notícias do Dia** de 28-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1qULe9U>.

título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Claude Geffré: teólogo, frade dominicano, francês, professor honorário do Instituto Católico de Paris. É autor, juntamente com Régis Debray, do livro *Avec ou sans Dieu ? - Le philosophe et le théologien* (Paris: Bayard, 2006). No ano passado, publicou o livro *De Babel à Pentecôte - Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Em português, a Editora Vozes traduziu o livro *Crer e Interpretar*, em 2004. Confira uma entrevista exclusiva que ele concedeu à IHU On-Line na edição número 207, de 04-12-2006, intitulada “Retorno religioso”. De Geffré, confira, no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, as entrevistas A obsessão pela ditadura do relativismo, em 09-07-2007, Os cristãos e o desafio de Babel, em 15-02-2007, e Religião com ou sem Deus? Um diálogo de Régis Debray com um teólogo, em 28-01-2007. (Nota

Uma teologia atenta à contemporaneidade

Juan Carlos Scannone relembra os quatro anos de convívio com Karl Rahner e destaca a importância do pensamento do teólogo alemão aos desafios contemporâneos à Igreja

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

“Uma das minhas melhores recordações dos quatro anos de convivência e estudo com Karl Rahner são os ‘Colloquiatheologorum’ que ele oferecia todas as sextas-feiras, depois da janta, das 19h30 às 21h. Nessa hora e meia respondia a duas, no máximo, três perguntas, porque explanava exaustivamente sobre o assunto perguntado”, relembra o professor doutor Juan Carlos Scannone em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. De acordo com Scannone, além das ideias de Rahner, o pensamento do alemão contribuiu para um debate sobre a necessidade de diálogo e abertura da Igreja para as questões contemporâneas. “Parece-me que, além das suas ideias, seu influxo na Igreja de hoje se dá através da abertura do seu pensamento ao diálogo com a modernidade e seu ir além desta, na linha do Concílio Vaticano II, no que se pode notar um espírito semelhante ao seu”, argumenta.

Com relação à influência de Rahner à teologia latino-americana, Scannone explica que “um dos modos pelos quais Rahner influenciou na América Latina foi através de discípulos seus, como Ignacio Ellacuría, e outros, entre os quais me incluo, pois abriu as nossas mentes para uma compreensão “aggiornata” e

conciliar da teologia, assim como nos predis pôs a estar atentos à nossa realidade latino-americana, como ele estava em relação à sua realidade centro-europeia. Foi um modelo de convergência pessoal entre fé e espiritualidade vividas, preocupação pastoral e reflexão filosófico-teológica”, frisa.

Padre Juan Carlos Scannone, jesuíta de 81 anos, é doutor em Filosofia pela Universidade de Munique (Alemanha), é licenciado em Teologia pela Universidade de Innsbruck (Áustria). Instrutor no Seminário Jesuíta de San Miguel, na Argentina, foi professor em diversas universidades latino-americanas e europeias, incluindo a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia da *Universidad del Salvador*, em Buenos Aires. Foi um dos principais professores de Jorge Bergoglio, o atual Papa Francisco. Scannone é também o principal formulador argentino da teologia do povo, relacionado à filosofia e teologia da libertação. No sábado, 22 fevereiro de 2014, foi anunciado que ele seria um escritor-em-residência, membro da comunidade de escritores por pelo menos um ano de *La Civiltà Cattolica* – revista cultural italiana da Companhia de Jesus.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são suas maiores lembranças dos anos de convivência e aprendizado com Rahner?

Juan Carlos Scannone – Uma das minhas melhores recordações dos quatro anos de convivência e estudo com Karl Rahner são os “Colloquiatheologorum” que ele oferecia todas as sextas-feiras, depois da

janta, das 19h30 às 21h. Nessa hora e meia respondia a duas, no máximo, três perguntas, porque explanava exaustivamente sobre o assunto perguntado. Mas deviam ser verdadeiras “questões disputadas”, e não meras perguntas de sala de aula; caso contrário, dizia: veremos isso em sala de aula. Desse modo, com

o passar do tempo, os que participavam assiduamente desses colóquios podiam ir compreendendo todo o seu pensamento sobre todos os principais temas da teologia dogmática, fundamental e moral, assim como da hermenêutica bíblica. A eles se somavam as suas aulas e os seminários, e a leitura das suas obras.

IHU On-Line – Quais são as concepções mais instigantes desse teólogo?

Juan Carlos Scannone – Entre as suas concepções mais centrais está a de mistério, que é núcleo de sua compreensão teológica da Trindade, da Encarnação e da Graça (e Igreja), e sua compreensão filosófica de Deus.

IHU On-Line – Qual é o impacto dessas ideias na igreja de hoje?

Juan Carlos Scannone – Parece-me que, além das suas ideias, seu influxo na Igreja de hoje se dá através da abertura do seu pensamento ao diálogo com a modernidade e seu ir além desta, na linha do Concílio Vaticano II, no que se pode notar um espírito semelhante ao seu. Além disso, dado o seu “olfato” teológico, reconheceu duas contribuições originais da Igreja e teologia latino-americanas à Igreja universal, editando, respectivamente, livros sobre “teologia libertadora” e “religiosidade popular, religião do povo”.

IHU On-Line – Qual é a importância de Joseph Maréchal para Rahner? Além desse pensador, que outros filósofos influenciaram Rahner fundamentalmente?

Juan Carlos Scannone – Seu pensamento filosófico, fundamental para entender sua teologia especulativa, parte da confluência entre o tomismo transcendental de Joseph Maréchal e o assim chamado primeiro Heidegger¹ (o do Ser e Tempo).

¹ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou, na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o nº 12 dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Martin Heidegger*.

IHU On-Line – Em que aspectos as raízes da teologia de Rahner brotam da experiência inaciana?

Juan Carlos Scannone – O próprio Rahner escreveu sobre “A lógica existencial de Santo Inácio”², referindo-se ao tema do discernimento inaciano, mostrando as raízes inacianas do seu pensamento teológico. Penso que se relaciona com sua experiência e compreensão do mistério de Deus que, como disse mais acima, se explicita nos mistérios fundamentais da nossa fé e sua inter-relação.

IHU On-Line – Como suas ideias influenciaram a teologia da América Latina dos anos 1960 em diante?

Juan Carlos Scannone – Um dos modos pelos quais Rahner influenciou a América Latina foi através de discípulos seus, como Ignacio Ellacuría³

A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Ignacio Ellacuría**: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11D07>. No site do IHU visite a Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos

e outros, entre os quais me incluo, pois abriu as nossas mentes para uma compreensão “aggiornata” e conciliar da teologia, assim como nos predis pôs a estar atentos à nossa realidade latino-americana, como ele estava em relação à sua realidade centro-europeia. Foi um modelo de convergência pessoal entre fé e espiritualidade vividas, preocupação pastoral e reflexão filosófico-teológica. Dada a sua situação geocultural, não deu tanta importância à problemática dos pobres, como nós damos na América Latina e como está dando hoje o Papa Francisco⁴.

Leia mais...

- *A teologia de Francisco*. Entrevista com Juan Carlos Scannone publicada nas **Notícias do Dia**, de 27-05-2013, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1v4Tl6n>.
- “Quando Jorge Mario era meu aluno no seminário”: o teólogo Scannone sobre Francisco. Entrevista com Juan Carlos Scannone publicada nas **Notícias do Dia**, de 26-05-2013, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1xP59Mg>.
- “A Teologia da Cultura não se opõe à Teologia da Libertação”. Entrevista com Juan Carlos Scannone publicada nas **Notícias do Dia**, de 06-09-2007, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1xP59Mg>.

mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11D0t>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

O trabalho intelectual de Karl Rahner e a redescoberta de Deus

Professor emérito da Universidade de Innsbruck, na Áustria, Karl Neufeld fala sobre o trabalho teórico de Rahner

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: WALTER SCHLUPP

“Jesus Cristo redimiu o mundo, e isso tem efeito real sobre a realidade. Esta é a premissa para que a pessoa humana possa consciente e responsabilmente aceitar e acreditar na mensagem de Jesus”, explica o professor doutor Karl Neufeld em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, ao comentar o pensamento teológico de Karl Rahner. “Somente nessa aceitação explícita é que a obra de Jesus Cristo atinge plenamente seu objetivo. Isso naturalmente não é anulado pelo simples fato de algum indivíduo não o aceitar. Rahner diz: a modalidade da salvação é a oferta”, complementa.

O trabalho intelectual do jesuíta alemão Karl Rahner teve um papel importante durante o Concílio Vaticano II onde discutiram alguns conceitos trabalhados por ele. “Existem conceitos como ‘reconciliação com a igreja’, ligada ao profundo conceito de arrendi-

mento. Porém mais importantes são as ideias fundamentais do concílio, a ‘vontade salvífica geral de Deus’, ‘revelação como autocomunicação de Deus’, ou mesmo reformas práticas como a concelebração, diaconato perene, ou seja: trata-se não tanto de conceitos, e sim de noções fundamentais e consequências práticas”, aponta Neufeld.

Karl Heinz Neufeld é jesuíta e foi professor de Teologia Fundamental na Universidade de Innsbruck e diretor dos arquivos Rahner. Os temas de sua pesquisa são: o pensamento teológico nas igrejas protestante e católica desde o início do século; o encontro do cristianismo com o hinduísmo e o budismo; a teologia das religiões. Participou recentemente, nos dias 25 e 26 de abril de 2014, do evento *Rahner Lecture 2014* como conferencista principal.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que aspectos as raízes da teologia de Rahner brotam da experiência inaciana?

Karl Neufeld – Rahner era jesuíta. Além de praticar os respectivos exercícios inacianos, ele propôs exercícios para outros também. Nesse aspecto, para ele era importante a questão da vontade concreta de Deus enquanto opção (electio). Isso foi determinante para sua cognição e seu pensamento.

IHU On-Line – Qual é a relação de Rahner com a teologia francesa, a chamada *nouvelle theologie*?

Karl Neufeld – Karl Rahner se familiarizou bastante cedo com as ideias provenientes da França. Para tratar dessas questões, jesuítas provenientes de Fourvière e Innsbruck reuniram-se em Schönbrunn, Suíça. O resultado encontra-se em „Orientierung“ 14 (1950), 141-145, onde Karl

Rahner tenta fazer uma intermediação entre as propostas francesas e as reservas que se poderia esperar de Roma.

IHU On-Line – A partir de Rahner, como podemos compreender a mudança do cristianismo anônimo para um cristianismo relacional?

Karl Neufeld – Jesus Cristo redimiu o mundo, e isso tem efeito real

sobre a realidade. Esta é a premissa para que a pessoa humana possa consciente e responsabilmente aceitar e acreditar na mensagem de Jesus. Somente nessa aceitação explícita é que a obra de Jesus Cristo atinge plenamente seu objetivo. Isso naturalmente não é anulado pelo simples fato de algum indivíduo não o aceitar. Rahner diz: a modalidade da salvação é a oferta.

IHU On-Line – É possível identificar conceitos de Rahner nos documentos do Concílio Vaticano II? Quais seriam esses documentos?

Karl Neufeld – Existem conceitos como „reconciliação com a igreja“, ligada ao profundo conceito de arrependimento. Porém mais importantes são as ideias fundamentais do concílio, a „vontade salvífica geral de Deus“, „revelação como autocomunicação de Deus“, ou mesmo reformas práticas como a concelebração, diaconato perene, ou seja: trata-se não tanto de conceitos, e sim de noções fundamentais e consequências práticas.

IHU On-Line – Como se pode avaliar a recepção teológica pela

“Jesus Cristo redimiu o mundo, e isso tem efeito real sobre a realidade”

comunidade eclesial das ideias de Rahner?

Karl Neufeld – Nesse sentido existe uma série de exemplos, como suas opiniões sobre a inspiração da escritura, sobre a teologia da morte, introdução a um curso preliminar da fé como fundamento para o estudo da teologia, etc.

IHU On-Line – Qual é a relação entre Rahner e Metz e qual é o impacto de eventos como o Holocausto em suas teologias?

Karl Neufeld – Metz é aluno do Rahner pré-conciliar, que também quer se diferenciar do seu mestre. Antes do concílio, Rahner estava ocupado principalmente com a edição dos

Escritos sobre teologia e do Dicionário de teologia e igreja. Naquela época, Metz estava reeditando os primeiros livros de Rahner, *Geist in Welt* (1939) e *Hörer des Wortes* (1941). Isso desencadeou uma discussão sobre as implicações desses trabalhos de Rahner, discussão essa que não havia ocorrido anteriormente. O próprio Rahner entrou nessa discussão. Por isso suas contribuições pastorais nessa época passaram para o segundo plano, como, por exemplo, *Handbuch der Pastoraltheologie* ou o léxico *Sacramentum Mundi*. Antes disso, a publicação *Sendung und Gnade* já tinha dado significativo impulso nesse sentido.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Karl Neufeld – O impulso pastoral teológico e a ênfase pastoral do seu pensamento e das suas contribuições merecem uma reflexão mais aprofundada. Isso porque a partir daí os estímulos espirituais se explicam de uma forma mais natural do que a partir da questão teológica e transcendental.

Baú da IHU On-Line

Outras edições que abordaram a teologia de Karl Rahner e sua influência na teologia cristã.

- *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos.* **IHU On-Line** nº 102, de 24-05-2004, disponível em <http://bit.ly/TT0o1b>;
- *J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos.* **IHU On-Line** nº 394, de 28-05-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon394>;
- *Jesus e o abraço universal.* **IHU On-Line** nº 248, de 17-12-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon248>;
- *Projeto de Ética Mundial. Um debate.* **IHU On-Line** nº 240, de 22-10-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon240>;
- *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II.* **IHU On-Line** nº 297, de 15-06-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon297>;
- *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin.* **IHU On-Line** nº 304, de 17-08-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon304>;
- *Concílio Vaticano II. 50 anos depois.* **IHU On-Line** nº 401, de 03-09-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon401>;
- *Igreja, Cultura e Sociedade.* **IHU On-Line** nº 403, de 24-09-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon403>;
- *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate.* **IHU On-Line** nº 404, de 05-10-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon404>

A implícita presença de Deus no pluralismo religioso

O mestrando em teologia Edisley Batista fala sobre a importância do trabalho de Karl Rahner na compreensão do diálogo no pluralismo religioso

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

O cristianismo, a partir do pensamento de Rahner é entendido como um aperfeiçoamento da religiosidade dos sujeitos. “Rahner considera o não cristão como um cristão que ainda não chegou à consciência refletida sobre si mesmo, assim, a pregação do Evangelho não se destina a uma pessoa abandonada por Deus e que não tenha nenhuma relação com Cristo, transformando-a, portanto, em um cristão”, explica Edisley Batista em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Karl Rahner, na sua obra *Ouvinte da Palavra (Hörer des Wortes)*, refere-se ao homem como ser de abertura ilimitada ao ser absoluto, e como ser de transcendência, o homem está sempre aberto a Deus. Isso significa dizer que não se pode fazer teologia sem considerar a realidade humana, pois a vida do homem é o lugar da fé; no dizer de Rahner, ‘toda palavra sobre Deus é também uma palavra sobre o homem’”, complementa.

Para o teólogo alemão Karl Rahner, as outras religiões têm em comum umas com as outras mais que a simples crença em Deus, argumento defendido ainda em 1961, antes mesmo da realização do Concílio Vaticano II. “Uma tentativa de caracterização da teolo-

gia rahneriana deve necessariamente levar em consideração que não se trata de um trabalho monográfico, ou seja, não é limitada a uma única temática, por mais importante que ela seja. Rahner desde seus primeiros escritos até a sua maturidade afrontou diversas problemáticas no âmbito da antropologia, da dogmática, da eclesiologia, teologia fundamental, até mesmo da ética, da moral, etc.”, esclarece Edisley Batista. “Rahner se encontra diante de um ambiente que não correspondia mais ao mundo cristão da sua juventude, por isso, ele demonstra sua insatisfação. Isso explica todo o seu empenho em elaborar uma teologia que fosse sinal do testemunho da fé em Jesus Cristo, e que primasse por um cristianismo verdadeiramente autêntico, atento às necessidades concretas do homem”, aponta.

Edisley Batista da Silva nasceu em Formoso do Araguaia, no interior do Tocantins, e é sacerdote da diocese de Porto Nacional, também no Estado. Graduado em Filosofia e Teologia pelo Centro de Estudos Superiores Matter Dei (TO), atualmente é mestrando em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, na Itália.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consiste a missiologia em Rahner?

Edisley Batista – Rahner considera o não cristão como um cristão que ainda não chegou à consciência refletida sobre si mesmo, assim, a pregação do Evangelho não se destina a uma pessoa abandonada por Deus e que não tenha nenhuma relação com Cristo, transformando-a, portanto, em um cristão. A ação missiológica não se confunde com pro-

selitismo. A missão cristã, segundo Rahner, se direciona, sobretudo, ao “cristão anônimo” com o objetivo de torná-lo consciente por via refletida (consciência subjetiva) e objetiva do cristianismo que pulsa no mais profundo do seu ser tocado pela graça, em virtude da sua existência sobrenatural¹. Embora o homem já se

encontre existencialmente em uma situação de justificação e graça, a missão se faz necessária precisamente porque esta tomada de consciência representa a própria essência do cristianismo e é a expressão mais alta do seu desenvolvimento. O cristianismo é entendido no pensamento do nosso teólogo como o aperfeiçoamento da religiosidade do indivíduo. O cristão anônimo, graças à missão, é chamado a explicitar a sua fé e fazer

¹ Cf. K. RAHNER, *Saggi di antropologia soprannaturale*, 567. (Nota do Entrevistado)

parte de uma comunidade de fé, a Igreja. Para o teólogo alemão, o último fundamento da atividade missionária se justifica pelo simples fato de que o cristianismo é a mais alta forma de religião, a qual todos tendem. Em 1959, Rahner publica um texto intitulado *Missão e Graça*, onde ele faz uma interpretação teológica da presença do cristão no mundo moderno, das suas obrigações e, sobretudo, da missão do cristão. Faz também uma análise dos problemas teológicos fundamentais da pastoral, tentando descrever que a finalidade última da pastoral é a abertura às diversas formas de vivência da fé.

IHU On-Line – Qual é a sua atualidade e importância na teologia dos nossos dias?

Edisley Batista – Falar da atualidade e da importância de Rahner para os nossos dias é sempre uma questão aparentemente simples, mas que é preciso estar atento. Ele é um teólogo do século XX, portanto, um contexto diferente do nosso, com problemáticas peculiares. Podemos ver a atualidade da sua obra no fato de que o seu pensamento perdura em seus seguidores, inúmeras teses são ainda feitas e temas bastante explorados da sua teologia. O arcabouço teológico de Rahner oferece ainda hoje uma possibilidade enorme de investigação e de confronto, bem como indicações relevantes no âmbito da antropologia, eclesiologia, missiologia, etc.

Porém, o legado fundamental de toda a teologia rahneriana talvez seja o de conceber a “experiência de Deus” como categoria fundamental do ato de teologizar, de tal forma que leve em consideração antes de qualquer coisa a relação existente entre o homem e Deus, através de Jesus Cristo. Existe, com isso, uma perspectiva ou acentuação mística² na teologia deste teólogo. Outro ponto que se pode referir como herança para a teologia hodierna é sem dúvidas a relevância antropológica no pensamento teológico. Karl Rahner, na sua obra *Ouvinte da Palavra (Hörer des Wortes)*, refere-se ao homem como

ser de abertura ilimitada ao ser absoluto, e, como ser de transcendência, o homem está sempre aberto a Deus. Isso significa dizer que não se pode fazer teologia sem considerar a realidade humana, pois a vida do homem é o lugar da fé; no dizer de Rahner, “toda palavra sobre Deus é também uma palavra sobre o homem”. A sua *antropologia transcendental* nos permite confrontar com o pensamento pós-moderno, salvaguardando a essência mais profunda do ser humano, sua realidade espiritual mais profunda e, como consequência, sua abertura ao mistério de Deus. Ainda podemos dizer da sua relevância para o atual contexto religioso. Rahner é, necessariamente, referência no contexto do pluralismo religioso, pois sempre defendeu e sempre escreveu sobre a necessidade e importância de reconhecer a real presença de Deus mesmo onde a fé não é vivida explicitamente.

IHU On-Line – Qual é a contribuição desse teólogo para a redação do documento *Ad gentes*?

Edisley Batista – Karl Rahner, juntamente com outros grandes teólogos, contribuiu sobremaneira para a nova visão eclesiológica oriunda do Vaticano II⁴. Em muitos documentos

se notam resquícios, ou mesmo influências, da sua teologia. O decreto *Ad gentes* faz emergir na Igreja a sua mais alta vocação, que é a sua ação missionária universal. O documento representa um salto em relação às concepções antigas quando admite a existência de *verdade* e de *graça* nas demais religiões, ainda que tenha necessidade de uma “purificação” através da missão. É justamente neste ponto que aparece a contribuição fundamental do teólogo alemão, pois em 1961 Rahner já defendia a ideia de que as outras religiões possuem muito mais do que uma mera crença natural em Deus, e afirma efetivamente que existem “substanciais traços sobrenaturais da graça”⁵. Esta concepção e reconhecimento das demais religiões que Rahner antevira influenciou profundamente a nova relação e abertura da Igreja e do cristianismo com as religiões não cristãs, pois a atividade missionária consiste propriamente nisto, em abrir-se a todas as realidades e fazer vir à tona a fé que já é vivida ‘atematicamente’ em todas as religiões.

IHU On-Line – O que Metz⁶ quer dizer com a “capacidade em relação à humanidade imediata” de Rahner?

Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira a edição 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>. Ainda sobre o tema, a **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, esta disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 K. RAHNER, *Saggi di antropologia soprannaturale*, 545. (Nota do Entrevistado)

6 **Johann Baptist Metz** (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de

3 **Ad gentes**: em 7 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI promulgava o decreto *Ad gentes*, sobre a “Atividade Missionária da Igreja”, um dos documentos mais relevantes e mais trabalhosos que resultaram do Concílio Vaticano II. A ele se deve toda uma revolução na forma de encarar e praticar a missão. E também o respeito pela cultura, pela história e pelas religiões dos povos a evangelizar. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o ciclo de estudos

2 Cf. E. KLINGER, *L'assoluto nel quotidiano. La teologia spirituale di Karl Rahner*, 86. (Nota do Entrevistado)

Edisley Batista – No capítulo 10 da sua obra *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), Rahner fala sobre o homem como ser material, evidenciando que “o homem só realiza um retorno sobre si mesmo (este é o princípio transcendental baseado na metafísica de Tomás de Aquino)” saindo no mundo diverso de si”. Segundo Rahner esta abertura do homem ao mundo através do qual ele realiza a sua transcendentalidade é o que favorece a capacidade autorreflexiva do ser, precisamente no possuir o ser próprio do homem. Esta relação, sempre transcendental, mesmo que histórica, ou melhor, justamente a causa disso, se transforma por si na possibilidade de o homem ter junto de si um outro como “primeiro conhecido” (no sentido gnosiológico). Este outro é, na verdade, a “possibilidade subjetiva” da posse do ser, que é necessariamente real, que divide o elemento substancial e imediato⁸. Metz, ao fazer um comentário sobre esta passagem da obra de Rahner, ressalta que a realidade desta “possibilidade subjetiva” não pode ser entendida como se pertencesse a si mesmo absolutamente, independentemente do ser ao qual ela é atribuída. A realidade dessa capacidade imediata de possuir o ser deve ser entendida sempre em relação ao homem, como sua realidade imediata, como componente da sua transcendentalidade. Segundo Metz, ainda na interpretação de “Ouvintes da Palavra”, esta materialidade conduz o homem por si ao espaço determinado do outro, onde se realiza o seu ser. Assim, no simples fato de apre-

sua teologia são memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon13>. (Nota da IHU On-Line)

7 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época, são elas: a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

8 Cf. K. RAHNER, *Uditori della parola*, 164. (Nota do Entrevistado)

sentar-se “a uma alteridade vazia, o homem estaria em si ainda inseparável de si (não mediato)”. Por isso, ele realiza esta sua capacidade em relação precisamente a uma humanidade concreta, em direção da qual ele transcende. Vale recordar que Metz não entende transcendência em termos de categorias espaciais, como aquilo que é “ultramundano”, mas a entende segundo categorias históricas, isto é, o aperfeiçoamento no interior mesmo da história⁹, por isso, esta relação imediata se concretiza historicamente.

IHU On-Line – Por que teólogos como Metz consideram a teologia de Rahner uma “teologia voltada para a antropologia”?

Edisley Batista – Esta é uma das maiores críticas ao pensamento de Rahner. Metz, que foi um dos seus mais eminentes discípulos, em sua obra *O antropocentrismo cristão* (1961), faz uma análise antropológica da teologia, partindo, assim como Rahner, da interpretação da *forma mentis* de Tomás de Aquino. Para Metz é evidente que o pensamento de Aquino é, no que se refere ao seu conteúdo, fundamentalmente teocêntrico, mas do ponto de vista formal, isto é, ontologicamente, é antropológico¹⁰. E é precisamente deste ponto do pensamento de Tomás de Aquino que Rahner parte para elaborar sua teologia transcendental, que considera fundamental falar do homem em teologia. Para Rahner, não existe uma palavra sobre Deus que não seja simultaneamente e necessariamente uma palavra também sobre o ser humano. Ele coloca no centro da sua teologia a questão antropológica, pois para fazer teologia é necessário antes de tudo considerar aquela realidade na qual Deus mesmo se tornou. É voltada para a antropologia porque no plano ontológico e antropológico Rahner procurou analisar profundamente as condições de possibilidade, para o homem, de experimentar no íntimo da sua própria existência uma abertura ao mistério sacro e absoluto de Deus. Nas suas

9 Cf. J. B. METZ, *Sulla teologia del mondo*, 160. (Nota do Entrevistado)

10 Cf. G. COCCOLINI, *Johann Baptist Metz*, 34. (Nota do Entrevistado)

grandes obras *Espírito no Mundo e Ouvintes da Palavra*, bem como em seus inúmeros ensaios, Rahner tenta demonstrar a necessidade da análise sobre o homem como ponto de partida para a teologia, pois se trata sempre de refletir sobre a possibilidade de estabelecer uma relação entre Deus e o homem. Para Rahner, o homem é sempre um “ouvinte da palavra”, está invariavelmente aberto à escuta da palavra de Deus (que é um evento) que acontece através da sua revelação; por isso, segundo este teólogo, é imprescindível uma reflexão antropológica ao considerar a autocomunicação de Deus.

H. U. Von Balthasar¹¹ foi um dos grandes críticos do pensamento rahneriano, pois, conforme o teólogo suíço, trata-se de um reducionismo antropológico, ou seja, Rahner teria reduzido a teologia a uma antropologia, invertendo o polo da reflexão. Também W. Kasper se mantém um pouco distante da teologia de Rahner, considerando-a como uma incompleta reflexão teológica, restrita ao campo antropológico.

IHU On-Line – Qual é a peculiaridade do projeto teológico de Rahner como um todo? Quais são suas principais intuições?

Edisley Batista – Uma tentativa de caracterização da teologia rahneriana deve necessariamente levar em consideração que não se trata de um trabalho monográfico, ou seja, não é limitada a uma única temática, por mais importante que

11 **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde se doutorou em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*, publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar*. Uma leitura teológica, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

ela seja. Rahner, desde seus primeiros escritos até a sua maturidade, afrontou diversas problemáticas no âmbito da antropologia, da dogmática, da eclesiologia, teologia fundamental, até mesmo da ética, da moral, etc. Ignazio Sanna¹² diz que a teologia de Rahner poderia ser chamada de “kairológica” no sentido de que ele faz uma leitura dos diversos momentos de kairós da vida humana à luz da Palavra de Deus. Toda produção teológica, bem como filosófica de Rahner, é no intuito de responder às questões mais fundamentais da vida humana, questões profundamente existenciais e bem concretas, de forma a oferecer elementos teóricos para que, do momento em que Deus se revela a todo homem sem distinção, cada pessoa seja capaz de compreender e interpretar esta revelação, levando em consideração sua própria existência.

Porém, Rahner dedicou bastante atenção a temas como *método transcendental*, onde procura justificar a necessidade de verificar no próprio homem as suas condições de possibilidade para acolher a autocomunicação de Deus. De fundamental importância também é a sua reflexão sobre o *Existencial Sobrenatural*, onde o homem se encontra permanentemente aberto ao mistério absoluto, Deus, não devido à sua natureza, mas como pura e unicamente oferta da graça de Deus. Por consequência, toda pessoa é já envolvida pela graça salvífica de Cristo, temática ou atematicamente. Daqui Rahner elabora sua controversa doutrina dos “cristãos anônimos”. Não menos importante, e sobretudo hoje num contexto de pluralismo religioso, é a atenção que este teólogo dá às religiões não cristãs, sempre defendendo a originalidade e presença salvífica de Deus nestes homens e mulheres que vivem a radicalidade da vida, e que por isso mesmo estão em

relação com a graça salvífica e universal de Deus.

IHU On-Line – Como a teologia de Rahner repercute em documentos conciliares como a *Gaudium et spes*?

Edisley Batista – Mesmo que o contexto do Vaticano II seja o período em que Rahner começa a despontar no cenário teológico, e embora ele tenha participado do evento conciliar, não foi, contudo, o teólogo ou perito mais notável do Concílio. Rahner foi convidado a participar do Concílio pelo então Arcebispo de Viena, cardeal König¹³, como seu perito particular. Trabalhou ao lado de grandes teólogos da época e de agora como Yves Congar¹⁴, H. de Lubac¹⁵ e o ainda

¹³ **Franz König**: austríaco, foi nomeado arcebispo de Viena, em 1956, pelo papa Pio XII e nomeado cardeal por João XXIII, em 1958. Foi, juntamente com os cardeais Alfrink, da Holanda, Suenens, da Bélgica, Lercaro, da Itália, e Doepfner, da Alemanha, um dos grandes homens do Concílio Vaticano II. Faleceu em março de 2004, aos 98 anos de idade. Já arcebispo emérito, em 1999, concedeu uma entrevista à revista inglesa *The Tablet*, em que defendia “a descentralização do poder do papa e da cúria romana. Por mais de mil anos os bispos foram eleitos pelos fiéis e confirmados pelo papa. Devemos retomar as formas descentralizadas das estruturas de comando da igreja, como se fazia nos primeiros séculos”. Era um grande estudioso das grandes religiões da humanidade. Ele organizou, em 1951, a obra, em três volumes, *Christus und die Religionen der Erde* (Cristo e as Religiões da Terra). Numa das últimas declarações públicas dada por ele, logo depois do 11 de setembro de 2001, se contrapôs àqueles que defendiam “a superioridade da religião cristã”, apelando ao respeito à diversidade religiosa e distinguindo a fé autêntica do integralismo. (Nota do IHU On-Line)

¹⁴ **Yves Marie-Joseph Congar** (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a IHU On-Line publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 08-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da IHU On-Line, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Église*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o

jovem teólogo J. Ratzinger¹⁶. É possível, porém, reconhecer aspectos da sua contribuição teológica em vários temas conciliares, tais como o dever da descentralização eclesial, abertura para o diálogo ecumênico¹⁷, e, em virtude de ter sido nomeado para a Comissão dos sacramentos, a sua contribuição para a renovação do diaconato. Empenhou-se também em colaborar com a reflexão de documentos como *Lumen Gentium*, *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes*¹⁸. No que se refere a esta última, a contribuição do teólogo alemão é relevante para a compreensão da categoria de “mundo”, pois, para ele, um documento que ressalte a relação entre Igreja e mundo deve necessariamente partir de problemáticas tipicamente humanas.

Referências

- RAHNER, K. *Saggi di antropologia soprannaturale*, Ed. Poline- Roma, 1969.
 RAHNER, K. *Uditori della parola*, Borla-Roma, 1967.
 COCCOLINI, G. *Johann Baptist Metz*, Morcelliana, Brescia, 2007.
 KLINGER, E. *L'assoluto nel quotidiano. La teologia spirituale di Karl Rahner*, Ed. Messaggero Padova Padova, 1994.
 METZ, J.B. *Sulla teologia del mondo*, Queriniana, Brescia, 1969.
 RAFFELT, A.; VERWEYEN, H. *Leggere Karl Rahner*, Queriniana, 2004.
 Teologia del Vaticano II, a cura della Scuola del Seminario di Bergamo, San Paolo, Milano, 2012.

Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ **Joseph Ratzinger** (1927): teólogo alemão chamado Joseph Ratzinger, de 2005 a 2013 assumiu o trono de Pedro sob o nome de Papa Bento XVI e hoje é chamado de Papa Emérito. Autor de uma vasta e importante obra teológica, tem com um dos seus livros fundamentais *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). Renunciou em fevereiro de 2013 ao pontificado. Sobre esse fato confira o seguinte material publicado pelas Notícias do Dia do site do IHU, em 03-03-2013: *Conjuntura da Semana. Bento XVI. As primeiras avaliações de um pontificado*, disponível em <http://bit.ly/XkPinw>. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ Cf. A. RAFFELT-H. VERWEYEN, *Leggere Karl Rahner*, 118. (Nota do Entrevistado)

¹⁸ Cf. Teologia del Vaticano II, a cura della Scuola del Seminario di Bergamo, 34. (Nota do Entrevistado)

¹² **Ignazio Sanna** (1942): é um arcebispo católico romano e teólogo italiano, atualmente arcebispo de Oristano, Presidente da Comissão para Estudos Superiores de Teologia e Ciências da Religião da CEI e membro da Pontifícia Academia de Teologia, o Comitê de Projeto Cultural da Igreja italiana e da Comissão Episcopal da CEI para a doutrina da fé, o anúncio e a catequese. (Nota da IHU On-Line)

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Destques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 09-06-2014 a 13-06-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do site do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Vale do Sinos preparado para os maiores níveis de chuva?

Entrevista especial com Jackson Müller, biólogo e professor da Unisinos e da Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade de Caxias do Sul
Publicada no dia 09-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu090614>

Para o biólogo Jackson Müller, a falta de planejamento no crescimento e urbanização das cidades e redução das áreas de banhados, que atuam como reservatórios naturais para amortecimento das cheias, são alguns dos fatores que intensificam os impactos gerados pela alteração no regime das cheias, que ocasionam enchentes e deixam famílias desabrigadas na região do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul. Em entrevista à **IHU On-Line**, ele propõe que os desafios postos à gestão pública estão diretamente relacionados à realização de obras de saneamento básico, em especial à drenagem urbana. Aliado a isso, Müller enfatiza que a falta de consciência social de que as ações individuais geram um efeito que se multiplica, o que “constitui um dos maiores problemas para a efetividade das medidas de prevenção dos episódios mais críticos”.

Copa do Mundo: “O brasileiro, louco por futebol, está alijado dos campos”

Entrevista especial com Rafael Alcadipani, vice-chefe do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da FGV e pesquisador de organizações policiais e manifestações.
Publicada no dia 11-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu110614>

Uma “apatia no ar”, “um clima de medo” e “a presença do Exército nas ruas”. É com esse cenário que os brasileiros vão assistir aos jogos da Copa do Mundo do “país do futebol”, diz Rafael Alcadipani, um dia antes do início do mundial, na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line**. A sensação, acentua, é a de que “o Brasil está triste por sediar o evento, o contrário do que se imaginaria em um país de fanáticos por futebol e um país que gosta de festas”, assinala. Apesar das manifestações recorrentes nas ruas e nas redes sociais, seguidas do grito “não vai ter copa”, “a tendência é de que os protestos contra a Copa não vinguem tanto, pois o evento está aí”, propõe. No entanto, demandas específicas de categorias podem ganhar corpo. “De todo modo, não podemos negar que existe um grande clima de insatisfação nas ruas no Brasil”, avalia o pesquisador.

Mais da metade dos municípios não tem serviços de saneamento básico

Entrevista especial com Édison Carlos, químico industrial pós-graduado em Comunicação Estratégica
Publicada no dia 10-06-2014

Acesse o link <http://bit.ly/ihu100614>
O monitoramento das obras de saneamento básico realizadas pelos PAC 1 e PAC 2, realizado pelo Instituto Trata Brasil, revela não só que a maioria das obras estão atrasadas ou paralisadas, mas que “17% da população não recebe água tratada e 51% não tem acesso à coleta de esgotos”, informa Édison Carlos em entrevista concedida à **IHU On-Line**. Das 219 obras analisadas – 149 de esgotos e 70 de água – em municípios com população superior a 500 mil habitantes, no período de 2007 a 2013, “foram 24% de obras de esgotos do PAC 1 concluídas e 19% considerando a soma dos 2 PACs. Nas obras de água, o cenário vai de 34% de obras concluídas no PAC 1 até 27% quando se consideram os 2 PACs”, diz. O atraso das obras, segundo ele, está relacionado a problemas gerados pela apresentação de “projetos desatualizados ou tecnicamente falhos”.

A cidade enfeitada e o não enfrentamento da exploração sexual durante a Copa

Entrevista especial com Daniella Alencar, militante feminista da Associação Frida Kahlo do Ceará
Publicada no dia 12-06-2014
Acesse o link <http://bit.ly/ihu120614>

Conhecida como uma das 241 rotas do tráfico sexual de mulheres, Fortaleza, uma das cidades-sede da Copa do Mundo, não promove, “por parte do Poder Público, nenhuma força-tarefa que seja para o enfrentamento a essa questão e isso é muito cruel”, diz Daniella Alencar em entrevista à **IHU On-Line**. Segundo ela, a preocupação do Poder Público hoje é “enfeitar a cidade e tentar concluir o que não foi concluído no que diz respeito às obras físicas”. E continua: “Não se vê na cidade uma campanha institucional para o enfrentamento da exploração sexual ou aliciamento de mulheres durante o período da copa”. Daniella acentua que, apesar de não haver uma prevenção em relação ao tráfico de mulheres, há uma preocupação social em torno da questão, tendo em vista que o grande público que virá para assistir aos jogos da copa do mundo são homens.

Teologia Pública

A monstruosidade de Cristo. Paradoxo ou dialética

O teólogo Adam Kotsko analisa o livro de Slavoj Žižek e John Milbank, em que a morte de Jesus na cruz serve de eixo central para o diálogo entre os dois autores sobre as condições humana e divina de Cristo

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: WALTER SCHLUPP

O diálogo travado entre o filósofo Slavoj Žižek¹ e o teólogo John Milbank² no livro *A monstruosidade de Cristo. Paradoxo ou dialética* (São Paulo: Três Estrelas, 2014) (original inglês: *The Monstrosity of Christ: Paradox or Dialectic* (2009)) é o tema central desta entrevista de Adam Kotsko, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “A teologia da morte de Deus é um lembrete de que a modernidade secular é uma consequência do cristianismo, não uma rejeição do mesmo. Milbank toma isso como prova de que precisamos voltar para o ‘real’ cristianismo dos tempos pré-modernos, porque a modernidade seria uma visão herética do cristianismo, enquanto Žižek afirma, com He-

gel, que a modernidade é fruto autêntico do cristianismo, e não uma espécie de bastarda ou órfã”, afirma Kotsko, em referência a um dos tantos pontos em que há importante divergência entre os paradigmas teóricos dos autores da obra.

Adam Kotsko é teólogo, professor assistente de Ciências Humanas no Shimer College, em Chicago, Estados Unidos. É autor de *Politics of Redemption: The Social Logic of Salvation* (Cambridge, James Clarke and Co, 2010); *Awkwardness* (Ropley: Zero Books, 2010) e *Why We Love Sociopaths: A Guide to Late Capitalist Television* (Ropley: Zero Books, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o confronto “provocador” que Žižek e Milbank

1 Slavoj Žižek (1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da *European Graduate School* e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a *New School for Social Research*, de Nova York, e a Universidade de Michigan. Publicou recentemente *Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético* (São Paulo: Boitempo, 2013) (Nota da **IHU On-Line**)

2 John Milbank: teólogo inglês, professor da Universidade de Virgínia. Lecionou também nas universidades de Oxford, Cambridge e de Birmingham. É considerado o líder da “Ortodoxia Radical”, movimento crítico ao liberalismo que tem em sua perspectiva política o encontro com o pensamento do homem moderno e, simultaneamente, com o desconstru-

estabelecem ao debater filosofia, teologia e política em *A monstruosidade de Cristo* (São Paulo: Três Estrelas, 2014)?

Adam Kotsko – Para mim, o aspecto mais importante do livro é que um grande filósofo como Žižek está em diálogo com um teólogo contemporâneo, não só com a Bíblia ou al-

cionismo. Para Milbank, a “dialética” é uma nova variante da política e da economia política moderna, razão pela qual teria obtido menos sucesso do que o positivismo na superação do liberalismo, das teorias econômicas e da heterogênesse. Ele é autor do livro *Theology and Social Theory*, em 1990, e traduzido para o português por *Edições Loyola*. Ele também é autor de *Paul’s New Moment: Continental Philosophy and the Future of Christian Theology* (2010). (Nota da **IHU On-Line**)

guma figura importante como Agostinho³ ou Tomás de Aquino⁴, mas com

3 Santo Agostinho (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da **IHU On-Line**, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto

alguém que está fazendo teologia agora. Muitas vezes, em discussões filosóficas sobre teologia, fica parecendo que a teologia está morta há centenas de anos.

O que talvez seja mais provocativo, porém, é que ele é o filósofo que está fazendo o trabalho teológico mais criativo e desafiador. Žižek está trabalhando ativamente a partir da sua posição no diálogo crítico com a tradição, muitas vezes tomando direções inesperadas, enquanto Milbank, para mim, parece estar repetindo, essencialmente, os mesmos pontos de vista que ele sempre apresentou. Até certo ponto, eu acho que o livro é uma oportunidade perdida por causa dessa incompatibilidade: as posições de Žižek e de Milbank são simplesmente diferentes demais para um diálogo produtivo. Um debate entre Žižek e Catherine Keller⁵ ou Enrique Dussel⁶ teria sido muito mais interessante, na minha opinião.

IHU On-Line – Como essa “monstruosidade” de Cristo pode ser compreendida adequadamente a partir do referencial de Hegel?

na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

5 Catherine Keller (1953): professora de teologia na Universidade de Drew, de Nova Jersey. (Nota da IHU On-Line)

6 Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como: filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

7 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição

“A visão ateísta de Žižek do cristianismo é mais interessante e radical do que a posição ortodoxa de Milbank. Pode não ser ‘mais cristã’, mas certamente é mais produtiva e promissora”

Adam Kotsko – Žižek adota uma visão hegeliana do cristianismo. Nessa visão, que foi retomada por teólogos da “morte de Deus” do século XX, como Thomas Altizer⁸, Deus se encarna em Cristo irrestritamente, tudo que significa ser Deus é despejado em Cristo, sem Pai transcendente deixado para trás no céu. Quando Cristo morre, essa divindade é despejada para o Espírito Santo, entendido como vínculo social singular da comunidade cristã.

IHU On-Line – Como a “cristologia” de Hegel se apresenta na argumentação sustentada por Žižek?

Adam Kotsko – No meu ponto de vista, Hegel domestica o poder transformador do novo vínculo social representado pelo Espírito Santo. Ele

261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261> e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430> (Nota da IHU On-Line)

8 Thomas Altizer (Thomas Jonathan Jackson Altizer, 1927): teólogo estadunidense, atualmente professor da Emory University, em Atlanta. Tornou-se conhecido mundialmente a partir de um artigo publicado pela revista *Time* com o título *Christian Atheism: The “God Is Dead” Movement* (“Ateísmo cristão: o movimento ‘Deus está Morto’”). (Nota da IHU On-Line)

passa rápido demais para a estrutura institucional-burocrática da Igreja oficial, enquanto Žižek vê a possibilidade de uma estrutura social fundamentalmente não institucional ou não ideológica a surgir com a morte de Deus em Cristo. Por isso eu acho que Žižek aponta para um caminho em que a “monstruosidade de Cristo” empurra o pensamento de Hegel para além dos seus próprios limites.

IHU On-Line – A partir desse debate, que pistas são dadas por ambos os autores do livro para uma resistência ao niilismo capitalista?

Adam Kotsko – A visão de Milbank é consistente em todos os seus escritos: precisamos voltar a uma versão idealizada de estruturas sociais medievais, caracterizadas por uma hierarquia social com justiça ordenada, em que todos pertencem a vários grupos ou instituições que se sobrepõem, sem uma pretensão dominante como a do Estado-nação moderno. Isso criaria espaço para uma economia de doação mais autêntica, que nos permitiria afastar-nos dos piores efeitos do capitalismo, etc.

A meu ver, a solução proposta por Milbank é pura fantasia; na verdade, eu concordo com Žižek de que se trata basicamente de “fascismo soft”. No entanto, Žižek não oferece uma alternativa totalmente desenvolvida, de forma alguma. Ele sempre diz que o que precisamos é deixar de lado as exigências de uma ação imediata e nos concentrar no desenvolvimento de nossa teoria tão rigorosamente quanto possível. Isso é o que ele faz em suas respostas no livro.

IHU On-Line – Que reflexões “a monstruosidade de Cristo” enseja a partir de um contexto secular que fala sobre a morte de Deus?

Adam Kotsko – A teologia da morte de Deus é um lembrete de que a modernidade secular é uma consequência do cristianismo, e não uma rejeição dele. Milbank toma isso como prova de que precisamos voltar para o “real” cristianismo dos tempos pré-modernos, porque a modernidade seria uma visão herética do cristianismo, enquanto Žižek afirma, com Hegel, que a modernidade é fruto

autêntico do cristianismo, e não uma espécie de bastarda ou órfã.

IHU On-Line – Qual é o significado do cristianismo e de Jesus para a história e futuro da humanidade?

Adam Kotsko – Isso ainda vamos ver. As visões dominantes de Jesus e do cristianismo, parece-me, não oferecem muita esperança para o futuro. Na melhor das hipóteses, são visões nostálgicas; na pior das hipóteses, são profundamente reacionárias. Se é que o cristianismo tem futuro, ele será encontrado no trabalho de teólogos heterodoxos que trabalham à margem da Igreja (como teólogos feministas, teólogos homossexuais, da libertação) ou totalmente fora dela (como Žižek ou Agamben).

IHU On-Line – Em que sentido o Deus que se fez homem na pessoa de Cristo enseja debates sobre uma transcendência que se faz imanente, com todos os paradoxos que isso pode significar?

Adam Kotsko – Debates sobre transcendência e imanência muitas vezes me parecem estéreis. Cada um dos lados pressupõe que a sua abordagem é intelectualmente mais rigorosa e moralmente mais adequada, de modo que qualquer tipo de discussão é praticamente inútil. Embora eu simpatize mais com os adeptos da imanência, prefiro evitar a questão por completo, para me concentrar em outras preocupações.

IHU On-Line – Quais são os traços fundamentais da crítica de Milbank à modernidade e como esta

“As visões dominantes de Jesus e do cristianismo, parece-me, não oferecem muita esperança para o futuro. Na melhor das hipóteses, são visões nostálgicas; na pior das hipóteses, são profundamente reacionárias”

se entrelaça no debate estabelecido com Žižek?

Adam Kotsko – Milbank acredita que a modernidade é essencialmente uma heresia cristã e que todas as suas falhas óbvias apontam para a necessidade de voltar para o cristianismo autêntico, ortodoxo. Para Milbank, a modernidade secular se baseia numa ontologia da violência e da luta, ao passo que o cristianismo nos fornece uma ontologia da paz. Milbank afirma esses pontos de vista ao longo de sua resposta a Žižek, em um caso, usando

uma elaborada metáfora de dirigir por uma estrada do interior no meio do nevoeiro. Mas eu não tenho certeza de chamar isso parte de um “debate” com Žižek. Esse livro simplesmente deu a Milbank uma oportunidade de reafirmar seus pontos de vista de uma forma um pouco diferente.

IHU On-Line – Como podemos compreender o posicionamento de Žižek, para quem seu ateísmo é “mais cristão” do que a fé de Milbank, e a posição de Milbank a respeito de um “Žižek católico”?

Adam Kotsko – Eu acho que a visão ateísta de Žižek do cristianismo é mais interessante e radical do que a posição ortodoxa de Milbank. Pode não ser “mais cristã” segundo todos os critérios, mas certamente é mais produtiva e promissora. A visão de Milbank de um “Žižek católico” é uma forma de tentar assimilar Žižek à posição do próprio Milbank. Acho que é forçado e pouco convincente.

Leia mais...

- *Agamben e o repensar da teologia a partir de seus fundamentos*. Entrevista com Adam Kotsko e Colby Dickinson publicada no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 15-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1qbbTSf>.
- *Žižek e a tentativa radical de repensar a tradição cristã*. Entrevista com Adam Kotsko publicada na edição 431 da **IHU On-Line**, de 04-11-2013, disponível em <http://bit.ly/1hQkdV2>.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Entrevista da Semana

Como o mal-estar se exprimirá depois da Copa?

“A Copa é simbólica porque, vendida como algo em que ‘todo mundo ganha’, na verdade é um processo em que alguns perderam tudo, para que uns poucos ganhassem muito, de forma que outros mais pudessem ganhar algo”, destaca o filósofo Rodrigo Nunes.

POR PATRICIA FACHIN

Na semana em que se inicia a Copa do Mundo no Brasil, depois de tantas manifestações em torno dos protestos de #NãoVaiTerCopa, “poucos realmente chegaram a crer que seria possível impedir a realização do torneio”, avalia Rodrigo Nunes em entrevista à **IHU On-Line**, publicada originalmente no sítio do IHU, em 13-06-2014. Com tanto dinheiro empenhado no mundial, acentua, era difícil que o evento “não fosse em frente, nem que se tivesse – como estamos vendo – que botar as Forças Armadas na rua”.

Entretanto, o fato de a Copa ter sido marcada por inúmeros protestos sinaliza que parte da população estava dizendo: “não contem conosco para sermos figurantes felizes numa festa que sabemos não ser nossa. As pessoas recusaram o papel que lhes fora dado naquela narrativa”, diz o pesquisador. Para ele, o movimento “Não vai ter Copa” “era performativo: o simples fato de ser dito por milhares de pessoas já o tornava real. Por quê? Porque este tipo de evento é construído em cima da ideia de uma unidade indivisa: a Copa é boa para o país, é uma grande oportunidade para o Brasil, será uma grande festa para todos... Mas, claro, a verdade não é bem assim”.

Rodrigo destaca que a Copa é um grande negócio para um grupo muito restrito: “a FIFA – que é literalmente impedida por lei de ter prejuízo, segundo a legislação que ela impõe aos países-sede –, os patrocinadores, as construtoras, etc”. E acrescenta: “Para as 250 mil pessoas que foram ou seguem ameaçadas de serem expulsas de suas casas, para os familiares e amigos dos trabalhadores mortos, para os trabalhadores vivos que enfrentam condições laborais perversas, para os moradores ou vendedores de rua atingidos pela higienização das cidades, ela foi catastrófica”.

Na entrevista a seguir, Nunes ainda chama a atenção para as consequências da Copa e assinala que os gastos excessivos de dinheiro público e a corrupção em torno do mundial não são algo “excepcional no caso brasileiro. É necessário entender que este não foi um modelo particularmente mal aplicado; o modelo é este. A FIFA e o Comitê Olímpico Internacional – COI são dois corpos privados, sem nenhuma *accountability*, notórios pelas

denúncias de corrupção que os cercam. Seu *business* é vender (literalmente, a se julgar pela história sobre a escolha do Qatar como sede da Copa) o que poderíamos chamar de ‘pacote de estado de exceção’ para países interessados em atrair investimentos”.

O que é específico do país, pontua, “é uma série de demandas sociais reprimidas: a distribuição de renda, o problema da habitação, o extermínio da juventude negra e pobre, a baixa qualidade dos serviços públicos, a impermeabilidade do sistema político. Embora na última década tenham sido dados passos importantes em algumas dessas áreas, tudo isso vem à tona junto com a Copa. Neste sentido, ela é apenas um ponto focal temporário para um mal-estar social muito mais amplo, profundo e (inclusive) antigo, e na verdade a grande questão é como este mal-estar se exprimirá uma vez passada a Copa. Parece claro que ele não desaparecerá tão cedo, mas não está claro como as diferentes lutas farão para se compor entre si, que formas organizativas e relações com as instituições elas estabelecerão”.

Rodrigo Guimarães Nunes é doutor em Filosofia pelo *Goldsmiths College*, Universidade de Londres, e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. É colaborador de diversas publicações nacionais e internacionais, como *Radical Philosophy*, *Mute*, *Le Monde Diplomatique*, *Serrote*, *The Guardian* e *Al Jazeera*. Como organizador e educador popular, participou de diferentes iniciativas ativistas, como as primeiras edições do Fórum Social Mundial e a campanha *Justice for Cleaners*, em Londres.

Foi membro do coletivo editorial da *Turbulence*, uma revista influente entre os movimentos sociais da Europa e da América do Norte na segunda metade da década passada. É autor do livro *Organisation of the Organisationless: The Question of Organisation After Networks* (London: Mute, 2014). Nunes publicou recentemente um artigo na edição especial da revista *Les Temps Modernes*, fundada por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, sobre os protestos no Brasil. O dossiê reúne análises de pesquisadores como Marcos Nobre, Idelber Avelar, Vladimir Safatle e Jessé Souza.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor interpreta as manifestações #NaoVaiTerCopa que têm ocorrido nas redes sociais e nas ruas antes da realização da Copa do Mundo no Brasil, sendo este o país do futebol? Há algo estranho nessa relação?

Rodrigo Nunes – Para mim, foi claro desde quando o “Não vai ter Copa” surgiu, que ele podia ser lido de duas maneiras. A primeira era condicional: se não houver sinalizações claras em resposta às demandas que estão sendo levantadas (transporte público, serviços públicos em geral, as remoções causadas pela Copa, o não cumprimento das promessas do “legado”, a violência policial nos protestos e nas favelas...), a insatisfação e a mobilização só vão crescer. E se elas crescerem, tudo pode acontecer. As pessoas haviam (re)cobrado a confiança em seu poder coletivo, em sua capacidade de interromper o *business as usual* de um sistema político tão pouco permeável como o nosso; elas estavam conscientes de que aquela capacidade de mobilização subitamente (re)descoberta inspirara medo na classe política. Neste contexto, “Não vai ter Copa” era uma ameaça: *vocês vão nos ouvir, senão...*

Por outro lado, acho que poucos realmente chegaram a crer que seria possível impedir a realização do torneio. Era muito difícil, com tanto dinheiro empenhado, com tantos interesses envolvidos, que o evento não fosse em frente, nem que se tivesse – como estamos vendo – que botar as Forças Armadas na rua.

Unidade indivisa

Mas isso não importa, porque o outro sentido do “Não vai ter Copa” era performativo: o simples fato de ser dito por milhares de pessoas já o tornava real. Por quê? Porque este tipo de evento é construído em cima da ideia de uma unidade indivisa: a Copa é boa *para o país*, é uma grande oportunidade *para o Brasil*, será uma grande festa *para todos...* Mas, claro, a verdade não é bem assim. A Copa é um grande negócio para um grupo muito restrito: a FIFA – que é literalmente impedida por lei de ter prejuízo, segundo a legislação¹ que ela

¹ O tema foi abordado em “Entrevista do

“Há uma tentativa, por parte do governo, de colar no ‘Não vai ter Copa’ a pecha de ‘complexo de vira-latas’”

impõe aos países-sede – , os patrocinadores, as construtoras, etc. Para as 250 mil pessoas que foram ou seguem ameaçadas de serem expulsas de suas casas, para os familiares e amigos dos trabalhadores mortos, para os trabalhadores vivos que enfrentam condições laborais perversas, para os moradores ou vendedores de rua atingidos pela higienização das cidades, ela foi catastrófica. E para a maioria da população, ela foi uma queima de gigantescas quantidades de dinheiro público para construir estruturas privadas, ou que serão privatizadas, ou que se tornarão imediatamente obsoletas – enquanto quase nada do “legado” prometido se realizou.

O que aconteceu desde junho do ano passado foi que as pessoas se deram conta do quão mal distribuída era essa “grande oportunidade”, do quanto essa unidade a quem a Copa supostamente se destinava era uma cortina de fumaça para disfarçar um processo extremo de privatização dos lucros e socialização dos prejuízos. Dizer “Não vai ter Copa”, então, significava dizer: não contem conosco para sermos figurantes felizes numa festa que sabemos não ser nossa. As pessoas recusaram o papel que lhes fora dado naquela narrativa.

E isso não tem volta: como as pesquisas apontam, o consenso em torno da Copa e das Olimpíadas e, portanto, a pretensa unidade a que elas se referem, acabou. Neste sentido, já não teve Copa.

Dia”, no sítio do IHU, na entrevista Lei Geral da Copa: um equívoco político e jurídico, de 16-03-2012, disponível em <http://bit.ly/ihu160312>.

IHU On-Line – Por que as manifestações só iniciaram entre dois e um ano antes da Copa? À época em que Lula anunciou o mundial, o país vibrou. Esperava-se outro modelo de gestão em relação aos investimentos? Ou as manifestações de junho também possibilitaram novas críticas à Copa?

Rodrigo Nunes – O argumento do “por que não protestou antes?” seria cômico se não estivesse sendo usado por tantas pessoas com um histórico de mobilização política. Ora, se houvessem explicado à população a verdade sobre o que aconteceria, seria difícil justificar sequer a candidatura do Brasil a país-sede!

As pessoas protestam “tarde” porque a informação de que elas precisam para formar opinião é “administrada” de modo a fazer com que, depois, elas se deparem com os efeitos de “fatos consumados” sobre suas vidas. Se ser idealmente bem informado fosse pré-requisito para poder se expressar politicamente, estaríamos perdidos – porque uma das coisas pelas quais as pessoas sempre lutaram é exatamente o direito a não ter decisões tomadas em seu nome ou à sua revelia, sem que tenham plenas condições de sobre elas se posicionar.

O que aconteceu entre o anúncio da escolha do país-sede e agora foi justamente que as pessoas foram informadas – na prática. Mas aqui é preciso desfazer um engano. Os megaeventos não são uma coisa “boa” que no Brasil “deu errado”. É certo que houve corrupção e inépcia administrativa, em nível municipal, estadual e federal; talvez mais que em alguns lugares, talvez menos que em outros. Mas não há nada de muito excepcional no caso brasileiro.

É necessário entender que este não foi um modelo particularmente mal aplicado; *o modelo é este*. A FIFA e o Comitê Olímpico Internacional – COI são dois corpos privados, sem nenhuma *accountability*, notórios pelas denúncias de corrupção que os cercam. Seu *business* é vender (literalmente, a se julgar pela história sobre a escolha do Qatar como sede da Copa² o que poderíamos chamar de “paco-

² Veja mais sobre o caso nas Notícias do Dia do IHU, em <http://bit.ly/1iu5NVz>.

te de estado de exceção” para países interessados em atrair investimentos. Isso oferece a estes países as condições ideais – o consenso em torno da unidade nacional, a desculpa do interesse público, a “pressa” para concluir obras “em atraso”, a legislação que já vem pronta – para uma rodada de acumulação capitalista violenta. Ou seja: para um processo brutal, mas perfeitamente legal, de privatização de lucros e socialização de custos.

Naomi Klein³ fala de “doutrina do choque” em referência a como o capitalismo neoliberal toma situações extremas como guerras e desastres naturais por “oportunidades de negócios”; o modelo dos megaeventos consiste na *criação* de uma situação extrema. Que isto seja tão amplamente aceito como “oportunidade de *desenvolvimento*” dá uma medida da penúria de imaginação política e econômica em que vivemos desde a ascensão do neoliberalismo. Que isto comece a ser mais amplamente questionado é, sem dúvida, o grande “legado” de junho de 2013 ao mundo.

IHU On-Line – Muitas pessoas veem o problema como sendo específico do Brasil?

Rodrigo Nunes – Há uma tentativa, por parte do governo, de colar no “Não vai ter Copa” a pecha de “complexo de vira-latas”. Esse componente, de achar que nada que façamos pode dar certo, que algum ativismo compromete todos os nossos esforços, é sem dúvida um fator para uma certa classe média, de perfil despolitizado ou diretamente conservador. Trata-se do horror a “esse Brasil atrasado”, onde o “atrasado” é sempre os outros – em última análise, os pobres, que existem em si, milagrosamente separados das condições sociais que mantêm e reproduzem a sua pobreza, e que implicam todos os demais.

Mas é bastante claro que não é disso que os movimentos que têm ido à rua estão falando. Pelo contrário, eles têm falado exatamente sobre como essa reprodução da desigualdade social segue funcionando, e como algo como a Copa serve para reforçá-

“Como as pesquisas apontam, o consenso em torno da Copa e das Olimpíadas e, portanto, a pretensa unidade a que elas se referem, acabou”

-la. É curioso, aliás, que os únicos dois atores que insistem em confundir estes dois discursos (um claramente de esquerda, o outro de centro ou direita) sejam a mídia corporativa e o governo.

Corrupção e antagonismo real

Aqui entra também o tema da corrupção, cujo funcionamento ideológico constitui um “obstáculo epistemológico” sério. A corrupção seria um atavismo específico do Brasil, país corrupto por natureza ou tradição. Mas, curiosamente, o problema é sempre só do Estado, sem envolver o mercado: pensa-se no “homem cordial” que usa a máquina estatal em favor do amigo, mas nunca se pergunta quem é este amigo e o que ele oferece em troca. Logo, tripla função: demonização do Estado, absolvição do mercado e isenção dos corruptores – eles só corrompem os agentes porque estes já são corruptos, como se “corromper” e “ser corrupto” fossem independentes entre si.

Aí está o ponto fulcral, que explica sua quarta função. A corrupção serve para deslocar o antagonismo real, que tem a ver com distribuição de renda e acesso às decisões políticas, projetando-o num antagonismo falso. Enquanto o antagonismo real opõe, digamos, o banqueiro ao favelado, o antagonismo falso cria um “nós” imaginário – um “povo brasileiro” que inclui banqueiro e favelado

– em oposição a um “eles” que seria o Estado, os políticos. Daí nasce a redução da política a uma questão de moralidade individual (como se não fosse perfeitamente possível ser honesto e fazer escolhas políticas desastrosas) ou a uma questão administrativa (como se um padrão de “boa administração” pudesse ser fixado em abstração dos objetivos políticos que se pretende realizar). Nasce também ideias ingênuas, como a de que, caso não houvesse desvio de verbas, haveria dinheiro para tudo, só isso nos distanciaria do bem-estar generalizado. Tudo isso serve para desviar a discussão do realmente essencial: a distribuição desigual da renda e da influência política, a natureza das escolhas políticas e o processo pelo qual elas são tomadas.

Por isso costumo dizer que o problema é menos a corrupção *ilegal*, que é tipificada penalmente e passível de punição, que a corrupção *legal*: a maneira como alguns interesses econômicos têm um poder desproporcional de influenciar as decisões estatais, o modo como o Estado intervém para favorecê-los, privatizando lucros e socializando custos, os lobbies, o financiamento privado de campanha. No caso de um estádio que se tornará obsoleto, por exemplo, o escândalo não é que este ou aquele item tenha sido superfaturado: o escândalo é que ele tenha sido construído. E isto foi feito absolutamente dentro da lei. Repito: parece-me claro que é deste tipo de corrupção que quem está nas ruas agora está falando.

Especificidade brasileira

O que é “específico” do Brasil é uma série de demandas sociais reprimidas: a distribuição de renda, o problema da habitação, o extermínio da juventude negra e pobre, a baixa qualidade dos serviços públicos, a impermeabilidade do sistema político. Embora na última década tenham sido dados passos importantes em algumas destas áreas, tudo isso vem à tona junto com a Copa. Neste sentido, ela é apenas um ponto focal temporário para um mal-estar social muito mais amplo, profundo e (inclusive) antigo, e na verdade a grande questão é como este mal-estar se exprimirá uma vez passada a Copa. Pa-

³ Naomi Klein (1970): jornalista, escritora e ativista canadense. (Nota da IHU On-Line)

rece claro que ele não desaparecerá tão cedo, mas não está claro como as diferentes lutas farão para se compor entre si, que formas organizativas e relações com as instituições elas estabelecerão.

IHU On-Line – Em artigo recente⁴ o senhor diz que a Copa condensa em um símbolo de uma falha fundamental no projeto do PT. Qual foi a falha nesses doze anos de governo? Que parcela da população não foi beneficiada pelo PT?

Rodrigo Nunes – Quase todo mundo foi beneficiado pelo PT: dos banqueiros aos trabalhadores formais, dos latifundiários ao subproletariado, das construtoras à juventude que teve acesso à universidade. Mesmo as famílias que perderam suas casas por causa da especulação imobiliária e dos megaeventos provavelmente tinham, antes disso, melhorado de vida.

A “falha” a que me referia está justamente aí. Graças a uma situação internacional favorável, durante um momento foi possível manter uma situação onde todos ganhavam. Os ricos ficavam muito ricos, os pobres ficavam menos pobres. Este foi o grande sucesso do chamado Lulismo. Foi, ao mesmo tempo, aquilo que – junto com a extorsão política que se institucionalizou de verdade *depois* da eclosão do escândalo do “Mensalão” – o fez estacionar.

Não se falou mais em reforma política, nem numa reforma tributária que, espera-se, criaria uma tributação progressiva e redistributiva. Não se falou mais da concentração da mídia, não se comprou mais briga e, pelo contrário, fizeram-se cada vez mais concessões. O PT se virou com as condições que lhe foram dadas, mas fez muito pouco para mudar estas condições no médio prazo, de tal modo que sua situação hoje é paradoxal: virtualmente imbatível nas urnas, ele parece ter menos forças para transformar as condições em que opera do que quando Lula ganhou pela primeira vez.

Se boa parte de seu eleitorado histórico, claramente identificado

“Não estamos diante de um movimento, mas de um momento”

com a esquerda, percebeu a administração de Dilma como um retrocesso, é porque em seu mandato as forças conservadoras com quem o PT fez compromissos cobraram uma série de faturas e foram atendidas. Pode-se enxergar, então, o processo que se desencadeia em 2013 como o *outro lado* – que não tem outra opção senão conquistar sua influência política nas ruas – apresentando as suas faturas. Num certo sentido, é uma disputa pelo legado do Lulismo: quando não é possível que todos ganhem, qual é o lado que vai perder? A Copa é simbólica porque, vendida como algo em que “todo mundo ganha”, na verdade é um processo em que alguns perderam tudo, para que uns poucos ganhassem muito, de forma que outros mais pudessem ganhar algo.

Luta pela redefinição dos problemas

Esta queda de braço está bastante clara, por exemplo, no discurso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto⁵: o Minha Casa Minha Vida transformou o lucro das empreiteiras na precondição para a solução do problema da habitação; o MTST se mobiliza para garantir uma solução do mesmo problema que seja vantajosa para os trabalhadores.

Mas a coisa não acaba aí; não se trata apenas de uma disputa pela solução de problemas que já estão dados, mas também uma luta pela redefinição dos próprios problemas. É significativo que as mobilizações contra Belo Monte e os ataques aos Guarani Kaiowá, bem como a ocupação da Aldeia Maracanã, sejam ancestrais direitos dos protestos de junho de 2013. Não só porque os indígenas talvez se-

jam o único segmento que claramente perdeu na última década, especialmente no governo Dilma, mas porque estes são sintomas de um sentimento crescente de que é preciso repensar de cima a baixo o conceito meramente quantitativo, extensivo, econômico de desenvolvimento com que estamos operando. E aí há uma diferença importante. Demandas como as do MTST, dependendo da capacidade política (que, no caso do MTST, está demonstrando ser grande), podem encontrar acolhida pontual, como agora em São Paulo. Mas, por hora, a ideia de que é preciso reformular o próprio conceito de desenvolvimento não encontra representação nenhuma dentro do tabuleiro político-partidário nacional.

IHU On-Line – É possível vislumbrar qual será o impacto dessas manifestações e da desunião em torno da Copa do Mundo nas eleições?

Rodrigo Nunes – É difícil prever o quão grandes serão as manifestações; vai depender de fatores relativamente contingentes. Se elas forem tão grandes quanto o ano passado, o que por hora parece improvável, ou se algo muito grave ocorrer, tudo pode acontecer. Caso contrário, a tendência é mais uma vitória do PT.

Agora, da mesma maneira que junho de 2013 nos lembrou que “política” não é apenas aquilo que fazem os políticos, seria um erro olhar apenas para o tipo de protesto de rua que foi dominante na época e julgar que, caso eles não sejam tão grandes, os movimentos fracassaram. Porque a tendência desde o ano passado é que, à medida que este tipo de protesto refluiu (seu auge tendo sido o único e breve momento em que posições de esquerda, centro e direita de fato se misturaram), o dissenso ia se espalhando e diversificando em sua composição política e social. Desde então, temos visto um número cada vez maior de protestos contra a violência policial nas favelas, ocupações urbanas, a ascensão do MTST em São Paulo, o #OcupeEstelita⁶ em Recife, greves – muitas das quais selvagens, o

4 Leia o artigo *There will have been no World Cup*, publicado no site da Aljazeera em <http://aje.me/STj7fB>. (Nota da IHU On-Line)

5 Veja mais sobre o tema nas Notícias do Dia do IHU, em <http://bit.ly/1qbBxq7>. (Nota da IHU On-Line)

6 Veja em <http://direitosurbanos.wordpress.com/ocupeestelita-0/ocupeestelita/>.

que também é sintomático. Estas últimas, por exemplo, podem ter um impacto muito mais grave sobre a Copa que as manifestações de rua.

Não estamos diante de um movimento, mas de um *momento* – ou, antes, de um sistema-rede em constante diferenciação, do qual o “Não vai ter Copa” já é, ele mesmo, uma mutação.

Por um lado, isso significa que as ações de um grupo ou segmento criam oportunidades para outros, de forma que diferentes movimentos agem “no vácuo” uns dos outros sem que necessariamente precisem coordenar-se entre si. Por outro, o que ocorreu e segue ocorrendo é uma transformação subjetiva: as pessoas estão redescobrando o poder e o prazer da ação coletiva, estão ficando menos tolerantes com aquilo que veem como abusos. Os petistas dizem que, por trás das greves, estão os partidos de esquerda que sempre agitaram contra o governo. Pode ser, mas a pergunta é: se a agitação sempre esteve lá, porque só agora ela está surtindo efeito? Como diria Michel Foucault⁷, invertendo Étienne de

“Os movimentos sociais têm falado exatamente sobre como essa reprodução da desigualdade social segue funcionando, e como algo como a Copa serve para reforçá-la”

La Boétie⁸, estamos vendo um crescimento da “inservidão voluntária”, da “indocilidade refletida”. E, como diria Spinoza⁹, quanto mais as pes-

soas descobrem a alegria de sua própria força, mais a exercem, e quanto mais a exercem, mais força têm. Reações como a do governo de São Paulo, que responde aos metroviários com violência e demissões, me parecem brincar com fogo, porque subestimam profundamente esta transformação.

Descompasso

O aspecto mais importante deste momento é que ele tornou visível e reforçou um descompasso entre a política tal como ela se exprime no corpo social e a política tal como ela é representada pelo sistema político. Qualquer tentativa de ler a primeira nos termos da segunda é necessariamente falha, porque uma crise de representação é justamente quando a segunda se torna insuficiente para dar conta da primeira. É significativo que, nas últimas pesquisas, Dilma caia sem que ninguém suba. Há um número crescente de pessoas que prefeririam uma opção que por hora não existe, o que não impede muitas delas de, na última hora, optar por aquela, entre as disponíveis, que elas acham menos pior. Essa outra opção vai aparecer? O que acontecerá se ela não aparecer? É cedo para dizer.

Mas é um equívoco achar que a paisagem pós-junho possa ser contida dentro das coordenadas que existiam antes: há novos atores, novos alinhamentos, novas posições. É muito primarismo achar que, se até ontem só “x” e “y” eram críticos do governo, quem hoje o critica é necessariamente ou “x” ou “y”. Estamos passando por uma redefinição de coordenadas políticas; quanto tempo vai levar para que o sistema político reflita essa mudança, e como isso se dará, não se sabe. Mas fingir que ela não existe pode, por diversos motivos, se tornar cada vez mais insustentável. Também pode, no médio ou longo prazo, cobrar um custo político alto dos atores de quem se esperaria estar sensíveis a ela.

do um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento, disponível em <http://bit.ly/RPZqQi>. (Nota da IHU On-Line)

7 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido à sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault:

edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e o discurso racional em debate, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Terne, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. Confira a edição 343 da IHU On-Line que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem13> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

8 Étienne de La Boétie (1530-1563): jurista e escritor francês, fundador da filosofia política moderna na França. (Nota da IHU On-Line)

9 Baruch Spinoza (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considera-

Tema
de
Capa

Destques
da Semana

**IHU em
Revista**

Artigo da Semana

O poder pastoral, a economia política e a genealogia do Estado moderno

O filósofo Castor Ruiz articula conceitos de Foucault e Agamben para buscar compreender Estado e Governo

POR CASTOR RUIZ

Para Foucault, a prática política que tinha por objetivo cuidar e governar a vida dos outros nas sociedades antigas era associada à figura do rei-pastor. A isso ele designa o “poder pastoral”. Agamben, por sua vez, trabalha a ideia de uma “teologia econômica”, remetendo a *oikonomia divina* – o governo divino do mundo, da providência, da liberdade e dos ministérios. “As pesquisas de ambos os pensadores se cruzam na noção de governo”, aponta o filósofo Castor Ruiz, neste artigo em que se debruça sobre o tema.

Castor Bartolomé Ruiz é professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras,

das quais destacamos: *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003); *Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006). Leia, ainda, o livro eletrônico do **XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana**, no qual Castor contribui com uma reflexão – *A exceção jurídica na biopolítica moderna*, disponível em <http://bit.ly/castor343>.

O professor está ministrando o curso *Estado, governo e tecnologias biopolíticas: Foucault e Agamben*, na Unisinos, em São Leopoldo, cuja programação começou em 10 de março e segue até 30 de junho. Mais informações estão disponíveis em <http://bit.ly/CastorFeA>.

Confira o artigo.

1. Há uma consolidada tradição que atribui a origem do Estado moderno, conjuntamente com seu aparato burocrático, às revoluções políticas dos séculos XVII e XVIII. Nesta perspectiva, a gênese do Estado moderno teria acontecido na ruptura política com os regimes de soberania absoluta, instaurando em seu lugar, de forma imediata, outros tipos de regimes políticos acordados com o Estado de direito moderno. Essa ruptura se teria legitimado e

consolidado a partir das filosofias que apresentavam a noção de estado de natureza humano diferente do estado de sociedade e concebiam a constituição da sociedade como resultante de um contrato social. A noção de contrato social teria sido o elo da nova ordem social em que o Estado de direito, junto com o mercado, se consolidaram como instituições hegemônicas.

Sem dúvida que as revoluções políticas burguesas e as concepções

filosóficas contratualistas são responsáveis, em grande medida, pela construção, legitimação e manutenção dos aparatos formais do Estado de direito. Essa é uma das grandes contribuições que estas filosofias fizeram e continuam a fazer para a contemporaneidade. Ao formular e desenvolver os princípios formais do direito, como a liberdade e a igualdade, como critérios reitores das instituições modernas, propiciaram uma isonomia

formal de todos perante a lei, assim como o desenvolvimento de procedimentos e regulamentos de liberdade e igualdade formal de direitos acabaram com a lógica do poder absoluto e a desigualdade estamental vigente nas sociedades tradicionais.

Neste ponto cabe questionar dois aspectos: 1) por que o mero reconhecimento e desenvolvimento à exaustão dos princípios formais não consegue neutralizar os autoritarismos e totalitarismos modernos que se instalam no marco das liberdades formais, assim como as desigualdades estruturais e sociais que não cessam de se alargar em escala global; 2) cabe questionar-se também se esta incapacidade do procedimentalismo para penetrar nas contradições contemporâneas não exige pesquisar uma outra genealogia dos dispositivos de poder a partir da qual também se teceram a lógica do Estado e a racionalidade do mercado modernos.

2. Instigados pelas contradições inerentes e persistentes no Estado de direito e no mercado modernos, diversos pensadores contemporâneos tentaram pesquisá-las em outras perspectivas. Já Max Weber¹ apresentou um excelente estudo sobre as profundas conexões havidas entre a “Ética protestante e o espírito do capitalismo”. Outros autores contemporâneos da teoria crítica como Horkheimer²,

Adorno³, Arendt⁴, Benjamin⁵, produziram estudos imprescindíveis nesta linha. Também recentemente, M. Foucault⁶

e G. Agamben⁷ pesquisaram conexões

saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e o *discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Terres, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Confira a edição 343 da IHU On-Line que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon13> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

7 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e Arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A Linguagem*

1 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada Max Weber. *A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber, o IHU publicou, em 2005, *Cadernos IHU em formação* nº 3, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

2 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

3 Theodor Adorno [Theodor Wiesengrund Adorno] (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista IHU On-Line, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon386>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

4 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas, 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon168> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon206>. Veja também, na edição 207 de 04-12-2006, a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, de Michelle-Irène Brudny, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. (Nota da IHU On-Line)

5 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

6 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido à sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o

mais íntimas do capitalismo, especificamente da economia política, com o poder pastoral (Foucault) e com a teologia econômica (Agamben). As pesquisas de ambos os pensadores se cruzam na noção de governo.

A prática e o discurso dominante na contemporaneidade é o da economia política, que penetrou e absorveu o conjunto das instituições modernas, inclusive a própria racionalidade do Estado de direito. O cerne discursivo da economia política é o do governo da vida humana. A economia política não se faz sobre as coisas, mas se realiza como governo das pessoas. Economia é sinônimo de governo dos outros. Neste ponto, a economia se torna biopolítica, uma política cujo objetivo é o governo da conduta dos outros. A economia política tem por escopo administrar pessoas, gerenciar condutas, liderar processos, dirigir equipes, gerir comportamentos, e um amplo vocabulário em que o verbo é sempre sinônimo de governar e o complemento verbal é sempre um ser humano, uma população que deve ser gerenciada e governada.

Foucault e Agamben mostram, de forma diversa, que os discursos da soberania se diferenciam qualitativamente dos discursos e das práticas

“A noção moderna de economia política, para os gregos, seria um absurdo, uma contradição performativa dos termos”

de governo, por isso a genealogia das práticas de governo implementadas pela economia política remetem a outro campo discursivo, diferente das teorias da soberania. Foucault investigou a tese de que as noções de governo dos outros e governo das populações remetem às práticas de poder pastoral. Agamben, diferentemente, defendeu a tese de que a economia política moderna encontra seu aparato conceitual já amplamente desenvolvido na teologia cristã que, desde o século II até o século XVII, discutiu longamente o conceito de *oikonomia divina* a respeito do governo divino do mundo, da providência, da liberdade e dos ministérios, oferecendo o discurso teológico da *oikonomia* muito amadurecido nas mãos dos economistas modernos, que só fizeram secularizá-lo na nova conjuntura governamental.

3. A noção de cuidado da vida assim como o governo dos outros eram completamente alheios à *polis* grega. A política grega se caracterizava pela isonomia dos cidadãos, a autonomia dos sujeitos e autogestão na *Ágora*. A *oikos* (casa) era o espaço onde se administrava a vida, onde se governavam os outros, onde se cuidava da vida dos outros. Como bem referencia Aristóteles⁸, a *oikos* era o espaço do

governo dos outros, *oikonomia*, por isso não era considerado um espaço político. E vice-versa, o espaço político não poderia incluir a administração da vida, nem o governo dos outros, porque na *Ágora da polis* todos são iguais e tudo se decide por deliberação democrática. São duas práticas antagônicas, para os gregos. Na *polis* vigora a isonomia e a democracia, na *oikos* rege a hierarquia e a soberania. No entanto, na modernidade, elas se tornaram sinônimos. A noção moderna de *economia política*, para os gregos, seria um absurdo, uma contradição performativa dos termos. Ou é economia (governo hierárquico da vida dos outros) ou é política (autogoverno democrático dos sujeitos). A questão que cabe pesquisar é como isso aconteceu na modernidade.

Foucault, na sua obra *Segurança, Território e População* (São Paulo: Martins Editora, 2008), apresenta a tese de que a prática política que tinha por objetivo cuidar e governar a vida dos outros nas sociedades antigas era associada à figura do rei-pastor. A denominação do rei como pastor se encontra amplamente documentada nas principais civilizações da Antiguidade, exceto nos gregos. O Faraó era denominado pastor, os persas atribuíam ao rei o título principal de pastor, os sumérios, babilônios e certamente o povo hebreu desenvolveram a figura do pastor como título do governante.

A figura política do pastor está longamente documentada nas principais sociedades da Antiguidade. De forma muito especial, a figura bíblica do pastor teve grande repercussão posterior na concretização do pastorado cristão, que por sua vez influenciou diretamente os discursos da governamentalidade moderna, como veremos a seguir. Porém, o simbolismo do pastor como governante não é criação do povo hebreu, senão que um registro comum às principais culturas e sociedades da Antiguidade.

pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

e a morte (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); Estado de exceção (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao *XIV Simpósio Internacional IHU - Revoluções tecnocientíficas, culturais, indivíduos e sociedades*. (Nota da IHU On-Line)

8 Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de

O pastor tem a responsabilidade principal de cuidar e governar bem o rebanho. O pastorado está associado a estas duas grandes categorias de cuidado e governo dos outros. O bom pastor é aquele que cuida e governa os outros para bem do rebanho, sem procurar tirar proveito próprio nem explorar o rebanho. O mau pastor é aquele que se aproveita do cuidado e do governo dos outros para seu benefício próprio. O bom pastor sabe das necessidades do rebanho e providencia os melhores pastos e caminhos para seu conforto; o bom pastor defende o rebanho, se arrisca por ele preservando-o dos perigos que possam assediá-lo. Há uma longa literatura que debate os critérios do bom e do mau pastor; inclusive, como desenvolve a literatura bíblica, o bom pastor há de saber sacrificar-se pelo rebanho quando necessário for, já que o objeto de seu pastorado não é ele mesmo, mas o bem do rebanho. Jesus Cristo inverterá esta relação, ele mesmo se tornará o “cordeiro” que se oferece em sacrifício, de uma vez e para abolir todos os sacrifícios.

4. Embora o poder pastoral e a *oikos* tenham por objetivo o governo da vida humana, há uma diferença significativa entre o pastorado e a *oikos*, entre o modo de governar do pastor e o do *kyrios* (senhor) da *oikos*. Na *oikos* ou *lar* (romano) vigora o poder soberano (*pater familias romano*), o governo é feito de forma soberana, absolutista, com poder de vida e morte sobre todos os membros da casa. Não se tem conhecimento de discursos a respeito da necessidade do *kyrios* ou *dominus* sacrificar-se pelo bem dos outros, já que todas as vidas das *oikos* e dos *lares* estavam, por definição, a serviço dos interesses dos seus senhores.

A política foi criada na Grécia como o espaço de desenvolvimento da autonomia dos cidadãos, ainda que na verdade era restrito aos homens livres e eupátridas, que era uma ínfima minoria dos habitantes da *polis*. Contudo, o valor da política consistiu em ter criado este espaço inédito de isonomia e autonomia entre cidadãos, absolutamente desconhecido em qualquer outra

sociedade. No espaço da política, ninguém é governado por ninguém, todos se autogovernam. A essência da democracia grega está no exercício direto do poder, sem mediações de outro, nem governos dos outros. Aquele que não tem possibilidade de governar-se, não tem o direito de exercer a política na democracia. A política exige o exercício da autonomia direta e não consente sequer a delegação das deliberações ou a representação, que é sempre uma negação da democracia.

É certo que o político, como o pastor, também tem seu lado obscuro ou pervertido. O mau político é aquele que se vale da suposta autonomia para convencer falaciosamente os outros, neste caso a democracia vira demagogia. Como diz Aristóteles, o mau político se torna demagogo, mantém a aparência formal da autonomia política, enquanto prática a falácia da demagogia. Da mão dos demagogos a democracia se perverte numa demagogia; esta, no sentido estrito do termo, significa *arte de conduzir ou governar o povo*. Assim como a pedagogia é a arte de conduzir as crianças, que por definição ainda necessitam de cuidados e condução, a demagogia perverte a autonomia política transformando-a numa técnica ou arte de condução dos outros. Não é difícil encontrar paralelismos contemporâneos desta problemática, que tornaram nossas democracias modernas muito próximas do que poderíamos denominar: *demagogias de massas*.

5. Independentemente da atitude boa ou má do pastor ou do político, há algumas diferenças qualitativas entre o poder pastoral e a política. O poder pastoral desenvolve o cuidado dos outros, o cuidado da vida na forma de bom governo, enquanto a política tem por princípio o autogoverno dos sujeitos, a autogestão e autonomia. Independentemente de que exista um bom ou mau uso do poder pastoral ou da política, fica claro que ambas as formas de poder lidam de modos diferentes com a vida e com os sujeitos. A política, por princípio, não se ocuparia daqueles que necessitam cuidados, qualquer forma de cuidado dos outros foge ao escopo originário

da política, que é a autogestão e autonomia dos sujeitos. Por outro lado, o poder pastoral, ao centrar-se no cuidado dos outros, ajuda e apoia aqueles que dele necessitam, porém inibe a autonomia, ou como mínimo não a desenvolve. O poder pastoral é fundamental para cuidar os outros quando necessitam, porém ele pode ser um grande entrave para a autonomia dos sujeitos. Aquele que é cuidado o tempo todo, perde capacidade de decidir por si mesmo. De outro lado, a pura política deixaria de lado a preocupação com aqueles que não conseguem se valer por si, e, no entanto, em muitas ocasiões, algumas pessoas necessitam de apoios e cuidados porque não têm possibilidades ou capacidades suficientes para valer-se por si mesmas. Neste caso, a política que apela para autonomia e autogestão de si, aparece, para as pessoas que necessitam e não podem, como um discurso formal correto, porém vazio de sentido.

Nesta análise, fica transparente que em ambas as formas de poder há uma limitação interna a respeito da vida humana e uma tensão entre si a respeito dos sujeitos. A política se omite do cuidado daqueles que não podem, o pastorado cuida dos que necessitam com perigo de inibir a autonomia possível. *Mutatis mutandis*, podemos ver refletida contemporaneamente esta tensão, por exemplo, em algumas das denominadas políticas públicas compensatórias ou assistenciais. São políticas destinadas a compensar necessidades da população, elas são extremamente necessárias para aqueles que vivem em estado de necessidade, já que sem elas encontrar-se-iam vulneráveis e carentes de aspectos fundamentais da sobrevivência humana. Porém, se estas políticas públicas perdurarem por muito tempo ou se aplicarem de forma indiscriminada, podem desenvolver, de um lado, uma atitude paternalista de dependência dos poderes do Estado, do qual se espera que resolva tudo de forma generalizada, e concomitantemente desenvolver-se-ia uma atitude assistencialista que gera dependência de um outro superior. De outro lado, os governantes do Estado aliciavam as pessoas e populações que obtêm

benefícios públicos permitindo obter mais votos através de políticas assistenciais. As políticas públicas são um exemplo concreto, uma versão contemporânea, do poder pastoral, que refletem a tensão histórica entre o pastorado e a política. O que está em questão não é a bondade ou maldade intrínseca de alguma das formas de poder (pastorado ou política), mas as estratégias que os conjugam e as táticas que os desenvolvem. Especificamente, como veremos, a noção de *economia política* moderna operou uma estratégia precisa que transtrocou os modos de condução governo da vida (pastorado) em formas políticas com aparência de democracia, anulando os espaços da autonomia e deliberação dos sujeitos e tornando nossas democracias, cada vez mais, regimes de administração da vida, de condução das populações, de gerenciamento de desejos, de direcionamento de tendências, etc.

6. Embora a figura do pastor encontra-se em Homero⁹, Pitágoras¹⁰, Isócrates¹¹, Demóstenes¹², inclusive no próprio Platão¹³, a noção de po-

9 Homero: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: *A Ilíada* e *a Odisseia*. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da IHU On-Line)

10 Pitágoras de Samos (570 a.C.-497 a.C.): filósofo e matemático grego, fundador de uma escola mística e filosófica - a Escola Pitagórica. (Nota da IHU On-Line)

11 Isócrates (436 a.C.-336 a.C.): orador e retórico ateniense. (Nota da IHU On-Line)

12 Demóstenes (384 a.C.-322 a.C.): orador e político grego de Atenas. (Nota da IHU On-Line)

13 Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009,

“Para Foucault, a prática política que tinha por objetivo cuidar e governar a vida dos outros nas sociedades antigas era associada à figura do rei-pastor”

der pastoral não foi assumida como modelo de governo na Grécia antiga. O cruzamento da cultura grega com o poder pastoral ocorrera em vários momentos. Já em Fílon de Alexandria¹⁴ (entre 10 e 50 d.C.), um filósofo neoplatônico judeu, encontramos vários escritos desenvolvendo a noção de poder pastoral como forma de governo. Contudo, foi o cristianismo que consolidou ao longo de mais de XVII séculos o discurso e a prática determinada do poder pastoral na forma de pastorado cristão. Este discurso e prática desembocaram diretamente nos teóricos da economia política moderna.

Como não poderia ser de outra forma, o cristianismo desenvolveu o poder pastoral de forma paradoxal. O pastorado cristão cuidava e controlava, ajudava e conduzia. Era um poder que concomitantemente com o cuidado dos outros realizava a condução de suas vidas. O pastorado cristão de-

intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em . (Nota da IHU On-Line)

14 Fílon de Alexandria (10 a.C.-50 d.C.): filósofo judeo-helenista que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do antigo testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. (Nota da IHU On-Line)

envolveu, desde o século V até século XVI, as artes de cuidado e governo dos outros associados ao regime estamental do feudalismo. Esta aliança fez com que o pastorado cristão da alta e baixa Idade Média se caracterizasse por consolidar o modo de subjetivação do súdito, fundamentado na obediência como virtude principal. Por sua vez, o pastorado cristão manteve uma certa distinção das formas de soberania absoluta praticada pelos príncipes e senhores feudais. Ao longo destes séculos, o poder pastoral sustentou sua especificidade como forma de governo dos outros, sem fundir-se com as formas de soberania representadas pelos nobres, senhores feudais e príncipes. Esta especificidade fez do cristianismo uma experiência política singular em vários aspectos, pois mesmo com as profundas alianças e cumplicidades havidas entre os poderes políticos feudais e o poder pastoral, o cristianismo manteve a peculiaridade do pastorado como forma de cuidado, governo e condução dos outros, diferenciada da soberania política.

A inversões e perversões do pastorado cristão a respeito do modelo do bom pastor, na forma de um poder controlador extremo e produtor da subjetivação do súdito, provocaram durante séculos inúmeras reações, denominadas por Foucault de *contracondutas*. Estas reações visavam retornar ao ideal do pastorado como serviço aos outros e não como domínio dos outros. É fácil identificar nessas contracondutas muitas das reformas religiosas, os novos carismas, os novos movimentos religiosos, etc. Essas reações ou contracondutas insurgentes contra o pastorado cristão dominante não deixavam de ser elas mesmas formas de poder pastoral, uma vez que propunham refundar o verdadeiro objetivo do pastorado. Nesta perspectiva, seria pertinente reescrever a história da Igreja como uma história das práticas pastorais, de suas lutas, inovações, imposições, insurgências e novos métodos.

7. Ao longo destes séculos, o pastorado cristão manteve a característica principal do poder pastoral antigo, que por sua vez será o mote a partir do qual se tecerá o discurso da economia política moderna. O que

caracteriza o poder pastoral é que a noção de cuidado e governo envolve tanto a totalidade do rebanho como a singularidade de cada ovelha. Ou seja, o poder pastoral se preocupa de governar o todo e cada um, *omnes et singulatim*. O poder pastoral se caracteriza por preocupar-se em pensar a forma de governo para articular o bem geral do todo (o rebanho) com o conhecimento particular de cada ovelha. O critério para o bom governo não se encontra na vontade do pastor, como sustentam as teorias da soberania, mas na realidade daqueles que devem ser governados: o rebanho na sua totalidade e os indivíduos na sua singularidade. O bom pastor deve conhecer cada ovelha, saber de suas necessidades, potencialidades, limites. O conhecimento singular de cada indivíduo em suas peculiaridades é critério de um bom governo pastoral. De igual forma, para melhor poder conduzir a totalidade do rebanho, o pastor deve ter noção do todo desse rebanho: de quantas ovelhas são, de quanto consomem cada dia de alimento, de quanta água necessita todo o rebanho, da dimensão dos abrigos necessários para proteger a todos. O conhecimento do rebanho exige técnicas peculiares de governo como uma totalidade, *omnes*, que são diferentes e complementares das técnicas de governo de cada indivíduo na sua especificidade, *singulatim*. O bom pastor deve conhecer cada ovelha, se está enferma ou sadia, jovem ou velha, se tem alguma dificuldade ou suas habilidades. O conhecimento do *singulatim* lhe permitirá tomar decisões apropriadas a respeito desse indivíduo, que repercutirá no bem do rebanho. O poder pastoral desenvolveu ao longo dos séculos a articulação destas duas dimensões como parte constitutiva desta forma de governo.

8. Para Foucault, a genealogia do Estado moderno é conexa com a genealogia da governamentalidade. O específico do Estado moderno não são as teorias da soberania, que já se encontravam na Grécia clássica, mas as técnicas governamentais que possibilitaram introduzir o governo da vida humana como característica da política moderna. O Estado moderno não inventou a democracia nem seus mo-

dos, ele os imitou dos antigos, porém inovou criando dispositivos governamentais através dos quais inseriu o governo da vida humana, a condução dos outros, como parte da política moderna. As técnicas de governamentalidade foram desenvolvidas por vários discursos e práticas: medicina, urbanismo, trabalho, etc., porém foi a economia política que sintetizou todas elas e deu formas às novas estratégias de governo em escala estatal.

Foucault defende a tese de que o Estado moderno é o resultado dos dispositivos de governo, um resultado fruto do complexo processo de técnicas governamentais que confeccionaram seus aparatos burocráticos, seus métodos de gestão, e suas instituições conexas. O Estado é o produto das técnicas de governo, e sua existência e continuidade é correlativa a elas. Esta tese desenha a hipótese provável segundo a qual a transformação do Estado deverá acontecer de forma interna, através da transformação de seus dispositivos de governo e suas técnicas de gestão.

9. Até metade do século XVIII, as técnicas governamentais desenvolvidas principalmente pela incipiente economia política estavam atreladas ao modelo da soberania, ao poder absoluto dos monarcas. Nesta lógica, as técnicas de governo encontravam-se engessadas pelo decisionismo do soberano que se instituiu princípio e finalidade das próprias técnicas de governo. Os teóricos cameralistas e mercantilistas sofreram em seus modelos de governo estas restrições, por isso não conseguiram pensar técnicas de governo econômicas diferentes do modelo clássico da *oikos*.

Como e quando foi possível pensar os novos dispositivos e tecnologias da governamentalidade moderna? Para que isso acontecesse, foi preciso abandonar o modelo de gestão clássico que concebia o soberano governando sabiamente a *oikos*. No lugar do modelo limitado do governo da *oikos* foi introduzida a categoria de população. O que a nova economia política deveria governar era a população. Esta, por sua vez, foi ressignificada simbolicamente como a dimensão biológica da espécie humana. Este novo recorte simbólico-conceitual da

população possibilitou introduzir a categoria do mercado como entidade natural reguladora das relações humanas. O surgimento de novos saberes como a estatística (ciência do Estado) e a demografia contribuíram significativamente para identificar na população a principal variável econômica a ser governada.

Um exemplo ilustrativo deste momento crítico ficou refletido no verbete que Rousseau¹⁵ escreveu para a Enciclopédia de 1755, intitulado: *Economia Política*. Rousseau, que se destacou por construir uma teoria da soberania baseada no conceito de contrato e cidadania na obra *O contrato social* (Porto Alegre: L&PM, 2007), reconhece neste verbete que a definição moderna de economia deve ser entendida como arte de governo, e que esta não tem mais como referência a *oikos*. O objetivo da nova economia política, segundo Rousseau, é governar da melhor maneira possível e com a máxima eficiência visando à felicidade dos homens.

O novo discurso governamental construído pelos fisiocratas, principalmente pelo liberalismo e mais recentemente pelo neoliberalismo, entendeu que as novas técnicas de governo tinham como referência principal o conceito de natureza, mais concretamente o de natureza humana. O que as novas formas de governo devem aprender a governar são as expectativas, anseios e tendências da natureza humana, constitutiva da população. O governante moderno não pode impor a sua vontade contra a natureza da população, ele deve conduzir, e se necessário for, produzir as aspirações

15 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da IHU On-Line, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da IHU On-Line)

da população de tal modo que essas aspirações venham a coincidir com as metas previstas por seu governo. Em suma, o ideal do governo moderno é produzir a natureza da população, ou seja, criar seus desejos, modelar suas tendências, formatar seus hábitos, forjar suas expectativas. O bom governo é aquele que consegue criar dispositivos e técnicas que governam a população de tal modo que os desejos e a natureza desta coincidam com as metas previstas por aquele.

A população aparece como figura secularizada do rebanho. A governamentalidade do Estado moderno haverá de cuidar do rebanho, a população, encontrando em sua natureza a referência para seus dispositivos de governo. A potência do Estado depende diretamente da qualificação de sua população. Esta é a nova variável que originará os discursos e práticas da economia política. Cuidar bem da população é sinônimo de potencializar a riqueza do Estado. Este cuidado é em si mesmo paradoxal porque se cuida a população enquanto significa riqueza real ou potencial para o Estado. Porém, quando essa população se tornar inútil, o Estado também tenderá a suspender o cuidado sobre ela e a abandonará à sua sorte. O cuidado da população está perpassado pelos princípios da utilidade, da eficiência e do lucro. Ela é cuidada por ser útil, e será abandonada quando não se tornar improdutiva. A relação direta da economia política com o governo da vida humana a torna, cada vez mais, uma biopolítica. Foucault acunhou uma conhecida máxima da biopolítica moderna que diz: “o poder soberano faz morrer e deixa viver, o biopoder faz viver e deixa morrer”.

10. O específico da economia política moderna é seu objetivo de governar a população a partir da sua natureza. O que está em destaque nas artes de governo modernas é o governo da natureza ou o governo segundo a natureza das coisas, mais especificamente a natureza humana. Esse novo modo de governo enfrentava, nos seus primórdios, a peculiaridade de ter que governar uma totalidade, a população, devendo conhecer a singularidade de cada in-

“O simbolismo do pastor como governante não é criação do povo hebreu, senão que um registro comum às principais culturas e sociedades da Antiguidade”

divíduo. Esta problemática da economia política moderna remete *stricto sensu* aos métodos do poder pastoral onde o bom governo se realiza na intersecção do *omnes et singulatum*. Por outro lado, cabe resenhar que a denominada economia política não existia como tal antes do século XVIII, e que os temas que ela destaca encontravam-se dentro dos tratados de moral, mais concretamente, de teologia moral. Não é por acaso que os primeiros e principais economistas eram todos eles formados em filosofia moral, e quase todos em teologia. Destarte, vemos reaparecer a economia política moderna como uma espécie de secularização dos dispositivos clássicos de poder pastoral e, ainda, segundo Agamben, a secularização dos dispositivos da teologia *oikonomica*.

11. É pertinente fazer um destaque à inversão e captura que a liberdade humana sofreu nos dispositivos governamentais modernos. A noção moderna de liberdade está referenciada à natureza. Somos livres por natureza e identifica-se a liberdade com os desejos naturais dos indivíduos. Para o indivíduo moderno, ser livre é poder realizar o que deseja. Por isso, sente-se mais livre quanto mais

desejos consegue realizar. Este modelo moderno e liberal de liberdade foi forjado para se ajustar às demandas requeridas pelos dispositivos governamentais que o Estado e mercado modernos não cessaram de produzir. Sendo o objetivo da governamentalidade conseguir gerenciar a natureza da população de modo que suas aspirações venham a coincidir com as metas do governo, o ideal do governo moderno é gerenciar a liberdade para que o exercício desta se direcione aos objetivos daquele. Como isso é possível?

Ao identificarem os indivíduos sua liberdade com a realização dos seus desejos, o ideal do governo moderno será conseguir produzir os desejos dos indivíduos, e consequentemente da população; de tal modo que ao realizar o que eles desejam estão executando os comportamentos induzidos pelos dispositivos externos. Os dispositivos governamentais tendem a governar a população produzindo seus comportamentos, administrando suas aspirações, gerenciando suas habilidades, para tanto, e entre outras técnicas, utiliza-se a indução dos desejos e a fabricação da liberdade. Neste contexto, fabrica-se a liberdade como um quesito importante para o bom funcionamento dos dispositivos governamentais. O deste dispositivo governamental encontra-se plenamente ativo na denominada sociedade de consumo. O consumismo é o resultado de uma ingente constelação de dispositivos produtores de desejos, indutores de condutas, formatadores de hábitos que sujeitam os indivíduos numa sensação de liberdade permanente de ter o que se deseja.

É importante destacar que estes processos governamentais não acontecem de forma linear ou unilateral. Há complexidades, sinuosidades, resistências, confrontos, diferenças. A governamentalidade econômica moderna consegue ser hegemônica, mas, ainda, não conseguiu a totalidade de uma imanência absoluta. Porém, não se pode deixar de reconhecer que o ideal a que aspiram os dispositivos econômicos modernos coincide com o governo total (totalitário) da população. O que está em questão, entre outras

muitas questões, é o sentido da política contemporânea cada vez mais reduzida a um espaço de administração da vida e gerenciamento das condutas dos outros. A política foi capturada pelas técnicas corporativas de governo e esvaziada da autonomia deliberativa dos sujeitos. O corporativismo governamental invadiu quase todos os espaços políticos submetendo a política e o próprio Estado à lógica governamental dos interesses corporativos. Estas novas perspectivas genealógicas abrem pistas para pensarmos possíveis alternativas da democracia efetiva e a autonomia deliberativa a partir da criação de novos dispositivos de autogoverno e autogestão.

12. Nos séculos XVII e XVIII se arquitetaram as bases do Estado e do mercado modernos. Esta arquitetura se alicerçou, entre outras, sobre duas categorias centrais: povo e população. O povo é a categoria que fundamenta todo o alicerce da soberania moderna. O povo é proclamado, formalmente, sujeito da soberania e a ele se lhe atribui a potestas do poder. O povo é sujeito, formal, de direitos inalienáveis. Estas duas características do povo estão registradas em todas as constituições dos Estados de direito modernos. Concomitantemente com a categoria povo, foi emergindo a categoria população. Se o povo é concebido como o sujeito formal dos direitos, a população foi forjada como o objeto de governo. A população é o recorte biológico da vida humana que deve ser governado. A população representa a objetivação simbólica da vida humana como recurso biológico que pode ser governado, instrumentalizado. A população não é um sujeito, mas uma objetivação biológica do coletivo “espécie humana”. Curiosamente, a população não figura como categoria jurídica reconhecida em nenhuma constituição, porém ela é a categoria central de todas as políticas de governo. As estratégias de governo são realizadas sobre a população. A atribuição de direitos é conferida ao povo.

Este recorte simbólico possibilitou caracterizar o humano de forma

bipolar, o mesmo ser humano é concomitantemente povo e população, sujeito de direitos e objeto de governo. Esta é uma bipolaridade paradoxal inerente à arquitetura do Estado e do mercado modernos. Todos os seres humanos somos, para estas instituições modernas, concomitantemente cidadãos sujeitos formais de direitos (povo) e população biológica que deve ser governada. Esta tensão percorre os longos séculos de modernidade e se explicita, por um lado, nas lutas pelos direitos fundamentais em nome do povo; por outro lado, no avanço dos dispositivos de controle, governo e administração da população como recurso natural útil, eficiente e produtivo. A hegemonia atual dos dispositivos econômicos representa a vitória da população sobre o povo, a preeminência da objetivação da vida sobre o sujeito de direitos.

Certamente que estas bipolaridades conceituais não são meras abstrações filosóficas, elas representam a produção discursiva que legitima as práticas do modelo capitalista de produção. O capitalismo não é um sistema econômico-financeiro independente ou concomitante com este debate. Muito pelo contrário, se o Estado moderno é o resultado das artes de governo, o capitalismo é o modo de produção resultante desta lógica bipolar que objetiva a vida humana como recurso produtivo útil a ser explorado à exaustão pelos interesses corporativos, enquanto se mantém o aparato formal do Estado de direito afirmando, também à exaustão, que o povo é sujeito da soberania e sujeito formal de direitos inalienáveis. Estes direitos são fórmulas vazias cujo conteúdo foi tomado pelos dispositivos biopolíticos que governam a vida humana como um recurso natural a mais. Pensar a transformação do Estado moderno implica transformar qualitativamente o modo de produção capitalista. Ambos emergiram conexos e se mantêm numa aliança híbrida e sinuosa de paradoxos bipolares em que se afirmam ao povo como sujeito da soberania e dos direitos e se objetiva a população como recurso natural lucrativo.

Leia mais...

- *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua.* Revista **IHU On-Line**, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBmM8>
- *O campo como paradigma biopolítico moderno.* Revista **IHU On-Line**, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZz3>
- *O estado de exceção como paradigma de governo.* Revista **IHU On-Line**, edição 373, de 12-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nsUUuX>
- *A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin.* Revista **IHU On-Line**, edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/pDpE2N>
- *A testemunha, um acontecimento.* Revista **IHU On-Line**, edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/q84Ecj>
- *A testemunha, o resto humano na dissolução pós-metafísica do sujeito.* Revista **IHU On-Line**, edição 376, de 17-10-2011, disponível em <http://migre.me/66N5R>
- *A vítima da violência: testemunha da incomunicável, critério ético de justiça.* Revista **IHU On-Line**, edição 380, de 14-11-2011, disponível em <http://bit.ly/vQLFZE>
- *Genealogia da biopolítica. Legitimações naturalistas e filosofia crítica.* Revista **IHU On-Line**, edição 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GHWSMF>
- *A bios humana: paradoxos éticos e políticos da biopolítica.* Revista **IHU On-Line**, edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/Hsl5Yx>
- *Objetivação e governo da vida humana. Rupturas arqueo-genealógicas e filosofia crítica.* Revista **IHU On-Line**, edição 389, de 23-04-2012, disponível em <http://bit.ly/JpA8G3>
- *A economia e suas técnicas de governo biopolítico.* Revista **IHU On-Line**, edição 390, de 30-04-2012, disponível em <http://bit.ly/L2PyO1>
- *O advento do social: leituras biopolíticas em Hannah Arendt.* Revista **IHU On-Line**, edição 392, de 14-05-2012, disponível em <http://bit.ly/388crF>
- *O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt.* Revista **IHU On-Line**, edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/KOOxuX>
- *Giorgio Agamben, genealogia teológica da economia e do governo.* Artigo de Castor Bartolomé Ruiz na Revista **IHU On-Line** edição 413, de 01-04-2013, disponível em <http://bit.ly/1aobf9t>.
- *A verdade, o poder e os modelos de subjetivação em Foucault.* Publicado nas **Notícias do Dia**, de 25-09-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/GB38Nt>.
- *Genealogia do governo e da economia política.* Artigo de Castor Bartolomé Ruiz na Revista **IHU On-Line** edição 437, de 17-03-2014, disponível em <http://bit.ly/1jtTFnB>.

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial 20+ Publicar

Instituto Humanitas Unisinos

14.517 curtiram · 3.350 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:

Sobre - Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 14.517 Eventos Promoções

Twitter

IHU @ihu 3 h
'Advogado é custo, engenheiro é produtividade', diz Dilma Rousseff em Nova York bit.ly/19GKVX9
Expandir

IHU @ihu 3 h
Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandrituba bit.ly/16EWS1h
Expandir

IHU @ihu 3 h
O fascínio discreto de Póncio Pilatos. Artigo de Giorgio Agamben bit.ly/1h7ZFkF
Com a imagem correta. pic.twitter.com/G0cZJc2y8B
Ver foto

IHU @ihu 3 h
Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard? bit.ly/16EWNdK
Expandir

Blog

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia

Com ativistas do Greenpeace estão neste momento atrás das grades na Rússia, por terem feito um protesto pacífico contra a exportação de petróleo no Ártico. O artigo de seu comentário, que está ficando cada vez mais conhecido, por sua crítica à intervenção sobre petróleo, sua conclusão. Enquanto isso há um e-mail de cerca de 25 milhões - incluindo o jornalista Dan Pridmore Maclell - que participaram de ações muito mais importantes sobre esta crise e podem fazer o mesmo direito. Ajude-nos a fazer pressão nas autoridades locais para que libertem nossos amigos! Clique em "Postar" para compartilhar!

Instagram

_ihu
Instituto Humanitas Unisinos

29 posts · 70 seguidores · 33 posts



bit.ly/ihuon



[Instagram.com/_ihu](https://www.instagram.com/_ihu)

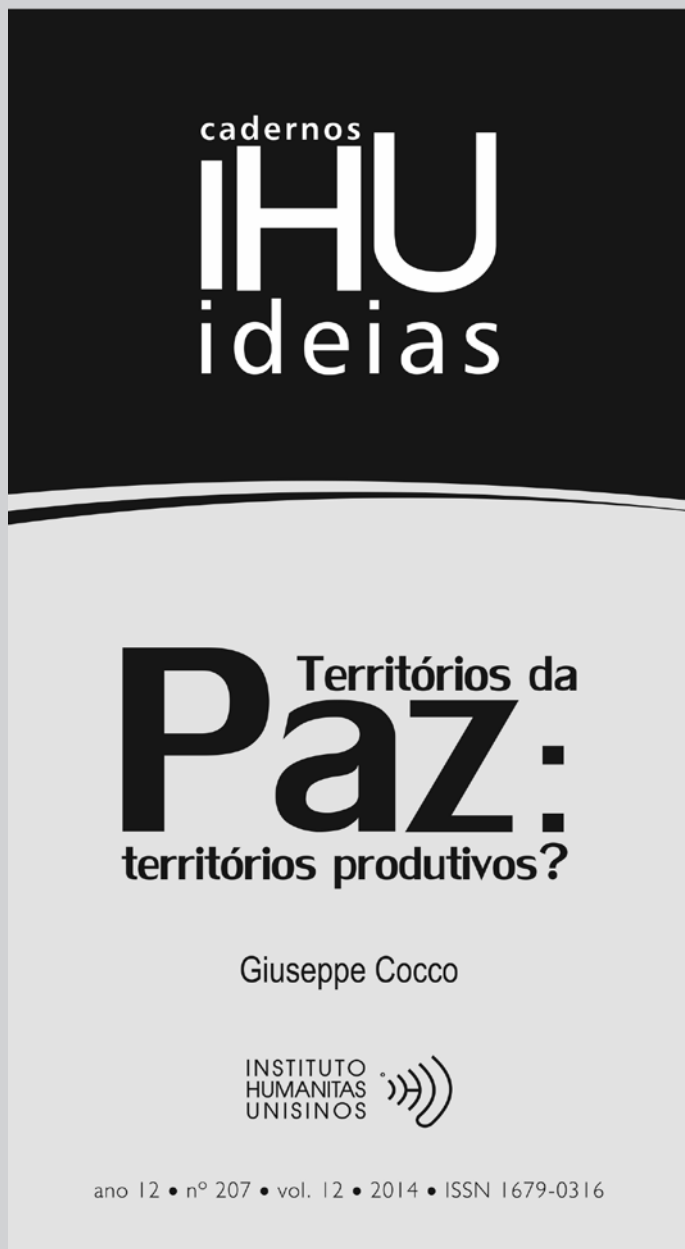


twitter.com/_ihu



unisinos.br/blogs/ihu

Cadernos IHU Ideias



Publicação em Destaque

Territórios da Paz: Territórios Produtivos?

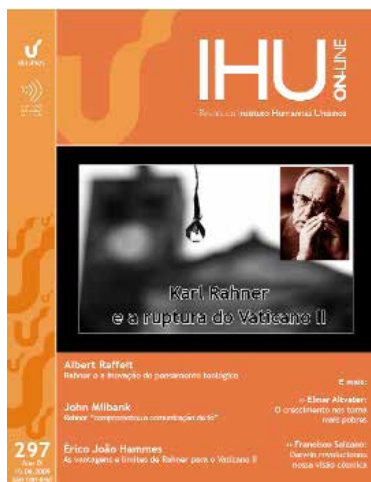
A edição nº 207 dos **Cadernos IHU Ideias** publica *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?*, de Giuseppe Cocco, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. O autor propõe uma série de reflexões sobre as Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs, que, conforme ele enfatiza, estão em crise. A análise é estruturada em três pontos principais: o processo de “pacificação” das favelas no Rio de Janeiro; as “jazidas de crescimento pró-pobres” entre capitalismo e milícias; as políticas de mobilização nas favelas pacificadas. Para isso, Cocco parte da segunda plenária popular organizada no Complexo do Alemão, realizada no dia 17 de março de 2014, na qual foi lançado um manifesto para uma mobilização popular em prol de uma verdadeira paz, disponível em <http://bit.ly/1kT7d0A>.

Conforme Cocco, naquele local, assim como em outros, a UPP “aparece como mera militarização, sem nenhum projeto social. Ao contrário, visa mesmo aumentar a segregação espacial e social. Ao mesmo tempo, a regulação dos pobres no resto da cidade é entregue a um hediondo regime de terror. A única inovação é que agora, de vez em quando, temos acesso às imagens do modo de funcionamento do Estado assassino. O extermínio dos pobres e dos negros não tem, infelizmente, nada de excepcional, pois se trata de uma prática normal. A exceção é composta por duas brechas: a democratização da mídia (como no mais último caso revoltante, o de Claudia Silva Ferreira, uma mãe de oito filhos assassinada e arrastada pelas

forças de um Estado que não tem mais legitimidade, a não ser sua dimensão mafiosa e miliciana) e a mobilização democrática que continua desde junho. No meio desses crimes hediondos do Estado, que todos os dias nos confirmam tristemente, que Amarildo é o nome de uma das milhares de estações que compõem a via crucis da resistência popular nas cidades brasileiras, o envolvimento de governo e congresso com projetos de lei para limitar o direito de manifestação soa como algo ainda mais vergonhoso. O manifesto começa dizendo: ‘Queremos ser felizes e andar tranquilamente na favela em que nascemos’, construído de forma colaborativa e apresentado durante a segunda plenária popular realizada no Complexo do Alemão”.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU Ideias podem ser adquiridas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 55 (51) 3590-8213. A publicação também está disponível em pdf no link <http://bit.ly/1xUdtKC>. Já as demais edições dos cadernos IHU Ideias podem ser acessadas em www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias.

Releia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**.



Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II

Edição 297 – Ano IX – 15-06-2009
Disponível em <http://bit.ly/ihuon297>

Desde o Concílio do Vaticano II, realizado na década de 1960, a Igreja traçou novas perspectivas, renovou-se, marcou sua entrada oficial na modernidade. A construção desse novo paradigma contou com a participação de um dos teólogos mais importantes do século XX, Karl Rahner. Por ocasião do centenário de nascimento de Karl Rahner, em 2004, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o Simpósio Internacional sobre Teologia Pública. Em 2009, quando se celebrou o 25º ano do falecimento do teólogo alemão, a revista IHU On-Line dedicou uma edição especial ao debate do legado da sua obra teológica.

Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação

Edição 435 – Ano XIII – 16-12-2013
Disponível em <http://bit.ly/ihuon435>

“Nada é profano para quem sabe ver.” Nas palavras de Michel de Certeau, a mística é, ao mesmo tempo, estranha e essencial. Já Theodor Adorno, na esteira de Gershom Scholem, propõe que a mística é uma secularização que representa um avanço emancipatório. Dotada destas características, a mística volta a ser destaque nesta edição da IHU On-Line, que reúne pesquisadores, professores e professoras de diferentes áreas do conhecimento.



Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos

Edição 102 – Ano IV – 24-05-2004
Disponível em <http://bit.ly/ihuon102>

A edição foi elaborada sob o impacto do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, cujos debates coincidiram com o centenário de nascimento do teólogo Karl Rahner – assunto ao qual se dedicaram as entrevistas e artigos publicados no tema de capa da revista. A edição também recordou o nascimento do teólogo Yves Congar. Rahner nasceu no dia 5 de março de 1904 em Freiburg, Alemanha. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia em 1932, com a tese Espírito no mundo; foi aluno de Martin Heidegger e, em 1936, doutorou-se em Teologia. Teve sua passagem em 1984, em Innsbruck, na Áustria.



Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale do Sinos

O ObservaSinos é um programa do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que tem como propósito contribuir com as comunidades dos municípios do Vale do Sinos para o conhecimento, análise e debate sobre a realidade vivida e também aquela desejada pela população. Para tanto, reúne, sistematiza e publiciza informações destas realidades a partir de indicadores socioeconômicos acessados em diferentes bases de dados públicas. Contribui também na avaliação das políticas públicas implementadas e o seu impacto na realidade local e regional. Assim, o ObservaSinos pauta-se pelo assessoramento e defesa na garantia de direitos e pela qualificação dos processos de trabalho no campo das organizações, políticas e projetos sociais. Outras informações podem ser obtidas no link <http://bit.ly/obvSinos>, pelo e-mail observasinos@unisinos.br ou pelo telefone 3591-1122, ramal 1139. Conheça algumas das ações:

ObservaSinos

Análise dos indicadores por município e região

O ObservaSinos tem entre seus objetivos a sistematização e análise dos indicadores ambientais, econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos dos 14 municípios que integram a região do Vale do Rio dos Sinos, a partir de diferentes bases de dados públicas. Estes dados sistematizados e analisados são publicados na forma de relatórios semanais, às

terças-feiras, e estão disponíveis nas **Notícias do Dia** e na seção “De Olho no Vale” no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Como as demais ações do programa, a proposta é que a população reúna conhecimento e ferramental analítico para avaliar os dados e indicadores, intervindo na realidade a partir do aperfeiçoamento das políticas públicas.

ObservaSinos

Formação em políticas públicas

Outro objetivo é o desenvolvimento de processos de acompanhamento, formação e articulação com os diferentes agentes para a implementação, monitoramento, avaliação e controle social das práticas e políticas públicas. Neste sentido, o ObservaSinos realizou duas oficinas no primeiro semestre de 2014, voltadas à capacitação para o acesso e análise dos indicadores de realidade, e tem prevista a organização de outras duas atividades no segundo semestre deste ano, direcionadas à capacitação para a análise dos dados das reali-

dades religiosa e ambiental da região. As oficinas são abertas à comunidade e podem ser realizadas também a partir das demandas de cada população. A criação e fortalecimento da Rede de Observatórios atende a este conjunto de ações e tem como resultados concretos a articulação com os observatórios sociais do Estado e a realização conjunta do *IV Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos: território e políticas públicas* entre 29 e 30 de setembro de 2014, no Auditório Central da Unisinos.

ObservaSinos

Promoção dos debates e mudanças

O ObservaSinos tem suas ações voltadas para a publicização e promoção do debate sobre as realidades locais e regional do Vale do Sinos junto à sociedade civil, aos conselhos de direitos e políticas, à comunidade acadêmica e às gestões governamentais. Assim, estão sendo desenvolvidas ações de criação de aplicativos digitais e interativos com dados dos mu-

nicipios e região, entre os quais a criação e atualização de jogos eletrônicos educativos sobre esta realidade e a construção de um totem digital para acesso aos jogos digitais e dados. A estratégia é mostrar a realidade a partir dos indicadores sociais, promovendo o debate e incentivando a intervenção da população nas políticas públicas.